

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS UNISINOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANISMO
MESTRADO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**

LAJEDOS COM GRAVURAS NA REGIÃO DE CORUMBÁ MS

MARIBEL GIRELLI

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

Dissertação apresentada como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em História

São Leopoldo fevereiro de 1994.

PROJETO CORUMBÁ

Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul

Participantes do Projeto

Pedro Ignácio Schmitz IAP/UNISINOS Bolsista do CNPq, Coordenador geral

Maria Angélica Bezerra de Oliveira, Coordenadora da UFMS

José Luis Peixoto, IAP/UNISINOS, Bolsista do CNPq

Jorge Eremites de Oliveira, IAP/UNISINOS Bolsista de CNPq

Jairo Henrique Rogge, IAP/UNISINOS Bolsista do CNPq

Rodrigo Lavina, IAP/UNISINOS, Bolsista do CNPq

Ana Luisa Vietti Bitencourt, IAP/UNISINOS

Sérgio Wilton Izquierdo, UFMS

Ellen Veroneze, UNISINOS

Marco Aurélio Nadal De Masi, IAP/UNISINOS Bolsista do CNPq

Marcus Vinicius Beber IAP/UNISINOS, Bolsista do CNPq

Alberto Damasceno, UFMS

Paulo Marcos Esselin, UFMS

Alunos do Centro Universitário de Corumbá/UFMS

Os dados de campo do projeto e a documentação das gravuras foram produzidos e são responsabilidade desta equipe.

Maribel Girelli fez o trabalho de gabinete e redigiu a presente dissertação como bolsista da FAPERGS e, depois, da CAPES

Financiamento do Projeto: IAP, UFMS, UNISINOS, FAPERGS, CNPq.

AGRADECIMENTOS

No decorrer de três anos de pesquisa, cujo resultado apresentamos neste trabalho, pudemos contar com a colaboração de várias pessoas

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador Dr. Pedro Ignácio Schmitz por me ter iniciado na Pesquisa arqueológica e me ensinado tudo o que sei sobre arqueologia, além de acompanhar todas as etapas deste trabalho, enriquecendo-o com sugestões e facilitando-o sobremaneira.

Agradeço também:

A Jairo Henrique Rogge por ter feito as cópias reduzidas em campo a montagem dos painéis e oferecido as informações sobre a geologia da área pesquisada

A Marcus Vinícius Beber, Jorge Eremites de Oliveira, José Luís Peixoto, Maria Eunice Jardim Schuch e Rodrigo Lavina pelas informações prestadas e pelas indicações bibliográficas.

A Fabíola Andréa Silva e Francisco Noeli por colaboraram com o seu conhecimento em arqueologia e pelo empréstimo de seus livros.

A Luís Alberto Castilhos de Souza pela arte final das ilustrações a Ricardo da Silva Schmidt pelo trabalho datilográfico e a Márcia Fernanda dos Santos pelas traduções dos textos em inglês.

Aos professores e funcionários do Mestrado e a todos os colegas do Instituto Anchietano, que direta ou indiretamente, de sua contribuição a este trabalho.

Finalmente, à Profa. Ítala Irene Basile Becker, a Ivone T. Verardi e a Janaína Ubirece Vencato Trescastro o meu muito obrigado.

RESUMO

A presente estudo refere-se a gravuras rupestres em quatro lajedos horizontais localizados no sopé de morros, no município de Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Encontram-se os mesmos na fronteira entre a vegetação chaquenha e a floresta densa, próximas ao Pantanal, mas fora da influência direta deste.

Busca-se, no estudo, saber como as gravuras foram produzidas, que grafismos foram usados, qual a lógica de sua composição e qual a semelhança com sítios de outras áreas. Para chegarmos a estas respostas utilizamos uma análise tipológica. Depois buscamos o contexto natural e cultural dessas composições. Estas abordagens levam às seguintes conclusões, sugestões e conjeturas:

Os sítios de Corumbá compõem-se de grafismos quase que totalmente geométricos, principalmente círculos e sulcos curvos, produzidos por raspagem e/ou picoteamento.

Os quatro sítios possuem os mesmos elementos mínimos, mesma técnica de produção, tamanho, suporte físico, estruturação de painéis e dos lajedos.

Os conjuntos apresentam-se organizados de duas formas: a primeira é de agrupamentos de grafismos variados e sem conexão, que podem apresentar uma relação claramente intencional, como os agrupamentos de pisadas em fila; a segunda é de longos sulcos incorporando grafismos e acompanhados de outros.

A uniformidade leva a propor que estas formações estão ligadas a uma

mesma cultura arqueológica, que, por exclusão das outras, deve ser a dos construtores de aterros em áreas alagadiças. A quantidade de energia gasta na composição destes imensos painéis, a uniformidade de sua composição temática e estrutural, leva a propor que não se trata de construções ocasionais, mas realizações importantes na cultura dos grupos produtores; os longos sulcos sinuosos, ligando grafismos circulares, característicos do núcleo central de cada um dos sítios, faz conjecturar que talvez estejam representando o ambiente no qual se encontram, isto é, o emaranhado de rios, canais e lagoas, e que tenham um forte sentido ritual, ligado a este entorno; a posição limítrofe, que ocupam entre o ambiente alagadiço do pantanal e a floresta densa da encosta da morraria, limite que separa as culturas mais importantes da área, poderia sugerir, ainda, que os sítios também tivessem uma função ligada à afirmação e defesa de um território.

Buscando semelhanças dos sítios de Corumbá com os de outras áreas, foram encontrados na região do Alto Araguaia e Médio Tocantins estruturas semelhantes no suporte físico, no entorno, na técnica de confecção, na tipologia, na organização dos painéis e dos sítios, que sugerem a existência de um complexo estilístico maior na parte meridional da Bacia Amazônica, partilhado por culturas arqueológicas relativamente diferentes.

SUMÁRIO

RESUMO	5
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO.....	12
1. O ESTUDO DE PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES.....	17
2. A HISTÓRIA DO PROJETO CORUMBA.....	26
3. A REGIÃO DE CORUMBA: AMBIENTE E CULTURAS	34
Introdução.....	34
3.1. O Ambiente Físico	35
3.2. As Culturas	48
4. OS SÍTIOS DE GRAVURAS.....	61
5. O ESTUDO TIPOLOGICO DAS GRAVURAS	86
5.1. Procedimentos.....	86
5.2. Os Resultados da Análise nos sítios individuais.....	91
5.2.1. Os Painéis da Fazenda Moutinho - MS-CP-01	91
5.2.2. Os Painéis da Fazenda Salesianos - MS-CP-02	98
5.2.3. Os Painéis da Fazenda Figueirinha - MS-CP-03	100
5.2.4. O Sítio do Centro de Recuperação (CRMAP) - MS-CP-04	111
5.3. Os grafismos no conjunto dos sítios	111
6. OUTROS SÍTIOS COM TIPOLOGIA SEMELHANTE.....	126

7. O CONTEXTO DAS GRAVURAS DE CORUMBA	132
CONCLUSÕES, SUGESTÕES E CONJETURAS.....	138
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	142
ANEXOS.....	147

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo estudar as gravuras rupestres¹ encontradas sobre quatro lejedos. no sopé da Morraria, nos arredores de Corumbá, Mato Grosso do Sul. A investigação é parte integrante do Projeto Corumbá, inserido no Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul, iniciado em 1985 e executado em convênio entre o Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

No Projeto Corumbá os trabalhos, que deram origem à documentação existente sobre as gravuras rupestres, tema desta dissertação, foram realizados em 1990, 1991, 1992 e 1993 por uma equipe interdisciplinar, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

Em termos nacionais, e mesmo internacionais, ainda não existe consenso com relação ao modo de documentar e, muito menos, estudar e interpretar as pinturas. e gravuras pré-históricas², produzidas em superfícies rochosas.

Em Corumbá, como a pesquisa fez parte de um projeto exploratório, em área intocada, a documentação de campo foi realizada com técnicas tradicionais, sem excessiva sofisticação. Para nosso estudo recebemos a documentação completa, consistindo de cópias em plástico, desenhos, croquis, fotos coloridas e em

¹ Gravura Rupestre: desenho gravado em rocha, podendo ser colorido ou não (Ribeiro, 1991, p.590).

² Pintura Rupestre: desenho realizado sobre rocha com aplicação de pigmentos.

preto-e-branco, mais a descrição detalhada dos sítios³. e do ambiente; também tivemos acesso a todos os materiais e documentos, que se referem aos demais sítios estudados na proximidade dos lajedos. Esta documentação não permite e nós não tínhamos condições de, dar ao material um tratamento analítico complexo. Por isso utilizemos, para esta primeira aproximação, abordagens simples, mas de largo uso no Brasil e na América. São o enfoque tipológico e o contextual simples.

Com isso nossas perguntas foram reduzidas às seguintes questões: como, tecnicamente, os petroglifos⁴ foram produzidos; que simbologia, ou grafismos⁵, foi usada na sua composição; qual a lógica que presidiu à organização de painéis⁶ nos espaços separados, como estes Painéis compõem o conjunto do sítio, como os diversos sítios se relacionam uns com os outros; qual a sua ligação ou semelhança com sítios de outras áreas que usam simbologia e lógica de composição semelhantes; e, finalmente, que significado poderiam ter estes sítios dentro dos ambientes e das culturas que os produziram para seu uso.

A explanação do tema foi disposta da seguinte maneira:

O primeiro capítulo mostra como os Pesquisadores costumam proceder na análise e interpretação de pinturas e gravuras em suportes rochosos.

³ Sítio: sítio arqueológico, é o local onde se encontram vestígios de cultura do passado (op. cit., p.593).

⁴ Petroglifo: ver gravura rupestre.

⁵ Grafismo: unidade mínima no estudo de gravuras e pinturas rupestres, denominação usada por Guidon (1981/82). Também chamado rupestrema Por Consens (1987), signo (Silva, 1992), motivo (Consens, 1989), embora com nuances de sentido.

⁶ Painel: subdivisão topográfica do sítio, isolando conjuntos que parecem ter sido considerados unidades pelo homem Pré-histórico (Prous, 1989, p.12).

No segundo capítulo se apresenta o Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul, com seu Projeto Corumbá, ressaltando os objetivos, trabalhos realizados e resultados obtidos até o momento.

No terceiro capítulo se descreve o ambiente físico e cultural da região, como cenário no qual se realizaram os petroglifos.

No quarto capítulo se apresentam os quatro sítios de petroglifos, que serão estudados.

O quinto capítulo traz a análise tipológica dos sítios de petroglifos, mostrando, primeiro os procedimentos usados e depois os resultados conseguidos.

No sexto capítulo foram comparados os sítios de Corumbá com os de outras áreas de petroglifos produzidos sobre lajedos semelhantes, usando técnicas, simbologia e lógica de composição parecidos.

No sétimo e último capítulo buscamos saber qual o contexto natural e cultural em que os petroglifos foram produzidos, usando o cenário apresentado no capítulo terceiro.

Finalmente colocamos as conclusões, sugestões e conjeturas, que nosso estudo nos permite.

Na apresentação do texto usamos as seguintes estratégias para facilitar a leitura e não sobrecarregar o leitor:

Os termos, cujo sentido possa não ser familiar para o leitor, são reunidos no fim de cada capítulo, indicando com que sentido foram usados.

O trabalho vem ilustrado de forma mínima, colocando os mapas, os croquis, os quadros de tipos, as tabelas e as cópias de painéis representativos de cada sítio. As tabelas que resultaram da análise do material estão colocadas em anexo. O quadro de tipos, apesar de muito grande e incômodo, por ser necessário para a leitura, foi mantido no texto. A cópia completa dos painéis de cada um dos sítios, por impossível de reproduzir nesta dissertação por causa de suas grandes dimensões, mesmo com fortes reduções, pode ser consultada nos arquivos do Instituto Anchieta de Pesquisas.

Em nossas conclusões, sugestões e conjeturas, pensamos poder mostrar que as gravações dos lajedos da área de Corumbá foram produzidas usando o mesmo tipo de suporte, a mesma técnica, a mesma simbologia e a mesma lógica de composição na formação de painéis e sítios. Esta uniformidade nos leva a propor que estas formações estão ligadas a uma mesma cultura arqueológica⁷, que, por exclusão de outras, deve ser a dos construtores de aterros em áreas alagadiças. A quantidade de energia gasta na composição destes imensos painéis, a uniformidade de sua composição temática e estrutural, nos leva a propor que não se trata de construções ocasionais, mas realizações importantes na cultura dos grupos produtores os longos sulcos sinuosos, ligando grafismos circulares, característicos do núcleo central de cada um dos sítios, nos faz conjeturar que talvez estejam representando o ambiente no qual se encontram, isto é o emaranhado de rios, canais e lagoas, que fazem o seu entorno e que, dentro disto, tenham um significado ritual Para a população que os produziu; o fato de serem muito visíveis, de insinuarem caminhos,

⁷ Cultura Arqueológica: conjunto de elementos culturais caracterizadores de uma área, ou de um período, ou de ambos, recuperado por métodos arqueológicos.

passos e ritmos a serem seguidos, de serem muito grandes e se encontrarem em áreas abertas que comportariam grande número de pessoas, nos faz conjecturar ainda que estariam ligados a rituais coletivos e não particulares; a posição limítrofe, que ocupam entre o ambiente alagadiço do pantanal e a floresta da encosta da Morraria, limite que separa as culturas mais importantes da área, poderia sugerir, ainda, que os sítios também tivessem uma função ligada à afirmação e defesa de um território. Finalmente, o fato de que as gravuras da região de Corumbá possam ser classificadas dentro de um grande complexo⁸ estilístico, que se estende Por outros rios da parte meridional da bacia amazônica, mostra que eles partilham com outras populações ao menos um horizonte estilístico⁹, embora em cada área este estilo¹⁰ e seu conteúdo simbólico deva ter sido incorporado com matizes próprios na cultura de cada grupo local.

⁸ Complexo: conjunto de elementos, entre si associados, de duas ou mais tradições culturais (Ribeiro, 1991, p.583), ou conjunto de elementos culturais para o qual não há suficiente clareza Para atribuí-lo a uma tradição, ou para definir com ele uma nova tradição.

⁹ Horizonte Estilístico: conjunto de estilos que ocupam o mesmo núcleo temporal relativo em seqüências arqueológicas que se apresentam em várias áreas geográficas (Chmyz, 1966, p.14).

¹⁰ Estilo: conjunto de elementos ou motivos associados num Padrão comum, que caracterizam um horizonte, uma tradição ou um complexo (Ribeiro, 1991, p.583). Estilos são freqüentemente definidos como subdivisões (de tradições de gravuras ou pinturas), particularmente a partir de critérios técnicos, enquanto nas regiões mais estudadas ou mais complexas, a necessidade de chegar até um nível suplementar teria levado Niède Guidon a considerar *variedades* e André Prous *fâcies*, que correspondem ao mesmo tipo de realidade (Prous, 1989, p.1Z).

1. O ESTUDO DE PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES

As gravuras de Corumbá foram objeto de uma tese de livre-docência na USP (Passos, 1975). Na obra são apenas mencionados, confusamente, alguns sítios do lado brasileiro e do boliviano, sem nenhuma descrição dos grafismos e dos sítios, muito menos sua interpretação. Por isso o trabalho não trouxe contribuição ao conhecimento, apenas fez referências soltas ao fenômeno.

Sítios parecidos na produção, nos grafismos usados e na organização, foram descritos para o lado goiano do rio Araguaia (Schmitz, Moehlecke e Barbosa, 1979). No trabalho, os sítios foram descritos e os grafismos classificados em tipos, mas não existe um trabalho interpretativo em termos de significado.

Ainda existem sítios, em tudo semelhantes, sobre o médio rio Tocantins, estudados por Mendonça de Souza e outros (1979). No trabalho, os sítios são descritos, os grafismos classificados e comparados com os do Araguaia, usando estatística computacional, mas não existe um estudo da composição das partes e dos conjuntos, nem há pesquisa sobre o significado dos grafismos.

Grafismos diferentes dos encontrados em Corumbá, na produção, nos tipos e na sua combinação, no suporte e no entorno, foram estudados em quase todas as regiões do Brasil. Indicamos aqui seus principais pesquisadores: no Mato Grosso do Sul, no Projeto Alto Sucuriú, estão sendo manipulados pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas; no Mato Grosso existem trabalhos de Irmhild Wüst (UFGO); em Goiás, do Programa Arqueológico de Goiás, coordenado por

Pedro Ignácio Schmitz (IAP) e Altair Sales Barbosa (UCGO) e do Projeto Paranã, coordenado por Alfredo Mendonça de Souza (UNESA); em Minas Gerais trabalham as equipes de André Prous (UFMG) e de Ondemar F. Dias (IAB); na Bahia existem prospecções do já mencionado Programa Arqueológico de Goiás; no Piauí realizam trabalhos sistemáticos Niède Guidon e Anne-Marie Pessis (FUNDHAM); em Pernambuco trabalha a equipe de Maria Gabriela Martin Avila; nos estados do sul, onde os sítios são mais raros, há publicação de Dorath Pinto Uchôa (USP) para São Paulo, João Alfredo Rohr (Museu do Homem do Sambaqui, Florianópolis) para Santa Catarina; Pedro Ignácio Schmitz e José Proenza Brochado (IAP, UFRGS) e Pedro Augusto Mentz Ribeiro (UNISC, Santa Cruz do Sul) para o Rio Grande do Sul.

Geralmente estes pesquisadores não estudam apenas gravuras, mas também pinturas, que no Nordeste, no Centro-Oeste e em parte do Sudeste são muito abundantes, mais que as gravuras.

Não existe ainda consenso com relação ao modo de documentar e, muito menos, de estudar e interpretar esses fenômenos.

Inicialmente a documentação era feita em fotografia colorida e preto-e-branco, às vezes usando efeitos especiais (Consens, 1986) e, ao mesmo tempo, as figuras eram copiadas em plástico transparente e os grafismos e seus conjuntos eram *mapeados*, mostrando a colocação no sítio e a relação de um conjunto com outro; das gravuras às vezes se faziam moldes em gesso ou em resina especial. Com o avanço dos computadores se passaram a usar técnicas fotográficas que permitem transferir a imagem diretamente para a tela do computador, possibilitando uma manipulação mais rápida, mais complexa e mais segura.

O material de Corumbá foi documentado, usando técnicas tradicionais, de fotografia, cópia em plástico, desenho e descrição.

No estudo dos sítios costumava-se proceder da seguinte maneira: em campo se determinava a técnica de produção e se registravam as variáveis dos grafismos: forma, tamanho, cor ou profundidade (em gravuras); em laboratório se classificavam as figuras, produzindo tipos, e se estabelecia a presença desses tipos nos sítios. Sítios com grafismos, porcentagem e combinações semelhantes constituíam estilos, fases ou fácies¹; estilos ou fases semelhantes formavam tradições² estilísticas.

Estudava-se, ainda, a distribuição temporal e espacial dos estilos e tradições e se procurava saber que populações as poderiam ter produzido.

Estes produtos poderiam ser considerados objetos de arte: arte rupestre³, termo que continua sendo usual para todos esses fenômenos até os tempos atuais, não só no Brasil, mas na América e no mundo. Hoje em dia, apesar de se continuar mantendo a denominação, prefere-se acentuar, nestes fenômenos, o aspecto da comunicação.

A maior parte dos arqueólogos brasileiros e americanos (ver conferência de Petter Piles, Florianópolis, 1993) ainda manipula as gravuras e pinturas rupestres, usando fundo classificatório e histórico, não tendo elementos seguros nem

¹ Fácies: variação de aspectos culturais dentro de uma mesma época, um mesmo tempo (Ribeiro, 1977, p.52). Termo usado para indicar diferenças de sítios com relação ao sítio-tipo.

² Tradição: conjunto de sítios de arte rupestre que apresentam temática idêntica e que tem grande difusão territorial (Guidon, 1978/79/80, p.21). Prous (1989) descreve oito tradições para o Brasil: Meridional, Litorânea Catarinense, Geométrica, Planalto, Nordeste, Agreste, São Francisco e Amazônica.

³ Arte Rupestre: todas as inscrições (pinturas ou gravuras) deixadas pelo homem em suportes fixos de pedra (paredes de grutas, abrigos etc). Rupestre vem do latim *rupes* (rochedo) (Prous, 1989, p.10).

métodos para chegar aos seus reais significados. Estes significados se buscam ou através de análise de contexto (Hodder, 1991), ou de analogias gerais ou particulares. No Brasil existem algumas tentativas, com poucos resultados, de conseguir algum significado através da composição dos conjuntos de signos e da globalidade do sítio e do contexto no qual se encontram os sítios.

Os pesquisadores que mais se destacam na discussão metodológica são Anne-Marie Pessis e Niède Guidon, André Prous e Mário Consens, mas entre eles não existe consenso, nem com relação ao método, nem com relação ao que essa manipulação pode alcançar em termos de desvendar os significados.

A arte rupestre começou a ser estudada no século passado e os primeiros etnólogos e pré-historiadores consideravam-na resultado de prazer puramente estético do homem pré-histórico, teoria que ficou conhecida como *a arte pela arte*.

Essa teoria se tornou insustentável após a descoberta de pinturas e gravuras em locais escondidos e de difícil acesso. Além disso, essas manifestações são difundidas em amplas áreas geográficas e durante muito tempo. Outro argumento contrário à teoria da *arte pela arte* é o fato de se poder observar que os painéis possuem estrutura e coerência interna, portanto não foram feitos ao acaso.

No início do século XX surge a teoria da magia da caça defendida por Henri Breuil, onde desenhar, para o homem do paleolítico, seria um ato mágico que o favoreceria na caça (Rippol, 1986). Esta teoria partiu de comparações com grupos primitivos atuais.

No Brasil, neste mesmo período, pesquisadores interpretaram estas

manifestações como uma escrita, associada a outras civilizações como fenícios, gregos, etc. Entre os pesquisadores que desenvolveram essa interpretação encontra-se Ramos (1930, 1939), que atribui as inscrições rupestres e pinturas da cerâmica encontradas na América a essas civilizações e conclui: *Isolados os símbolos das inscrições exibidas correspondem a caracteres do alfabeto fenício, grego paleográfico, grego de inscrição, hebraico, árabe e chinês.*

Esta posição ainda encontra defensores nos tempos atuais e muitas vezes as inscrições são atribuídas a seres extraterrestres.

Outra explicação que surgiu no início do século foi o totemismo (os animais representados seriam tótems do homem paleolítico), embora não totalmente descartada, esta hipótese foi alvo de muitas críticas como a de Leroi-Gourhan:

O totemismo serviu de explicação em numerosos trabalhos. Se por isso entendêssemos uma certa continuidade entre o mundo animal e o mundo humano, não demonstraríamos grande coisa, mas a maior parte das vezes se quis falar de animais 'tótems' de tribos ou de clãs, fato que nada vem provar materialmente. A organização topográfica dos símbolos animais, idêntica em toda a Europa e limitada a muito poucas espécies, condiz bastante mal com a idéia de 'tótems', a menos que se considere que todas as sociedades paleolíticas, divididas da mesma maneira, comportavam um clã do bisonte, ou do cavalo e um do cabrito-montês. Uma tal interpretação não é impossível, mas não está forçosamente explícita nos fatos (Leroi-Gourhan, 1982, p. 130).

Com a descoberta de Lascaux, em 1940, e percebendo-se que havia uma estrutura na organização da arte rupestre não só nesta, mas também em outras grutas, desenvolveram-se estudos usando uma abordagem estrutural, oposta à escola de Breuil.

Segundo essa orientação teórico-metodológica, o trabalho de maior repercussão é, sem dúvida, o de Leroi-Gourhan. Segundo ele, as grutas estão orga-

nizadas com certos animais e certos símbolos regularmente reunidos para formar grupos significativos. De acordo com sua teoria, certos signos e certos animais (bovídeos, mãos, feridas) simbolizam o princípio feminino e outros (cavalo, signos lineares) o masculino. Ambos estão dispostos em grupos de pares de significação sexual idêntica ou oposta (Leroi-Gourhan, 1983). O autor citado:

Utilizando-se da análise topográfica e estatística, demonstra que as figuras de animais não representam uma simples obsessão dos paleolíticos: vêem neles um significado bem mais profundo que refletiria um modelo de sociedade. Esse modelo refletiria uma dualidade entre masculino e feminino, 'um sistema dualista do universo', como diz Laming-Emperaire. A teoria sugere que de forma simbólica as imagens masculinas e femininas (que os animais representam) ocupariam pontos específicos das grutas, o que refletiria uma divisão básica do mundo, um dualismo universal (Seda, 1988, p. 196).

Esta teoria sofreu diversas críticas, principalmente de Conkey (1982), que se opõe ao método estatístico por considerá-lo muito subjetivo, e Hodder (1982) que considera que a interpretação da arte depende de contexto sócio-cultural e histórico específico. A abordagem estrutural, portanto, *revela apenas que os grafismos não ocorrem de forma aleatória e que signos ou conjuntos de signos se dispõem em associação ou oposição (Wüst, 1991, p. 57).*

Uma outra forma de abordagem para o estudo de arte rupestre é a tipológica, também usada no Brasil (cf. Prous, 1985/86, Guidon, 1975).

A noção de traço e complexo cultural, bem como a visão normativa da cultura, privilegiaram uma classificação taxonômica, segundo a qual se estabelecem tipos a partir de um ou mais critérios subjetivos, independentemente das variações dos demais atributos e do seu contexto topográfico (...) (Wüst, 1991, p. 34).

Apesar da subjetividade, na maioria dos casos, principalmente no Brasil e América (cf. Piles, 1993), não se tem elementos para se ir além dessa aborda-

gem. A classificação tipológica, embora não seja suficiente para se chegar ao sentido da arte, permite, quando as descrições tipológicas de sítios rupestres forem sobretudo qualitativas, *caracterizar e comparar facilmente entre si unidades estilísticas ou descritivas* (Prous, 1985/86, p. 213).

Outro caminho é o de considerar a cultura material *uma parte do sistema de informação com uso social, as unidades estilísticas estariam relacionadas a redes de comunicação. O elevado grau de semelhança da arte parietal e da arte móvel da Europa e Ásia é interpretado em termos de redes de relações sociais* (Wüst, 1991, p. 55). Essa abordagem é chamada Teoria da Comunicação.

Pessis (1984) apresenta uma variante para a teoria da comunicação, aplicando uma interpretação cinematográfica a um material que inclui muitas cenas. Este enfoque não traz resultados quando os grafismos são puramente geométricos.

Segundo a pesquisadora a interpretação comporta três níveis: o primeiro nível de interpretação é o cenográfico, o mostrado, ou seja, o reconhecimento permitido pelo traçado das figuras fitomorfas, zoomorfas, antropomorfas, etc. O segundo nível é o mostrado-sugerido ou hipotético, no qual a análise centraliza-se no reconhecimento dos índices fornecidos pelo que é mostrado. O último nível é o conjectural, onde o pesquisador faz suposições, possivelmente contestáveis, mas baseadas em fatos conhecidos.

Essa metodologia não permite penetrar na lógica interna das representações e as desvincula das demais evidências arqueológicas.

Alguns pesquisadores utilizam a abordagem ecológica. Essa abordagem apresenta uma certa diversidade teórica. Autores como Williams (1979/85),

Crawford (1972), Gould (1987) e Mithen (1988) procuram explicar a arte rupestre em relação ao sistema de abastecimento.

Usamos como exemplo o trabalho de Williams, na Guiana, onde os grafismos, localizados nas proximidades de cachoeiras, são interpretados como marcadores de locais onde se exploram diferentes espécies de peixes.

Mithen tenta combinar o enfoque ecológico com a teoria da comunicação, apoiado em dados etnográficos, sugerindo que as pinturas dos animais nas cavernas fornecem informações ecológicas, citando a associação de figuras de peixes com o veado que indicaria o outono, uma vez que este animal emigra quando o salmão começa a pular (Wüst, 1991).

Usando essa mesma abordagem, outros autores como Dracon (1988) vêem na arte rupestre uma forma de entender o mundo simbólico, como uma pintura da África do Sul definida como *boi na chuva*, que indicaria que a arte rupestre foi empregada para reforçar o poder imaginário de um local ecologicamente favorável e onde se teriam praticado rituais específicos (Wüst, 1991).

Outro caminho seguido nas interpretações mais recentes é o enfoque etnoarqueológico, que estuda as sociedades vivas sob a ótica arqueológica, investigando a arte rupestre em sociedades ainda existentes, destacando-se os trabalhos de Crawford (1972) e Gould (1980). Nestes estudos a arte rupestre adquire um caráter sagrado.

Surgiu, ainda, nos últimos anos, uma abordagem interpretativa, chamada de arqueologia contextual, sistematizada por Ian Hodder, onde a arte rupestre não é mais tratada como um fenômeno isolado, mas em correlação com as demais

manifestações culturais, tais como: padrões e sistemas de assentamento⁴, quadros tecnológicos, restos orgânicos e osteológicos, a função dos locais em que ela foi produzida e mesmo a intenção individual e subjetiva de quem a fez (Hodder, 1982 apud Wüst, 1991, Hodder, 1991).

Pelas condições de pesquisa de gravuras no Brasil e pela forma como a documentação de campo foi realizada, dentro de um projeto exploratório, na presente dissertação usamos uma abordagem tipológica e contextual simples.

O enfoque tipológico tem por objetivo caracterizar os petroglifos de Corumbá em termos de seus componentes mínimos, de sua combinação para constituir os painéis, os sítios e o conjunto dos sítios e estabelecer como esta formação se aproxima de outras áreas, onde se encontram componentes e estruturas semelhantes ou iguais.

O enfoque contextual simples tem por objetivo repor estas gravuras no seu ambiente natural e cultural, buscando elementos para entender o local ocupado no espaço físico e sua relação, no tempo e espaço, com os sítios de habitação que as circundam. Com o estado de conhecimento que existe sobre a região do projeto e com a documentação disponível não há elementos para se realizar uma análise contextual, como a proposta por Hodder nas suas últimas publicações.

⁴ Estudo de Padrão e sistema de assentamento: estratégia para a interpretação funcional de culturas arqueológicas que refletem o ambiente natural, o nível de tecnologia nos quais se opera a construção e várias instituições de interação e controle social com manutenção da cultura (Trigger, 1986, p.53).

2. A HISTÓRIA DO PROJETO CORUMBA

O Programa Arqueológico da Mato Grosso do Sul foi elaborado em 1986, a partir de um convênio entre a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), o Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS. O programa teve a aprovação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional¹.

O convênio tem uma duração prevista de dez anos, podendo ter este prazo prorrogado e objetiva principalmente a cooperação técnica e científica entre as entidades conveniadas, visando treinamento, intercâmbio de informações, resultados de pesquisas e levantamento bibliográfico referentes à área pesquisada (Termo de Ajuste, 1986).

O programa está sendo financiado pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o Instituto Anchietano de Pesquisas, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Antes do convênio houve uma etapa preliminar de localização e avaliação de sítios arqueológicos com a finalidade de elaborar o Programa. Esta etapa desenvolveu-se em julho de 1985, a pedido do geólogo e professor José Luiz Lorenz

¹ Atualmente Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC.

Silva, do Centro Universitário de Três Lagoas, UFMS, que havia sido consultado por um fazendeiro, em cujas terras, localizadas no alto curso do rio Sucuriú, se haviam encontrado abrigos rochosos com arte rupestre. Por não ter condições de analisá-las, o professor Lorenz Silva recorreu aos pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas. Foi então organizada uma saída a campo conjunta, em 1985, com o centro universitário de Três Lagoas, e o Instituto Anchieta de Pesquisas. Esta etapa foi financiada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e desenvolvida em três fazendas nos municípios de Três Lagoas, Parnaíba e Costa Rica (Copé, 1987).

A área foi percorrida e os sítios arqueológicos identificados, além de ser feito, previamente, um levantamento geológico e ecológico da área. Foi tirada uma amostra da arte rupestre e feita a documentação fotográfica. Foram realizadas prospecções² em dois sítios e coleta de superfície³ em um terceiro.

Quatro áreas foram, então, escolhidas, no Estado, para o desenvolvimento do Programa, surgindo quatro projetos de pesquisa: (Ver figura 1)

Projeto A: Alto Sucuriú, em Três Lagoas, no Nordeste do Estado,

Projeto B: Campo Grande-Dourados, região central do Estado,

Projeto C: Bela Vista, ao longo do rio Apa, no Sudoeste do Estado,

Projeto D: Corumbá, vale do rio Paraguai, extremo oeste do Estado.

Os objetivos iniciais do Programa foram:

² Prospecção: Trabalho de verificação das possibilidades de um ou vários sítios, para trabalhos mais intensos, implicando em cortes experimentais (Chmyz, 1966, p. 18).

³ Coleta de superfície: Recolhimento de material na superfície de um sítio; quando é feito aleatoriamente chama-se coleta sistemática.

(...) localizar, identificar cultural e cronologicamente e avaliar os sítios arqueológicos das áreas escolhidas para a amostragem; seleccionar sítios para uma etapa de pesquisa mais intensa e profunda, tendente à solução de problemas científicos; fazer um primeiro estudo das culturas representadas em cada uma das áreas, do ponto de vista de padrão de assentamento e arte rupestre; sugerir medidas de preservação e, sempre que possível, executá-las, principalmente através da conscientização dos proprietários das terras nas quais os sítios estão localizados (Schmitz, 1985, p. 5).

Para alcançar esses objetivos, os métodos e técnicas utilizados são o estudo das áreas do ponto de vista geológico, geomorfológico, pedológico, florístico, faunístico etc., utilizando para isso imagens do satélite Landsat, trabalhos do RADAM, fotos aéreas, mapas e cartas. As áreas devem ser percorridas buscando os sítios em ambientes variados que terão suas superfícies estudadas, coleta de informação e materiais, cortes estratigráficos⁴, além de documentação da arte rupestre. Esses dados serão sistematizados em laboratório com análise e descrição dos materiais recolhidos e documentados. A Universidade do Mato Grosso do Sul ficou encarregada do estudo do ambiente e ao Instituto Anchieta de Pesquisas couberam os aspectos culturais e o treinamento especializado de pessoal (Schmitz, 1985).

O primeiro projeto executado dentro do Programa foi o Alto Sucuriú, durante os anos de 1986, 1987, 1988 e 1989.

Após a etapa preliminar, realizada em 1985, voltou-se ao campo nos anos seguintes. Em 1986 foi feito registro e documentação, através de croquis, fotografias, descrição dos achados arqueológicos e cortes de sondagem dos sítios encontrados. Foi feita também a coleta quadriculada⁵ do sítio MS-PA-02 (casa de pe-

⁴ Corte estratigráfico: Escavação em pequena escala para verificação da estratigrafia, por níveis ou camadas, de um sítio arqueológico (op. cit., p. 12).

⁵ Coleta quadriculada: Coleta feita por setores ou quadrículas estabelecidos sistematicamente para discriminação do material.

dra). Em 1987 a arte rupestre foi documentada. No ano de 1988 foram feitos cortes para sondagem e coleta de superfície. Em 1989 as pinturas e gravuras foram conferidas e copiadas algumas que ainda estavam faltando, além de ser feito um corte estratigráfico no Bloco A2, levantamento geológico e elaboração de um mapa geográfico da área, encerrando-se, assim, os trabalhos de campo do projeto.

Este projeto já está finalizado e o relatório geral apresentado como dissertação de Mestrado em História, concentração Estudos Ibero-Americanos da UNISINOS (*A Ocupação do Planalto Central Brasileiro: O Nordeste do Mato Grosso do Sul*, 1994). As pinturas e gravuras da área constituem o tema de outra dissertação no Mestrado em História da PUCRS, concentração em Arqueologia.

Os sítios arqueológicos do Alto Sucuriú se constituem de abrigos⁶ pré-cerâmicos, com pinturas e gravuras, cuja primeira ocupação remonta a 8.400 a.C.

Os materiais líticos, a implantação dos sítios e as datas se parecem com os do resto do Planalto brasileiro, especialmente com Serranópolis, Goiás.

As pinturas e os petroglifos também são semelhantes aos de Serranópolis.

As pinturas podem ser incluídas na tradição São Francisco ou na Geométrica, ao passo que os petroglifos são da tradição Meridional, também denominada de Pisadas.

⁶ Abrigo: Cavidade na rocha, onde a abertura (boca) e a altura são maiores que a profundidade (Ribeiro, 1991, p. 578).

Projeto Corumbá

É o segundo projeto a ser executado dentro do Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul, tendo os mesmos objetivos gerais e métodos do Programa, além dos objetivos específicos que são:

Estudar a instalação do homem no Pantanal; conhecer a instalação das sucessivas populações indígenas pré-históricas e coloniais nesse ecossistema.

Juntando as informações recolhidas arqueologicamente e as conseguidas na documentação escrita, produzir uma história contínua das populações indígenas e coloniais, destacando as diversas adaptações conseguidas e o processo histórico que levou não só à substituição de culturas e populações, mas também à dominação de umas sobre as outras (Schmitz, 1990, p. 5).

O método utilizado para alcançar esses objetivos está sendo o estudo individualizado dos diversos ambientes e a distribuição dos sítios em cada um deles (Região Pantaneira, Região de Transição Chaquenha e Região Chaquenha). Caracterização das culturas arqueológicas com relação à tecnologia, uso das disponibilidades ambientais, organização e padrão de assentamento inferidos. Comparação dos resultados arqueológicos com os dados documentais sobre indígenas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, estendendo o estudo até um período recente (op. cit., p. 6).

As técnicas foram: para o estudo do ambiente foram utilizados os trabalhos do FIBGE, da EMBRAPA, da UFMS e observações de campo. Os sítios foram localizados através de foto aérea com mapeamento durante os trabalhos de campo; cortes estratigráficos para a identificação inicial e escavações por decapa-

gem⁷ dos sítios-tipo⁸; documentação completa dos petroglifos.

Em laboratório: análise do material coletado e fichamento das informações sobre as populações indígenas coloniais, entre elas, os Guaicurú, os Chiquitos, os Zamuco, os Arawak, o Tupi-Guarani e o Guató.

De acordo com o termo do convênio, 1990, a UFMS se compromete a dar apoio logístico, através de seus centros universitários, para a realização dos trabalhos de campo e colaboração com suas áreas especializadas como Ecologia e Geografia do Pantanal; a UNISINOS comprometeu-se a fornecer o material de laboratório e a publicar a monografia resultante do Projeto; o Instituto Anchieta de Pesquisas ficou responsável pelo estudo do material recolhido e pelo treinamento de estagiários da UFMS.

Para a execução deste projeto foram previstos os anos de 1990, 1991, 1992, 1993, 1994 e 1995.

Em 1990 foi feito o reconhecimento dos sítios, cópia dos petroglifos da Fazenda Figueirinha, parte dos petroglifos da Fazenda Moutinho e dos petroglifos do sítio do CRMAP; coleta superficial da cerâmica da lagoa de Jacadigo; visita a três sítios Tupiguarani no Morro Santa Cruz com coleta de cerâmica, e visitas a sítios arqueológicos em Coxim (Schmitz, 1990).

Em 1991 os trabalhos de campo foram o reconhecimento, descrição e coleta superficial de 26 sítios na Fazenda Santa Clara, 12 sítios na Fazenda Santa Helena, 19 sítios na Fazenda Sagrado Coração de Jesus, 22 sítios na Fazenda São

⁷ Decapagem: Técnica de escavação extremamente minuciosa, por níveis naturais, que permite a localização dos vestígios isócronos, visando evidenciar a estrutura da ocupação (Prous, 1992, p. 29).

⁸ Sítio-tipo: Sítio característico de uma determinada região, que é usado como base para a classificação dos outros sítios da mesma área ou cultura.

Bento, além de três sítios localizados ao longo da estrada de acesso entre a Base de Pesquisa da UFMS e a BR 262 e dois sítios junto à sede de pesquisa da UFMS (Passo do Lontra) (Bitencourt, 1991).

No ano de 1992 foram feitas escavações em vários sítios, além da coleta, visita e reconhecimento de outros; estudo da vegetação; documentação dos petroglifos da Fazenda Salesianos. Os petroglifos da Fazenda Figueirinha foram conferidos e completados.

Em 1993 foram documentados novos petroglifos da Fazenda Moutinho, foi feita coleta de superfície e realizadas escavações; reconhecimento e visita a novos sítios arqueológicos da baía de Jacadigo e proximidades das Morrarias.

Nos anos de 1990 e 1991 os trabalhos de campo foram de três semanas em cada um e nos anos de 1992 e 1993 de trinta dias cada.

Há uma previsão para mais dois anos de pesquisa de campo em Corumbá, 1994 e 1995. Após o término desse projeto serão iniciados os dois que faltam para complementar o Programa do Mato Grosso do Sul: Projeto Campo Grande-Dourados e Projeto Bela Vista.

Os trabalhos de campo foram realizados pelos pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, os quais citamos a seguir: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz (coordenador), Marco Aurélio Nadal de Masi, Ana Luisa Vietti Bitencourt, Ellen Veroneze, Marcus Vinícius Beber, Jairo Henrique Rogge, José Luís Peixoto, Rodrigo Lavina, Jorge Eremites de Oliveira, Angélica Bezerra de Oliveira, Sérgio Wilton Izquierdo e alunos do Centro Universitário de Corumbá (CEUC).

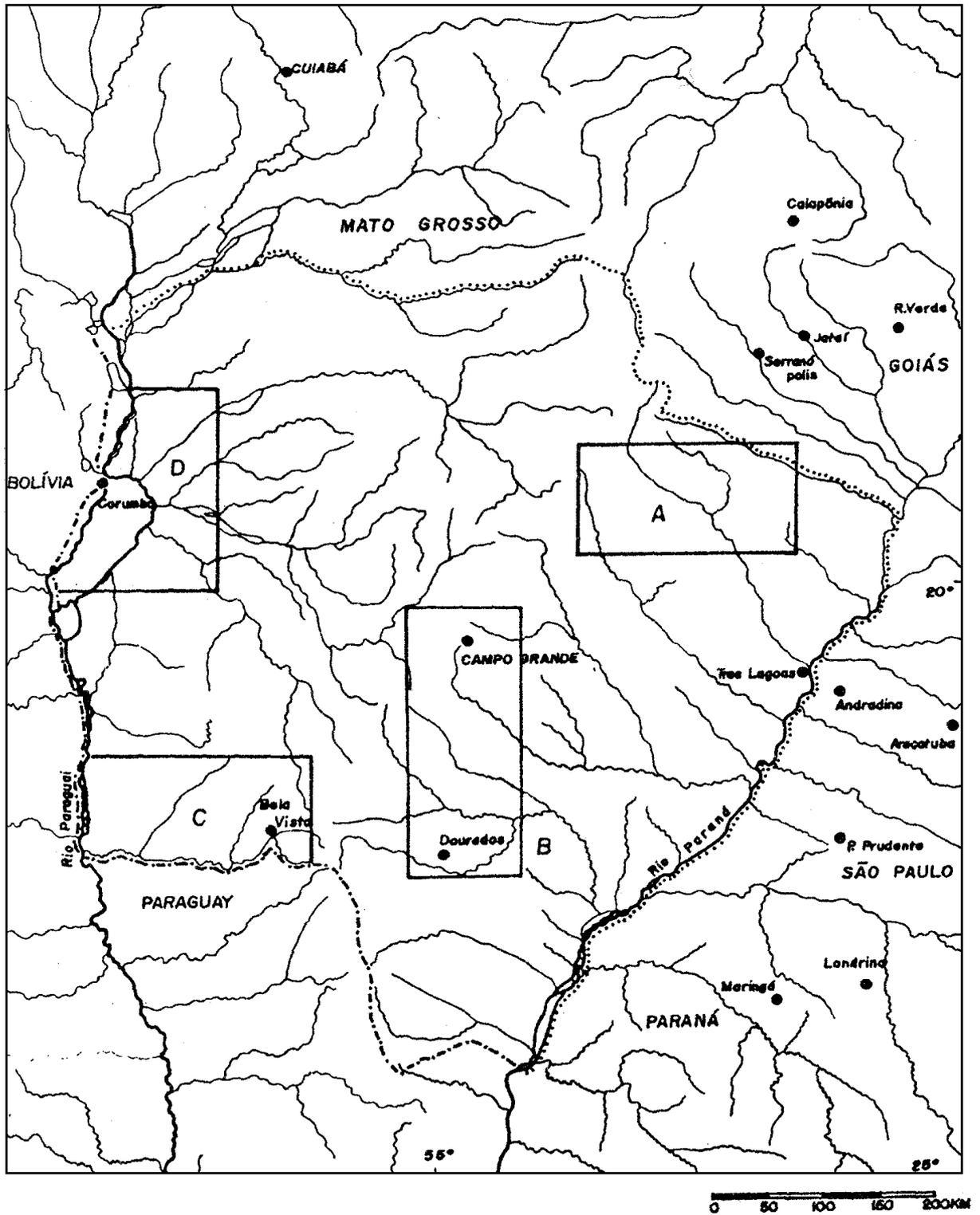


Figura 1. Mapa com a localização dos Projetos do Programa Arqueológico do MS.

3. A REGIÃO DE CORUMBA: AMBIENTE E CULTURAS

Introdução

A área-piloto do projeto Corumbá localiza-se entre o meridiano de 57° de longitude oeste de Greenwich e a fronteira da Bolívia e entre os paralelos de 19° e 19°30' de latitude sul (Ver figura 2). A área faz parte do Pantanal e encontra-se aproximadamente no centro deste.

O Pantanal Mato-Grossense ocupa aproximadamente 140.000Km² de extensão, sendo parte da bacia do rio Paraguai, situada na porção central da América do Sul, entre 14° e 22° de latitude sul e 58° e 66° de longitude oeste, com uma área de 500.000Km², dos quais 28% pertencem à Bolívia e ao Paraguai (Godoi Filho, 1986).

O Pantanal abrange *tudo quanto jaz na baixada até a altitude de 110m; é o lugar dos leitos maiores dos cursos da Bacia do Paraguai; é a superfície formada pela coalescência destes* (Paiva, 1939, p. 32). Se, como consequência da temporada anual de chuvas, as águas se expandem sobre os campos e permanecem altas durante a maior parte do ano, no período da seca os rios voltam, aos poucos, aos seus leitos, deixando a planície com a cobertura de vegetação. As características do Pantanal o individualizam e formam uma unidade fisiogeográfica e morfoestrutural única como um prolongamento das planícies chaco-pampeanas que formam as planícies centrais sul-americanas (Moreira, 1977).

A área do projeto Corumbá não tem uma paisagem uniforme, apresentando diversidade de relevo, geologia, clima, solo, vegetação, etc. Esta diversidade possibilita a instalação de culturas também diversificadas.

Primeiro mostraremos como se dá a diversificação física, depois a diversidade cultural.

3.1. O Ambiente Físico

A Geologia

O Pantanal e áreas próximas são formados por rochas que foram divididas em nove grupos: 1. complexo rio Apa e Xingu; 2. grupo Aguapei; 3. grupo Rio Branco; 4. grupo Cuiabá; 5. grupo Corumbá, Jacadigo e Alto Paraguai; 6. Intrusivas Acidas; 7. Formações Sedimentares da Bacia do Paraná; 8. Basalto Tapirapuá; 9. Depósitos Cenozóicos (Godoi Filho, 1986).

Na área do Projeto temos o complexo rio Apa e Xingu ao norte; o grupo Corumbá e Jacadigo ao sul e Depósitos Cenozóicos a leste (na planície do Pantanal).

No complexo rio Apa e Xingu as rochas pertencem provavelmente ao Pré-Cambriano Médio a Inferior. O complexo é representado por gnaisses, feldspatos, xistos ferrosos, dioritos, granodioritos, migmatitos (Del'Arco, 1982).

O grupo Corumbá ocorre desde o rio Apa ao sul, inclusive em território paraguaio, até a estrada de ferro Noroeste do Brasil e está situado no Pré-Cambriano Superior. É formado por paraconglomerados com matriz síltico-arenosa,

arroxeadas-esverdeadas de cimento calcífero, arcóseos, arenito, calcário, dolomitos, xistos e camadas de sílex (Godoi Filho, 1986).

A série Jacadigo divide-se nas formações Urucum e Santa Cruz, que constituem o Maciço do Urucum, formado por depósitos sedimentares do Paleozóico Inferior. Existem camadas de arenitos arcóseos jaspílicos, que envolvem outras camadas de hematita compacta (minério de ferro) e lentes de criptomelana (minério de manganês) (Moreira, 1977).

O terceiro grupo de rochas da área é o chamado por Almeida, Derze & Vinha (apud Godoi Filho, 1986) de Depósitos Cenozóicos.

Almeida (1945, 1964, 1965) refere-se ao Pantanal como depósitos aluviais inconsistentes, os quais provavelmente ainda estariam sendo depositados pelos rios que os drenam. Muitas das acumulações arenosas aí encontradas seriam de origem eólica e, nas bacias, predominariam sedimentos finos ricos em matéria húmica, enquanto nas salinas ocorreriam teores consideráveis de sais solúveis, concentrados após a evaporação das lagoas (apud Godoi Filho, 1986).

Os lajedos com petroglifos formam parte de áreas pediplanadas que circundam a morraria. Essas áreas, juntamente com as áreas pediplanadas da depressão do rio Paraguai foram demarcadas por Del'Arco (1982) sob a denominação de Depósitos detríticos. Trata-se de elúvios¹ e colúvios² lateríticos³ ferruginosos. Constituem-se de sedimentos conglomeráticos e arenosiltosos pouco ou totalmente laterizados, cones de dejeção coalescentes e carapaças ferruginosas originadas

¹ Elúvio: Material residual, não transportado, resultante do intemperismo (Holanda, 1975).

² Colúvio: Solo das encostas dos morros, formado por detritos provindos dos altos (op. cit.).

³ Laterítico: Denominação genérica dada aos solos de cor vermelha das zonas úmidas e quentes, cujos principais elementos são o alumínio e o ferro (op. cit.).

provavelmente do Quaternário Antigo (Godoi Filho, 1986). Os lajedos, nos quais se encontram os petroglifos, são formados pela sedimentação do minério de ferro erodido dos morros (Jairo H. Rogge, com. pes.)

Geomorfologia

Na área do projeto podemos identificar as seguintes unidades geomorfológicas: os Planaltos Residuais do Urucum-Amolar e as Depressões ou Fossas Tectônicas.

Os Planaltos Residuais do Urucum-Amolar compreendem dois conjuntos de relevos residuais. O primeiro conjunto localiza-se ao sul da cidade de Corumbá; corresponde à porção meridional do planalto, e dele fazem parte as morrarias do Urucum, de Santa Cruz, de São Domingos, Grande, do Rabichão e Tromba dos Macacos, constituindo o Maciço do Urucum como é tradicionalmente conhecido. Ao sul e leste deste destacam-se as morrarias do Zanetti, do Albuquerque, do Saiutã, do Aguaçu e do Mutum-Jacadigo (OSG - Ministério do Exército, Folha SE-21-U-I-2, 1967).

O segundo conjunto corresponde à porção setentrional ao norte de Corumbá e abrange a serra do Amolar e as morrarias da Insua, de Novos Dourados, de Santa Tereza e do Castelo (Franco & Pinheiro, 1982). Esse conjunto encontra-se dentro da área do projeto, mas fora da área piloto.

Os planaltos apresentam altitudes que variam de 300 a 900m, chegando, em um ponto da morraria de Santa Cruz a 1065m.

Nos relevos residuais do Urucum predominam litologias do grupo Ja-

cadigo, como foi exposto anteriormente. Suas morrarias são recortadas e separadas por uma série de falhas, formando diversas serras, destacando-se vales profundos drenados por córregos (Franco & Pinheiro, 1982).

A segunda unidade geomorfológica é caracterizada pelas grandes depressões ocupadas pelos grandes sistemas de drenagem que banham a região, como a depressão do rio Paraguai ou o Pantanal Mato-grossense.

O Pantanal foi considerado por F.F. de Almeida (apud Moreira, 1977) como uma das maiores planícies de nível de base do globo. Acha-se embutida na depressão circundada por escarpas de erosão e por blocos soerguidos.

Esta planície de acumulação de sedimentos fluviais e fluvio-lacustres é drenada pelos tributários da margem esquerda do rio Paraguai e por ele próprio. As altimetrias variam entre 60 e 150 metros e esta fraca declividade da planície aluvial impede o escoamento das águas e freia o trânsito de materiais que se acumulam sobre sedimentos mais antigos (Cardoso da Silva, 1986).

Por ocasião das cheias, os rios, que formam a Bacia do Paraguai extravasam os seus limites, formando um lençol contínuo de água que atinge até 25Km de extensão. *Neste quadro, lagoas pequenas aparecem, outras de caráter permanente ampliam-se e braços d'água interligam-se* (Moreira, 1977, p.16).

Há certos trechos da baixada onde o alagamento não é permanente por se encontrarem em um plano mais elevado. É nesses locais que preferentemente se instalaram as culturas pré-coloniais e também as atuais fazendas de criação de gado, cujas benfeitorias muitas vezes foram construídas sobre os sítios arqueológicos.

Quando as águas ocupam as áreas mais deprimidas do terreno dão origem às *baías*, como são denominadas localmente as lagoas e antigos meandros encontrados em abundância na Baixada do Pantanal. Algumas dessas *baías* são permanentes e, quando as cheias são mais intensas, interligam-se através dos *corichos*, pequenos cursos d'água de caráter perene (Franco & Pinheiro, 1982). Entre as *baías* existem as *cordilheiras*, um sistema de elevações, cuja altitude varia de 3 a 6 metros acima do nível da planície (Moreira, 1977).

Os lajedos com petroglifos, que estudamos neste trabalho, localizam-se no sopé da morraria, em áreas de pouca inclinação, próximos a córregos, em áreas não alagadiças, mas muito perto das mesmas.

Solos

Na área do projeto são encontrados solos variados:

O tipo **Solonetz Solodizado** é um solo mineral profundo, com hidromorfismo acentuado e lençol freático próximo à superfície e textura arenosa. Sobre ele cresce vegetação chaquenha (Amaral Filho, 1986). O **Vertissolo** é um solo mineral com alto conteúdo de argila, consistência dura, pouco poroso e imperfeitamente drenado. Neste tipo de solo encontramos vegetação chaquenha e de Floresta de Terras Baixas Estacional Decidual. O solo **Glei Pouco Húmico** é característico de locais planos sujeitos a alagamentos periódicos, originados de sedimentos recentes do período Quaternário. É propício para o desenvolvimento de vegetação chaquenha e, se for Glei Pouco Húmico Eutrófico, para Floresta de Terras Baixas Estacional Decidual. O **Podzólico Vermelho-Amarelo Eutrófico** é um solo mineral

não hidromórfico e possui características diferenciadas de acordo com a litologia e forma de relevo. Sobre ele cresce Floresta de Terras Baixas Estacional Semidecidual e Decidual e Floresta Submontana Estacional Decidual. A **Laterita Hidromórfica Distrófica** possui características diversas em função dos diversos sedimentos que originaram esses solos. Podemos encontrar sobre ele a Floresta de Terras Baixas Estacional Semidecidual (Orioli, Amaral Filho & Oliveira, 1982). O **Brunizém Avermelhado** é um solo mineral pouco profundo, não-hidromórfico, de textura argilosa, típico de Floresta de Terras Baixas Estacional Decidual. O **Planossolo Distrófico** possui textura arenosa; é típico de relevo plano e áreas rebaixadas com hidromorfismo acentuado. Sobre ele cresce Floresta Submontana Estacional Decidual. O solo do tipo **Areias Quartzosas Alicas** é característico de áreas periodicamente alagadas, produzindo Floresta Submontana Estacional Decidual (Amaral Filho, 1986).

Hidrografia

A área do projeto faz parte da bacia do Alto Paraguai; ele e seus afluentes formam o Pantanal.

O rio Paraguai e seus afluentes da margem esquerda serpenteiam vagarosamente ao longo dos 250Km de largura (sentido leste-oeste) e cerca de 500Km de comprimento (sentido norte-sul) da planície. As águas seguem vagarosas devido à horizontalidade da superfície e ao pequeno índice de consolidação dos sedimentos carregados. Isto provoca outras características, como a mobilidade dos leitos fluviais, a coalescência das águas dos grandes rios durante as inundações e o grande número de braços laterais que estes apresentam (Innocêncio, 1977).

De acordo com Carvalho (1986), as terras baixas podem ser divididas em duas regiões, com base na frequência e extensão das inundações: Pantanal ou Áreas Brejosas e Áreas Intermitentemente Inundadas.

O Pantanal ou Áreas Brejosas são áreas cobertas por lagoas, meandros abandonados, antigos leitos de rios, cobertos por vegetação total ou parcialmente. A água pode fluir de uma lagoa para outra durante as enchentes.

O autor citado considera a existência de quatro tipos de Pantanal, afora as grandes lagoas: Primeiro, as lagoas extensas e rasas que desaparecem em poucos meses devido à descida do nível da água e do crescimento da vegetação; Segundo, o Pantanal formado por meandros abandonados e antigos leitos de rios, alimentado pelas inundações dos rios principais; Terceiro, as áreas de pantanal próximas das montanhas, inundadas por rios e córregos, nos quais a extensão da inundação varia de ano para ano; Quarto, áreas que compreendem pequenas lagoas ligadas por *vazantes* (canais de ligação entre as lagoas); as lagoas são alimentadas pelas precipitações, pequenos córregos, água do subsolo e vazantes.

As áreas Intermitentemente Inundadas são alagadas por alguns meses todos os anos ou por muitos meses durante poucos anos (Carvalho, 1986).

A margem direita do rio Paraguai está em sua maior parte em território boliviano e paraguaio e é parte do **Gran Chaco**⁴; não há rios importantes, sendo todos pequenos e intermitentes.

4 Gran Chaco: Geograficamente o Chaco está entre as mesetas do leste do continente americano e as montanhas do oeste (Andes), abrangendo partes da Argentina, do Paraguai e da Bolívia. Os limites naturais não coincidem com os culturais. No leste esta correspondência existiu até o final do século XVII, quando as invasões dos Mbayá na margem oriental do rio Paraguai anexaram para o Chaco as terras guaranis situadas entre o rio Apa e Miranda (Reichert, 1991).

Na margem direita do rio Paraguai, dentro da área-piloto, descendo a morraria, há vários pequenos córregos que primeiro desembocam em *baías* e finalmente deixam suas águas no rio Paraguai.

Os lajedos com petroglifos, que estudamos, no sopé da morraria e próximo às *baías*, estão junto aos seguintes córregos: Banda Alta, que desemboca na Lagoa Negra, Córrego das Pedras, Córrego do Urucum e Córrego das Trombas, que desembocam na lagoa do Jacadigo. Não estão sob a influência direta do Pantanal; a água que abastece os córregos provém das chuvas caídas nas morrarias.

Clima

Segundo a classificação de Koppen, o clima é do tipo AW - quente e úmido, com estação chuvosa no verão e estiagem no inverno. Em Corumbá a precipitação é baixa, com média anual de 972mm; a intensa radiação solar se reflete em altas temperaturas e grande evaporação. A temperatura média anual é de 23°C (Amaral Filho, 1986).

Corumbá está situada sob um centro de baixa pressão barométrica (no verão), favorecendo as calmarias. As altas temperaturas são provocadas pela intensa radiação, pela posição geográfica às margens do rio Paraguai e na proximidade do Maciço de Urucum, cujas rochas absorvem muito calor (Loureiro Lima & Fonzar, 1982). Corumbá é um dos locais onde a temperatura alcança as maiores máximas do país (42°) (Tarifa, 1986).

De abril a setembro, meses que correspondem à estação seca, são comuns os resfriamentos abaixo de 10°C, com duração de poucos dias. As tempe-

raturas baixas estão relacionadas à ação direta do anticiclone polar.

Com a chegada da frente fria, o céu fica tomado por nuvens, ocorrendo trovoadas e chuvas pouco intensas, logo substituídas por leves chuviscos com nevoeiro (Nimer, 1977). Esse fenômeno é muito comum na morraria. Devido à altitude, a precipitação é mais intensa nas encostas do que nos terrenos planos, possibilitando o desenvolvimento de uma vegetação mais densa.

Quanto à distribuição das chuvas, a região caracteriza-se por um período seco, de cinco meses em média, que inicia em maio, estendendo-se até setembro, sendo mais chuvosos os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. É importante notar que as cheias e alagamentos comuns no Pantanal Mato-grossense não estão ligadas à pluviosidade local, mas sim aos problemas de drenagem, refletidos na dificuldade de escoamento da água (Amaral Filho, 1986).

Vegetação

A vegetação na área do projeto é diversificada (Ver figura 3), devido a fatores climáticos, pedológicos, geomorfológicos, também diversificados. Segundo a classificação de Loureiro, Lima & Fonzar (1982), ocorre nessa área a Savana (cerrado), a Savana Estépica (vegetação chaquenha), a Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Estacional Decidual. Há uma extensa área de Tensões Ecológicas, ou seja, zonas de contato entre vários tipos de vegetação.

Savana: ocorre em solos arenosos com diferentes níveis de altitude, que variam dos 700m nos platôs, aos 100m nas planícies inundáveis do Pantanal. Na área do projeto é encontrada a sudeste, próximo à serra da Bodoquena e nas

áreas de Tensão Ecológica. A vegetação varia de arbórea a graminóide. É constituída de pequenas árvores espessadas, de casca corticosa e grandes folhas, dispersas sobre um tapete misto de gramíneas e plantas lenhosas latifoliadas (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

A savana apresenta quatro formações: Savana Arbórea Densa (cerradão), Savana Arbórea Aberta (campo cerrado), Savana Parque (parque de cerrado) e Savana Gramíneo-lenhosa (campo).

Savana Estépica (vegetação chaquenha): é encontrada nas proximidades da cidade de Corumbá (norte), ao longo do rio Paraguai (leste), prolongando-se para o território boliviano. *Ocorre em relevo plano, com altitudes que não ultrapassam 200m acima do nível do mar, com exceção dos testemunhos com base calcária que se distinguem em meio aos terrenos alagados, onde se fixam as formações vegetais densas; em área condicionada a longos períodos de seca e inundações, com predomínio de solos salinos, Solonetz Solodizado, Vertissolo e outros próximos ao rio Paraguai, como o Gleí Pouco Húmico* (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

A Savana Estépica apresenta, também, quatro fisionomias: Savana Estépica Arbórea Densa, Savana Estépica Arbórea Aberta, Savana Estépica Parque e Savana Estépica Gramíneo-lenhosa.

Floresta Estacional Semidecidual: possui decidualidade parcial nas espécies arbóreas mais altas. Apresenta duas formações: Floresta Aluvial e Floresta de Terras Baixas.

A Floresta Aluvial ocorre nos solos Gleí Pouco Húmicos de textura mé-

dia e argilosa. Apresenta dois estratos, um baixo com troncos finos e tortuosos e um superior com árvores de 10 a 15 metros; o espaço entre as árvores é ocupado por palmeiras como o acuri (*Attalea* sp.) e o babaçu (*Orbignya* sp.) (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

A Floresta de Terras Baixas ocorre em altitudes que não ultrapassam os 150 metros acima do nível do mar, em terrenos de solos dos tipos Podzólico Vermelho-Amarelo Eutrófico e Laterita Hidromórfica Distrófica, apresentando uma composição florística bastante heterogênea.

Floresta Estacional Decidual: assemelha-se à Floresta Estacional Semidecidual, diferenciando-se apenas no grau de decidualidade. Ocupa pequenas áreas contínuas nos Planaltos Residuais do Urucum-Amolar, Depressões do Rio Paraguai e extremidade sul da Serra da Bodoquena. Apresenta duas formações: Floresta das Terras Baixas e Floresta Submontana.

A Floresta das Terras Baixas recobre as áreas de superfícies pediplanadas da Depressão do Pantanal Mato-grossense em solos do tipo Brunizém Avermelhado, Vertissolo e Podzólico Vermelho-Amarelo Eutrófico. A composição florística é heterogênea (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

A Floresta Submontana recobre áreas de superfícies pediplanadas e formas de relevo dissecado, com solos dos tipos Podzólico Vermelho-Amarelo Eutrófico, Planossolo Distrófico e Areias Quartzosas Alicas. É constituída por espécies que alcançam até 30 metros de altura, sendo que 60% dos indivíduos que compõem o estrato superior perdem as folhas ou parte delas nas épocas de seca e temperaturas mais baixas (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

Areas de Tensão Ecológica: essas áreas são de características diversas. A litologia, o relevo, o clima e o solo propiciam interpenetrações (encraves) ou misturas (ecotonos) de formações de diferentes regiões fitoecológicas.

Na área do projeto as Areas de Tensões Ecológicas estão representadas pelos contatos Savana/Floresta Estacional, Savana/Savana Estépica, Savana Estépica/Floresta Estacional.

Os contatos Savana/Floresta Estacional e Savana Estépica/Floresta Estacional ocupam os planaltos residuais pré-cambrianos que se encontram no interior da planície do Pantanal e suas bordas, excetuando-se as formações aluviais.

O contato Savana/Savana Estépica encontra-se em depressão localizada entre os rios Negro e Aquidauana, ao longo do rio Paraguai e a oeste em terrenos fronteiriços com a Bolívia.

O contato Savana/Floresta Estacional ocorre principalmente nas costas e encostas dos planaltos em solos mais lixiviados e, neste ambiente, os encraves da Floresta Estacional se dão no fundo dos vales e meias encostas nos solos mais úmidos e férteis.

O contato Savana/Savana Estépica se dá entre os rios Negro e Aquidauana com fisionomia campestre entremeada de tufos de vegetação arbórea com presença marcante do carandá (*Copernicia* sp.) junto com espécies típicas do cerrado.

Os encraves, ao longo do rio Paraguai, foram marcados pela palmeira carandá e pelas interpenetrações dos solos salinos com Hidromórficos gleizados. Nos encraves de savana sobre savana estépica, a savana estépica apresenta for-

mação de parques e campos gramíneo-lenhosos. A penetração da savana estépica sobre a savana ocorre em ambientes mais elevados, circundados por vegetação de gramíneas em área de origem chaquenha (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

O contato Savana Estépica/Floresta Estacional se apresenta sobre áreas de superfície tabular pediplanadas e formas de relevo dissecado em cristas e colinas com predominância dos solos Litólicos Eutróficos e Brunizém Avermelhado. Esse contato é caracterizado pelo domínio da Floresta Estacional, intercalada por encaves de Savana Estépica Densa. A predominância da flora chaquenha ocorre ao sul de Corumbá nos solos Litólicos, destacando-se as cactáceas do gênero *Cereus* (Loureiro, Lima & Fonzar, 1982).

Fauna

A diversidade do ambiente proporciona a oportunidade para uma fauna também variada. Entre os animais terrestres mais abundantes na área do projeto, de acordo com Brown Jr. (1986) destacam-se: bugio (*Alouata caraya*), macaco-prego (*Cebus apella*), anta (*Tapirus terrestris*), queixada (*Tayassu pecari*), cateto (*Tayassu tajacu*), coati (*Nasua nasua*), tatu (*Dasypodidae*), onça (*Panthera onca*), nas matas e aterros; veados (*Mazama gouazoubira* spp.), nos campos; capivara (*Hydrochaerus hydrochaerus*), nos banhados.

Nos rios e lagoas encontram-se jacarés (*Caiman crocodilus yacare*) e muitas espécies de peixes, entre as quais destacamos, de acordo com Caravello (1986), a traíra (Erythrinidae), saguiru papa-terra (Curimatidae), piavas (Anostomidae), pequiras (Cheirodontinae), lambaris (Tetragonopterinae), piranhas (Serrasal-

minae), pacus (Myleinae), dourados (Salmininae), entre outros.

Entre as aves podemos citar o colhereiro (*Ajaia ajaja*), a tahã (*Chauna torquata*), a jaó (*Crypturellus undulatus*), o biguá (*Phalacrocorax olivaceus*), as garças (*Ardea, Egretta* ssp.), a cabeça-seca, o tuiuiu (*Mycteria, Jabiru*), os patos (*Dendrocygna*), os pombos (*Zenaida, Leptotila, Columbina*), os tucanos (*Pteroglossus, Ramphastos toco*), o merlo-do-brejo (*Angelaius cyanopus*).

Encontram-se ainda crustáceos (caranguejos) e moluscos (*Pomacea, Marisa, Biomphalaria*), e raros bivalvos.

A diversidade da fauna do Pantanal é muito maior. Citamos alguns animais mais abundantes entre os que poderiam ser utilizados para a alimentação das populações pré-coloniais que se instalaram na área.

3.2. As Culturas

Quando nos perguntamos sobre áreas e recursos que convidariam para a instalação humana, levantamos, ao mesmo tempo, a pergunta se o ambiente de hoje era o mesmo através do tempo. Certamente não era, mas a evolução do Pantanal ainda é pouco estudada e os resultados propostos têm pouca utilidade para nossa pesquisa.

Mesmo que a ocupação humana da área nos pareça recuar até mais que uns 3.000 anos, o homem provavelmente pegou o ambiente em forte evolução. Ele se teria instalado no momento em que o ambiente oferecesse garantias suficientes para tanto.

O ambiente, onde a ocupação humana se mostra mais antiga e, aos poucos, se torna mais densa, são as margens das grandes lagoas cercadas pela morraria. Os recursos aí disponíveis são os peixes, répteis e aves, mais fáceis de apanhar durante a estação da seca, as frutas das encostas baixas (gravatás, xixás e cocos) também disponíveis na mesma estação, os moluscos aquáticos que se multiplicam ao infinito nos campos alagados durante as chuvas e a caça de animais terrestres sempre presentes. Também há facilidade para conseguir matérias-primas para a produção de instrumentos, recipientes, canoas, construções e não falta combustível para as fogueiras. Nas encostas e patamares baixos há solos bons para cultivos. O lugar estratégico para melhor aproveitamento desses recursos parece ter sido a borda da lagoa, usando as águas como meio de locomoção.

Lugares aparentemente menos aptos, mas, mesmo assim, muito usados, eram as bordas dos córregos e corixos do interior do pantanal, que no tempo da chuva e enchente, ofereciam abundância de moluscos e caça; no tempo da seca e vazante possuíam peixes, répteis e aves. Também ofereciam matéria-prima para a produção de instrumentos, recipientes, canoas, construções e combustível para as fogueiras, pequenos espaços para cultivos, mas em condições aparentemente inferiores às mencionadas anteriormente. Para a instalação e permanência exigiram a escolha de pequenas elevações naturais do terreno (*cordilheiras*) ou o levantamento e consolidação de aterros. Se este não foi o primeiro ambiente a ser ocupado, porque inicialmente talvez não oferecesse boas condições, depois recebeu centenas de assentamentos humanos.

Um lugar também interessante, embora muito limitado espacialmente, é a encosta da morraria, onde existem córregos permanentes, umidade suficiente

também durante a estação seca e nenhum período de alagação. O solos são férteis, prestando-se muito bem para um cultivo de certa intensidade.

Até agora foram mapeados, na área piloto do projeto, mais de 150 sítios arqueológicos. A maior parte são cerâmicos, poucos são pré-cerâmicos, e quatro são os petroglifos dos quais nos ocupamos.

A maior parte são aterros em áreas alagadiças.

Os aterros são elevações de um metro e meio a dois metros de altura, por oitenta a cem metros de diâmetro, cobertos por capões-de-mato. Recebem, na literatura arqueológica, o nome de aterros por serem resultantes de atividades de grupos humanos pré-históricos (Bitencourt, 1991). Sua elevação sobre o terreno circundante permite que não sejam cobertos pelas enchentes, que chegam somente a meia-altura dessa pequena elevação. Por estarem cobertos por uma vegetação mais alta, densa e diferente da que cresce no entorno alagadiço, também são chamados de *capões-de-mato* ou simplesmente *capões*.

Nos capões é comum a proliferação de grandes árvores que não conseguem sobreviver em áreas úmidas, ou com lençol freático muito alto. A periferia costuma ser formada por acuris. Ainda mais para fora, onde a enchente alcança mas não dura tanto tempo, há outras plantas arbustivas, ou mesmo arbóreas, como o chamado para-tudo (ipê-amarelo). O campo vizinho, que fica alagado durante meses, tem vegetação predominantemente herbácea. A vegetação do centro, de árvores altas, só é possível porque o solo é mais profundo e o terreno mais seco. Como ela faz sombra, os acuris não conseguem sobreviver. Por sua vez essas árvores não conseguem sobreviver entre os acuris, com suas copas fechadas. Os acuris têm

raízes longas que vão para o terreno seco e parcialmente para o úmido, precisam de luz para se desenvolver, razão por que ocupam as bordas. Quando termina a competição das árvores altas do centro, por desmatamento, os acuris invadem todo o terreno (Schmitz, 1992).

Esses aterros são formados por material síltico-arenoso e orgânico, associado a conchas de gastrópodos, principalmente aquáticos e outros materiais arqueológicos. Ainda não existem datações para eles, mas é possível que as ocupações mais antigas sejam anteriores a Cristo, ao passo que as mais recentes talvez se tenham dado por volta do século XVI ou XVII.

Para a sua formação levanta-se a hipótese de que antigas populações indígenas teriam recolhido moluscos nos campos alagados e acumulado as conchas em pontos arenosos que sobressaiam da enchente. Dessa forma seria possível que gradativamente o solo se fosse tornando favorável à flora, à fauna e ao homem que, por sua vez, deve ter voltado a ocupá-los com mais intensidade e frequência, tanto para moradia como talvez para cultivo, de acordo com as configurações sazonais do ambiente (Oliveira, 1993).

Um exemplo de grupo indígena que utilizava esse tipo de ambiente são os Guató (enquadrados no tronco lingüístico Macro-Gê), embora não se possa afirmar que tenham sido os formadores dos aterros aqui estudados. Este grupo horticultor⁵ costumava habitar lagoas e ilhas da região do Alto Paraguai, desde o norte da cidade de Corumbá, até Cáceres no Mato Grosso. De acordo com os relatos do início da conquista os Guató são caracterizados como *nômades canoeiros-*

⁵ Horticultor: Cultivador de plantas sob a forma de pequenas hortas, geralmente em ambiente de floresta.

pescadores de grande mobilidade fluvial, utilizando-se de aterros semelhantes aos que estão sendo estudados no pantanal do Abobral e na lagoa do Jacadigo, onde habitavam e plantavam, protegidos das cheias (Oliveira, 1993).

Além dos Guató, um outro grupo canoeiro habitou esta área: os Payaguá que eram praticamente os donos do rio Paraguai, tendo ampla mobilidade por todo o seu curso. Os sistemas fluviais grandes e ramificados favoreciam essa espécie de nomadismo da água, que se havia desenvolvido nesse ramo da família Guai-curu (Reichert, 1991).

Segundo a autora citada, estes canoeiros-pescadores seguiam o ciclo das crescentes e vazantes dos rios para a sua subsistência, com períodos de trocas e saques principalmente às aldeias guarani. As trocas pacíficas e saques também eram feitos com outros grupos. Os Paiaguá fixaram seus assentamentos nucleares⁶ na confluência do rio Verde com o Paraguai, em consequência do avanço dos espanhóis, buscando zonas onde proliferava a árvore timbó, utilizada para a fabricação de suas canoas. Este ponto está dentro da área piloto e se encontra no sopé da morraria.

Os quatro anos de pesquisa permitem uma primeira classificação dos sítios e das culturas presentes na área piloto.

Nela foram localizados aproximadamente 150 aterros que apresentam a mesma cerâmica que Rogge e Schmitz (1993) denominam de grupo 1.

Na área de tensão ecológica, no sopé da morraria, foram encontrados três sítios que os autores citados denominam grupo cerâmico 2 e um sítio cerâmico

denominado grupo 3.

Na área de transição chaquenha (tensão ecológica) e floresta da encosta da morraria foram encontrados, até agora, 12 sítios de horticultores da tradição cerâmica Tupiguarani⁷, que, segundo Rogge e Schmitz (op. cit.), é o grupo 4 de ceramistas.

Até agora foram localizados, também, três sítios pré-cerâmicos. Dois estão junto à lagoa do Jacadigo, sendo pré-cerâmicos nos estratos inferiores e cerâmicos do grupo 1 nos superiores. O terceiro, exclusivamente pré-cerâmico, foi encontrado numa barranca alta do rio Paraguai.

Os quatro lajedos com petroglifos, de que nos ocupamos a seguir, encontram-se no sopé da morraria em área de tensão ecológica.

Segundo Rogge e Schmitz (op. cit.), o primeiro grupo compreende a cerâmica dos aterros das lagoas do Jacadigo e Negra e do Pantanal do Abobral assim descritos:

Nas baías do Jacadigo e Negra existe uma dúzia desses sítios, em pontos que sobressaem das águas da inundação ou diretamente das águas das lagoas. Os estratos terrosos, medindo até 150 centímetros de espessura, contêm uma grande quantidade de gastrópodos de água doce, sepultamentos primários estendidos ou fletidos, alguns provavelmente secundários (...) A mesma cerâmica foi encontrada em dezenas de aterros do Pantanal do Abobral, onde os estratos arqueológicos são totalmente cerâmicos e, normalmente, não ultrapassam 80 cm (Rogge e Schmitz, 1993, p. 3).

A mesma cerâmica foi encontrada também em aterros dos rios Verde,

⁶ Assentamentos nucleares: assentamentos mais duráveis, geralmente centrais, no território de exploração de populações caçadoras-coletoras pré-cerâmicas ou ceramistas.

⁷ Tradição cerâmica Tupiguarani: Tradição caracterizada principalmente por uma cerâmica policrômica (vermelho e/ou preto sobre engobo branco, ou pintura branca sobre engobo vermelho), corrugada ou escovada.

Negro e Miranda.

As principais características dessa cerâmica, segundo Rogge e Schmitz são: manufatura acordelada⁸; antiplástico⁹ de grãos de quartzo predominantemente, ocorrendo fragmentos de conchas e caco moído. A decoração é variada: simples (na maior parte), corrugada simples¹⁰ com variações, cestaria impressa¹¹, incisa¹², vermelha, com impressão de corda¹³. Os vasilhames são pequenos, tipicamente utilitários, sem refinamento. Apresenta semelhança com cerâmicas do Chaco argentino.

Pela instalação e disposição dos sítios, os autores consideram que essas populações seriam canoieiros, como os Guató e Paiaguá.

O segundo grupo é de cerâmica encontrada nos patamares baixos da morraria, onde foram localizados, até o momento, três sítios, sendo

(...) um deles em patamar plano e largo junto à baía de Jacadigo, onde a cerâmica se distribui superficialmente até encostar na baía, onde se localiza o segundo sítio; como o terreno foi, desde muito tempo, usado pelo branco no primeiro e se acha coberto por areia no segundo, não se percebe mais uma distribuição diferenciada dos fragmentos. O terceiro sítio, também num largo patamar à beira de um córrego de água permanente, apresenta cerâmica distribuída em 13 pequenas manchas (...) Nestes sítios não existem estratos de gastrópodos, como no grupo anterior, nem outros restos perecíveis, devendo

⁸ Acordelado: Técnica de confecção da cerâmica que consiste em superpor roletes de pasta de comprimento variável, em sentido circular até construir as paredes do vaso (Ribeiro, 1991, p. 578).

⁹ Antiplástico: Matéria introduzida, intencionalmente ou não, na pasta para conseguir condições técnicas propícias a uma boa secagem e cocção, como cacos triturados, areia fina, quartzo, conchas, cauxi, cariapé, ossos etc. (Chmyz, 1966, p. 20).

¹⁰ Corrugado simples: Tipo de decoração resultante do rejuntamento externo dos roletes pela sobreposição da parte inferior de uns sobre a superior de outros (Ribeiro, 1991, p. 582).

¹¹ Cestaria impressa: Tipo de decoração que consiste em imprimir na superfície externa da cerâmica, antes da queima, marcas de cesto (Chmyz, 1976, p. 134).

¹² Inciso: Tipo de decoração plástica das vasilhas que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões na superfície ainda úmida (Chmyz, 1966, p. 14).

¹³ Impressão de corda: Tipo de decoração em que a cerâmica, antes de ser queimada, é marcada com cordas (op. cit. p. 16).

as camadas serem pouco espessas. A relação não é mais com a água mas com a mata da encosta, na qual se encontravam (Rogge e Schmitz, 1993, p. 4).

A cerâmica desse grupo possuiria alguma semelhança com a do grupo 1. É acordelada, o antiplástico é constituído de quartzo, hematita e minerais opacos, caco moído e raramente concha moída. De coloração avermelhada é, em sua maior parte, alisada¹⁴; em pequena proporção aparece o vermelho interno e/ou externo, o corrugado simples, o roletado¹⁵, o ungulado¹⁶, o pinçado¹⁷, o serrungulado¹⁸, o inciso, o aplicado¹⁹ e a impressão de corda, sendo exclusivo desses sítios o pinçado e o serrungulado. Existem alguns apêndices sob a forma de alça²⁰ e botão²¹. Nos sítios próximos à lagoa de Jacadigo essa cerâmica se sobrepõe à dos sítios do grupo 1. Os vasilhames são pequenos e rasos (Rogge e Schmitz, 1993).

O terceiro grupo descrito foi encontrado também nos patamares baixos da morraria. Foi localizado apenas um sítio. Este encontra-se

(...) na beira de um córrego d'água, na borda da mata da encosta (...) também neste sítio não existem estratos de gastrópodos, e a distância das lagoas e do pantanal é considerável. (Rogge e Schmitz, 1993, p. 6).

A maior parte da cerâmica do grupo 3 é simples, sendo característica a

¹⁴ Alisado: Processo de nivelção da superfície das peças cerâmicas podendo variar em grau, como superfície bem alisada, regular e irregular (op. cit., p. 7).

¹⁵ Roletado: Tipo de decoração que consiste em conservar roletes de confecção do vasilhame, sem pressionar e alisar a superfície externa (Ribeiro, 1991, p. 592).

¹⁶ Ungulado: Tipo de decoração que consiste em imprimir, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em diversas posições, na superfície dos vasilhames (op. cit., p. 597).

¹⁷ Pinçado: Tipo de decoração em que se imprimem marcas espaçadas pela ação contrátil e simultânea das pontas de unhas e dedos, em sentido oposto, na superfície da cerâmica, como se fosse beliscada (Chmyz, 1966, p. 17).

¹⁸ Serrungulado: Tipo de decoração em que a ação simultânea das pontas de unhas e dedos, em sentido oposto, na superfície cerâmica, provocam a formação de cordões em crista, afastados por sulcos (Ribeiro, 1991, p. 592).

¹⁹ Aplicado: Tipo de decoração em que se fixa uma ou várias tiras ou bolas de pasta, na superfície cerâmica, com efeitos de variadas formas e desenhos (op. cit., p. 579).

²⁰ Alça: Apêndice vasado, destinado à suspensão do recipiente (op. cit., p. 579)

²¹ Botão: Apêndice maciço, em forma de botão.

impressão de corda e, menos, o vermelho. A ausência de outras decorações plásticas a distingue dos grupos anteriores. O antiplástico é constituído por grãos de quartzo e raramente concha moída. Os vasilhames são rasos. Até agora não foi encontrada semelhança desta com nenhuma outra cerâmica.

O quarto grupo identifica os 12 sítios localizados nos patamares baixos e altos da morraria, no interior de matas fechadas, onde foram recolhidos milhares de fragmentos de cerâmica conhecida como da tradição cerâmica Tupiguarani, sub-tradição Corrugada. O material em nada se distinguiria, segundo os autores, daquele encontrado em todo o sul do país. O material cerâmico foi analisado por Rogge (1991), que escreve que a decoração plástica é de corrugado médio e alto, corrugado-ungulado médio, corrugado-ungulado baixo e ungulado. Em menor quantidade apareceria o pinçado, o inciso, o impresso e o pintado. As formas seriam as tradicionais e não apresentariam nenhuma influência colonial, nem de outros grupos ceramistas.

Rogge e Schmitz (1993) concluem que a ocupação cerâmica do grupo 1 deve ser a mais antiga e duradoura devido ao número de sítios e à exclusividade em todas as áreas alagadiças. Esses grupos, canoieiros ao que tudo indica, principalmente pela localização dos sítios em áreas alagadas a maior parte do ano, não se teriam fixado nos demais ambientes, como os dos patamares baixos e altos da morraria, possibilitando que outros grupos se estabelecessem na área, entre esses o Tupiguarani (grupo 4), que aproveitaram as áreas de floresta com terrenos férteis, propícios para a agricultura.

O grupo 2 tem apenas 3 sítios. Desses, dois estão próximos do grupo

1, estando inclusive um desses sobre um dos sítios do grupo 1. Isso sugere que a ocupação do segundo grupo é posterior ao primeiro. O outro sítio do grupo 2 está próximo aos sítios Tupiguarani mas sem nenhuma evidência de contato, sugerindo que também não são contemporâneos. O pequeno número de sítios indica que a ocupação foi de pouca duração. O mesmo aconteceria com o grupo 3 que, até agora, produziu um único sítio raso na mesma área dos sítios Tupiguarani, também sem indício de contato com eles.

Os autores concluem, ainda, que o grupo mais antigo teria sido o 1, seguido do Tupiguarani (4). Os grupos 2 e 3 teriam sido mais recentes e provavelmente se teriam estabelecido na época da conquista espanhola ou um pouco antes, o que poderá ser testado com datações de carbono 14.

Como se pode verificar, as culturas se estabeleceram diferencialmente nos diversos ambientes que descrevemos.

Nas áreas do Pantanal (áreas temporariamente alagadas) e das *baías* (áreas permanentemente alagadas) temos um tipo de cerâmica (grupo 1), que provavelmente pertence a uma população canoieira. Os sítios pré-cerâmicos, devido à mesma implantação poderiam, também, ser decanoeiros.

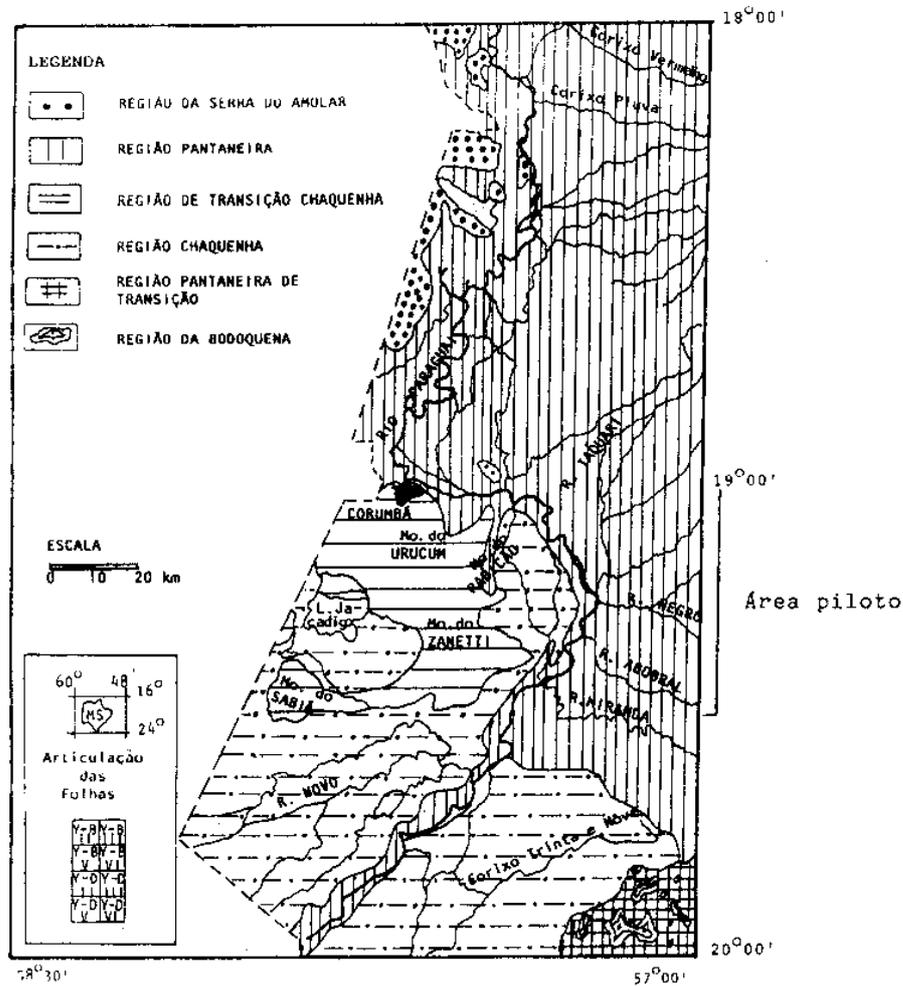
Na área de tensão ecológica, onde a vegetação é menos densa e corresponde aos patamares baixos da morraria, encontram-se os sítios cerâmicos dos grupos 2 e 3, que aparentam não serem canoeiros, mas populações pedestres ou cavaleiras, como as conhecidas dos relatos dos cronistas, sob a denominação de Guaicurú (Mbayá).

De fato, um dos ramos guaicurú penetrou nas terras do rio Paraguai,

oriundos do médio Pilcomayo, e estabeleceu relação de vassalagem com os cultivadores guaná (Arawak). O contato com o branco possibilitou a introdução do cavalo na sua cultura, em princípios do século XVII, aumentando a sua mobilidade e o seu poder ofensivo, com o que ampliou também o seu território.

Os petroglifos dos lajedos, na área de tensão ecológica, a fronteira entre os ceramistas do grupo 1 e do 4 e local de ocorrência dos grupos 2 e 3, sem dúvida fazem parte de um ou mais desses grupos. Pelo seu tamanho, visibilidade, estrutura de organização, originalidade e tempo investido na sua produção, eles devem ter desempenhado um papel importante na cultura da área.

Nos próximos capítulos descreveremos os sítios e apresentaremos nosso procedimento, depois analisaremos os petroglifos de cada sítio, comparando a área com outras de petroglifos semelhantes e, finalmente tiraremos nossas próprias conclusões.



- | | | |
|--------------------------------|---|--|
| REGIÃO DA SERRA DO AMOLAR | - | Conjunto de relevo alçado, formado por elevações residuais - Floresta estacional Decidual, de savana e de contato savana/estacional. Altimetria de aprox. 100 m nos níveis mais baixos e entre 500 a 1000 m nas elevações. |
| REGIÃO PANTANEIRA | - | Extensa superfície de acumulação de topografia bastante plana, oscilando entre 80 a 150 m, com rede hidrográfica complexa, frequentemente sujeita a inundações periódicas. |
| REGIÃO DE TRANSIÇÃO CHAQUENHA | - | Planícies coluviais pré-pantanal, possuindo altitudes entre 100 a 130 m. Elevações residuais (as morrarias) emergem entre 400 a 750 m que constituem as Elevações Residuais do Mato Grosso do Sul. |
| REGIÃO CHAQUENHA | - | Corresponde ao prolongamento meridional da Região Pantaneira, constituindo-se numa vasta bacia de deposição. Altimetria inferior a 100 m. Cobertura vegetal Chaquenha/Savana Estépica. |
| REGIÃO PANTANEIRA DE TRANSIÇÃO | - | Constitui um vão deprimido com altimetrias variando entre 100 e 300 m. Vegetação de Savana; Floresta Decidual e de contato. |
| REGIÃO DA BODOQUENA | - | Conjunto serrano variando de 200 a 700 m. A Serra da Bodoquena corresponde relevos dobrados e relevos cársticos. Vegetação de Contato Savana/ Floresta Estacional. |

Figura 2. Mapa com a localização do Projeto Corumbá.

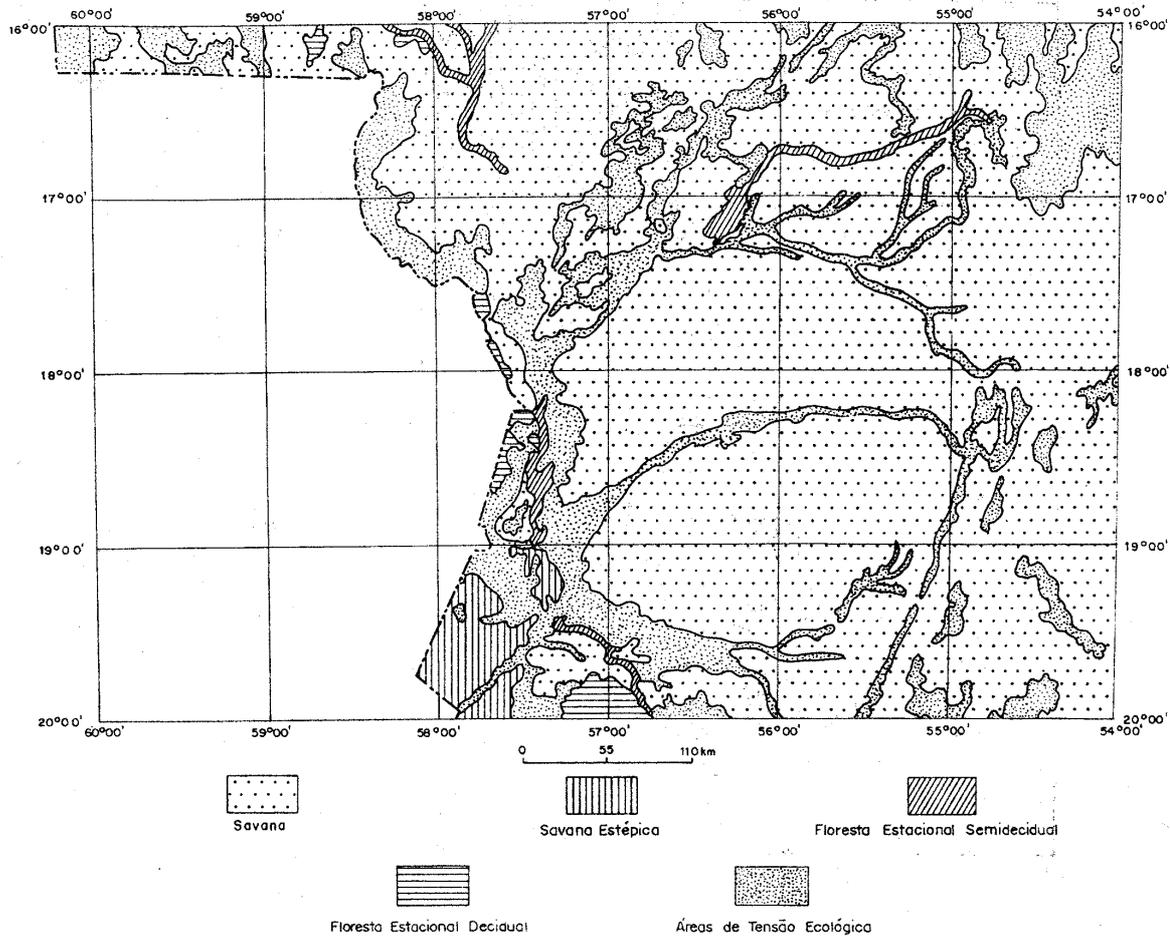


Fig. 4.7 — Mapa de vegetação da Folha SE21 Corumbá.

Figura 3a. Mapa da Vegetação Fonte: RADAMBRASIL

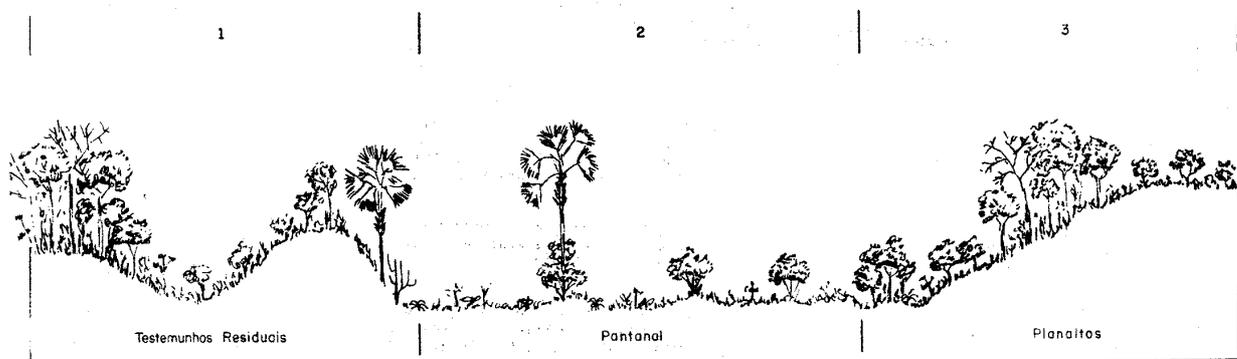


Fig. 4.16 — Perfil esquemático das Áreas de Tensão Ecológica (encraves). 1 — Contato Savana Estépica/Floresta Estacional; 2 — Contato Savana/Savana Estépica; 3 — Contato Savana/Floresta Estacional.

Figura 3b. Perfil Esquemático das Áreas de Tensão Ecológica Fonte:RADAMBRASIL

4. OS SÍTIOS DE GRAVURAS

Nas áreas de Transição chaquenha, no sopé da morraria, sobre lajedos horizontais, foram localizados quatro sítios de petroglifos nas seguintes fazendas: Dr. Moutinho, Figueirinha, Salesianos e Santa Terezinha (CRMAP) (Ver figura 4).

Para a descrição dos sítios usamos a documentação produzida pela equipe do projeto. Pessoalmente não estivemos no campo.

Fazenda Moutinho - MS-CP-01: (Ver figuras 5, 6, 7, 17b, 19a b)

O sítio foi visitado pela primeira vez por Pe. Dr. Afonso de Moraes Passos em 1959 e foi registrado por Lehel Silimon em 1971. Localiza-se a 24Km a sudeste de Corumbá, do lado esquerdo da estrada da Manga, a 7Km da lagoa Negra e a 150m de altitude. O proprietário da fazenda é o Dr. José Fernando Moutinho. O lajedo, em sua maior parte, é um conglomerado irregular, formado por hematita. Aos pés do morro do Urucum, estende-se por aproximadamente 8Km em sentido leste-oeste, e mais ou menos 1Km em sentido norte-sul.

A inclinação do lajedo é fraca, de aproximadamente 15 graus, fazendo que a água escorra facilmente. Apresenta, na maior parte de sua extensão, uma cobertura de seixos soltos do mesmo material da laje. Cactus, musgos, gravatás e outras plantas pequenas crescem em tufos dispersos.

Onde a laje termina crescem árvores e muitos arbustos, destacando-se

o ipê-amarelo (*Tecoma aurea*), a mangabeira (*Hancornia* sp), a lixeira (*Curatella americana*), a canjiqueira (*Lantana trifolia*), além de cactáceas, bromeliáceas, gramíneas e gravatás (Passos, 1975). Em volta, a terra tem certa fertilidade e poderia ser cultivada.

Ao longo do lajedo, no lado direito, flui um córrego intermitente, que é um dos sub-afluentes do córrego Banda Alta, que desemboca na Lagoa Negra. Na época das chuvas o córrego intermitente cobre alguns petroglifos.

Onde o córrego entra na mata, no final do lajedo, existem outras nascentes cuja água foi represada, formando açudes para atender às necessidades da fazenda. Junto a essas nascentes está instalada a sede da propriedade, compreendendo casas, galpões e currais.

A maior parte do lajedo não tem petroglifos. A área gravada, de aproximadamente 1.700 m², está distribuída em três partes: a maior, junto ao casario da fazenda (painel 1), outra (painel 2) distante uns 500 metros para a esquerda, a terceira (painel 3) subindo ao longo do córrego uns 300 metros.

O lajedo era utilizado como saleiro e dormitório do gado. Por isso, a maior parte dos petroglifos está mal conservada e foi necessária uma boa limpeza para que se tornassem visíveis.

Pe. Dr. Antônio de Moraes Passos, na sua tese de livre-docência, escreve que visitou o sítio em 1959, 1961 e 1975 e que os petroglifos já então estavam bastante deteriorados, principalmente pelo pisoteio do gado. Diz também que as casas e a piscina foram construídas sobre os petroglifos mais bonitos, mas esta afirmação do Dr. Passos não foi confirmada. Deve-se ressaltar que a documentação

do Dr. Passos é muito pequena e imprecisa.

Neste lajedo existem gravações profundas e bem acabadas, produzidas por fricção e outras mais rasas e erodidas, das quais algumas parecem ser feitas por picoteamento¹. As mais profundas e conservadas encontram-se ao longo do córrego e na parte central do painel 1 e são geralmente independentes. As mais rasas estão ligadas por longos sulcos sinuosos, ou linhas de pontos. Os sulcos sinuosos incorporam ou são acompanhados por grafismos.

A profundidade das gravações varia de 3 milímetros a 3,5 centímetros e a largura, de 2 a 5 centímetros.

Na análise do material dividimos o lajedo nos três painéis indicados. O painel 1 encontra-se junto à sede da fazenda. O painel 2 está a aproximadamente 500 metros em direção sul a partir do 1, e o painel 3 está a montante do córrego, na sua margem direita, distando do final do painel 1 aproximadamente 300 metros.

O painel 1 pode ser dividido em duas partes: 1a e 1b. No 1a o que mais se destaca são os longos sulcos e as linhas de pontos. De espaço em espaço existe, dentro deles, um círculo, um *florão* e depressões de vários tamanhos. Ao longo dos sulcos, ligados direta ou indiretamente a eles, se encontra a maior parte dos grafismos. Os sulcos e as linhas de pontos costumam estar ligados entre si e muitas vezes se cruzam.

Deste conjunto não foram copiados todas os grafismos, devido ao péssimo estado de conservação de alguns deles.

Este painel tem como característica principal um longo sulco, de uns

200m, acompanhado de e incorporando grafismos de maior ou menor complexidade. Na proximidade da sede da fazenda, entre as casas e o córrego, existe ainda um denso aglomerado de sulcos incorporando ou acompanhados de grafismos variados.

O 1b, em área mais plana, é formado por gravuras mais bem acabadas, fundas, alisadas, não encadeadas.

O painel 2 encontra-se a uns 500m do final do painel 1. Este painel tem, na entrada da mata, um pequeno núcleo de grafismos com grandes pisadas e *florões* de pontos. Dali partem, com pequena divergência, acompanhando as aberturas criadas no lajedo pelas enxurradas, dois feixes de sulcos sinuosos e outro isolado; ambos se estendem por dezenas de metros, acompanhados por poucos grafismos. Há grandes grafismos fechados encontrados no meio dos tufo de uma bromélicea espinhenta (Schmitz, 1993).

O painel 3 é bastante erodido, tem pequeno número de grafismos, num espaço mais exposto e mais inclinado.

Em torno desse lajedo, distando entre dois e três quilômetros, foi localizada uma série de sítios Tupiguarani e um sítio com cerâmica do tipo 2.

Este é o maior de todos os lajedos, tem maior área gravada e se caracteriza mais que os outros pelos imensos sulcos sinuosos que amarram muitos outros grafismos.

Fazenda Salesianos - MS-CP-02: (Ver figuras 8, 9, 10)

¹ Picoteamento: técnica de abrasão realizada através de percussão repetida de uma superfície por um batedor provocando seu esfarinhamento (Prous, 1992, p.77).

De propriedade dos padres salesianos, do colégio Santa Tereza, localiza-se a 17Km a sudeste de Corumbá, à direita da estrada da Manga, a nordeste do morro do Urucum e a 8Km a sudeste da lagoa Negra, numa altitude de 150m.

Este sítio não é mencionado por Passos, nem registrado por Silimon. Ao que tudo indica, o sítio foi localizado e documentado pela primeira vez pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, em 1990.

O lajedo possui vários quilômetros de extensão em direção à morraria do Urucum e, na altura dos petroglifos, possui aproximadamente 200m de largura. Como os outros sítios, resultou da consolidação de materiais erodidos das encostas. Ele abrange partes uniformes e lisas e partes heterogêneas e irregulares e tem pequena declividade. Os petroglifos estão nas partes mais regulares.

Sobre a laje há gramíneas, cactáceas e bromeliáceas. A laje é percorrida no sentido longitudinal por um fluxo de água intermitente, que desemboca no córrego Banda Alta. Na proximidade do córrego há terrenos ricos e férteis, propícios para cultivos.

Cercando o lajedo, onde a terra é mais fértil, existem árvores grandes e restos de mata fechada.

Os petroglifos, divididos em dois painéis, ambos próximos, estão bastante erodidos por meteorismo. Os grafismos são bem mais simples que os da Fazenda Moutinho e da Fazenda Figueirinha. Também aqui temos um painel com sulcos sinuosos que se encontram, mas nem sempre é possível ver todas as suas partes por estarem erodidos ou cobertos de vegetação. No outro painel existem grafismos independentes, inclusive pés humanos em seqüência, direitos e esquer-

dos (Schmitz, 1992).

Os petroglifos foram feitos por raspagem. As profundidades variam de alguns milímetros a mais de 3 centímetros.

Encostado no lajedo, foi encontrado um sítio cerâmico com mais de 100 metros de diâmetro, de uma cerâmica simples com impressão zonal de corda, classificada por Rogge e Schmitz (1993) como cerâmica do terceiro grupo.

Na mesma fazenda, e na vizinha, ligados ao mesmo córrego da Salesianos, existem vários sítios Tupiguarani.

Este sítio é mais simples, mas semelhante ao da Moutinho e da Figueirinha.

Fazenda Figueirinha - MS-CP-03: (Ver figuras 11, 12, 13, 14, 15, 17a, 18a b)

Este sítio foi estudado por Passos (1959) e registrado pelo setor de arqueologia da SPHAN²/FNPM (1983). Localiza-se à direita da BR 262 a 30 quilômetros ao sul de Corumbá e a 10 quilômetros da lagoa de Jacadigo, entre a morraria de Santa Cruz e a Tromba dos Macacos. Está a 150 metros de altitude, em área relativamente aplanada. A fazenda pertence a Izulina Gomes Xavier.

Está, geologicamente, sobre o mesmo tipo de laje da fazenda Moutinho.

A superfície é uniforme, a inclinação é de poucos graus, facilitando o

² Atual IBPC, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural.

escoamento da água. Inclina-se no sentido leste-oeste, ou seja, da morraria do Urucum em direção à lagoa de Jacadigo. A 400 metros, em direção leste, está o córrego das Pedras que vem da morraria e desemboca na lagoa de Jacadigo.

O lajedo só aflora em pequenas manchas no meio de uma vegetação composta por arbustos variados, palmáceas, bromeliáceas e gramíneas. Esta vegetação é mais densa ao longo do córrego, contendo plantas de terras mais férteis como bacuris e xixás, outras árvores grandes e restos de mata fechada, como a da encosta vizinha.

As gravuras cobrem a maior parte dos lajedos aflorantes.

Os grafismos estão nas partes da laje em que a rocha é maciça e aplanada, não se encontrando onde as superfícies são irregulares ou cobertas de seixos. Abrangem aproximadamente 990 m² de área gravada.

O sítio se compõe de três faixas ou lajedos. As gravuras mais abundantes e preservadas estão na longa faixa do meio. Na faixa à esquerda de quem chega da BR 262 elas foram destruídas, pois ali passou o caminho dos carros que serviam a fazenda. Na faixa à direita elas ainda são abundantes mas bastante atacadas.

As gravuras foram divididas em 7 painéis, por ocasião da documentação e de sua análise. Em alguns painéis eles são densos e complicados, em outros são meros círculos ou círculos concêntricos dispersos.

Na laje central, tomando como referência a BR, temos os painéis 1, 2, 3, 4 e 5, correspondendo a 820 m² de área gravada. Nestes painéis os grafismos são mais densos, complexos e interligados. A laje da direita, de forma sub-

retangular, tem 165 m² gravados: é o painel 7. Este painel é composto por grafismos mais simples e em menor número.

Na laje da esquerda, que é estreita e foi usada como caminho, está o painel 6, com 9 m², bastante prejudicado pelo trânsito.

Grande quantidade de gravuras foi feita por raspagem. Os aprofundamentos centrais dos círculos são bastante fundos e regulares. Onde as gravações são mais rasas e erodidas é difícil dizer se foram realizadas por raspagem ou picoteamento. As profundidades variam de poucos milímetros a mais de três centímetros e as larguras de 1 a 3 centímetros.

Os grafismos assemelham-se aos encontrados no sítio da fazenda Moutinho. Também aqui aparecem os grandes sulcos sinuosos ligando grafismos ou acompanhados por eles. Há algumas diferenças que chamam atenção: neste, os sulcos são simples, isto é, não se apresentam seguindo paralelamente, nem aparecem as longas filas sinuosas compostas por pontos. Neste sítio há grandes grafismos complexos interligados, que não se encontram nos outros sítios. Não foi possível classificar estes grafismos emaranhados, por não podermos determinar onde começam e onde termina cada um deles; apenas chamamos atenção para eles.

Próximo ao lajedo encontram-se sítios cerâmicos do primeiro grupo, principalmente ao longo do córrego das Pedras, que desemboca na lagoa de Jacadigo a uns 10Km de distância.

Sítio do Centro de Recuperação - MS-CP-04: (Ver figura 16)

É um lajedo pequeno e estreito, cercado de mata. Encontra-se próximo

ao antigo SAMC (Serviço de Assistência ao Menor Carente), sendo atualmente chamado de Centro de Recuperação Maria Aparecida Pedrossian (CRMAP).

Localiza-se na encosta noroeste da morraria da Tromba dos Macacos, a 150 metros de altitude, na margem esquerda do córrego das Trombas, distando entre 4 e 5 quilômetros, em linha reta, da lagoa de Jacadigo.

Tem inclinação de apenas alguns graus. Em parte exposta da pequena laje encontram-se concentrados gravuras simples. Esculpidas em superfície regular, estão mal visíveis e já muito gastas. Os grafismos estão aglomerados e cobrem praticamente toda a parte exposta do lajedo.

Ao lado dos petroglifos, no caminho que leva ao CRMAP, numa extensão de algumas dezenas de metros, foi encontrada cerâmica semelhante à que existe nos aterros, classificada por Rogge e Schmitz no grupo 1.

O terreno dos arredores é fértil, drenado e profundo, propício para cultivos. A água dista entre 100 e 200 metros morro acima junto às construções do CRMAP.

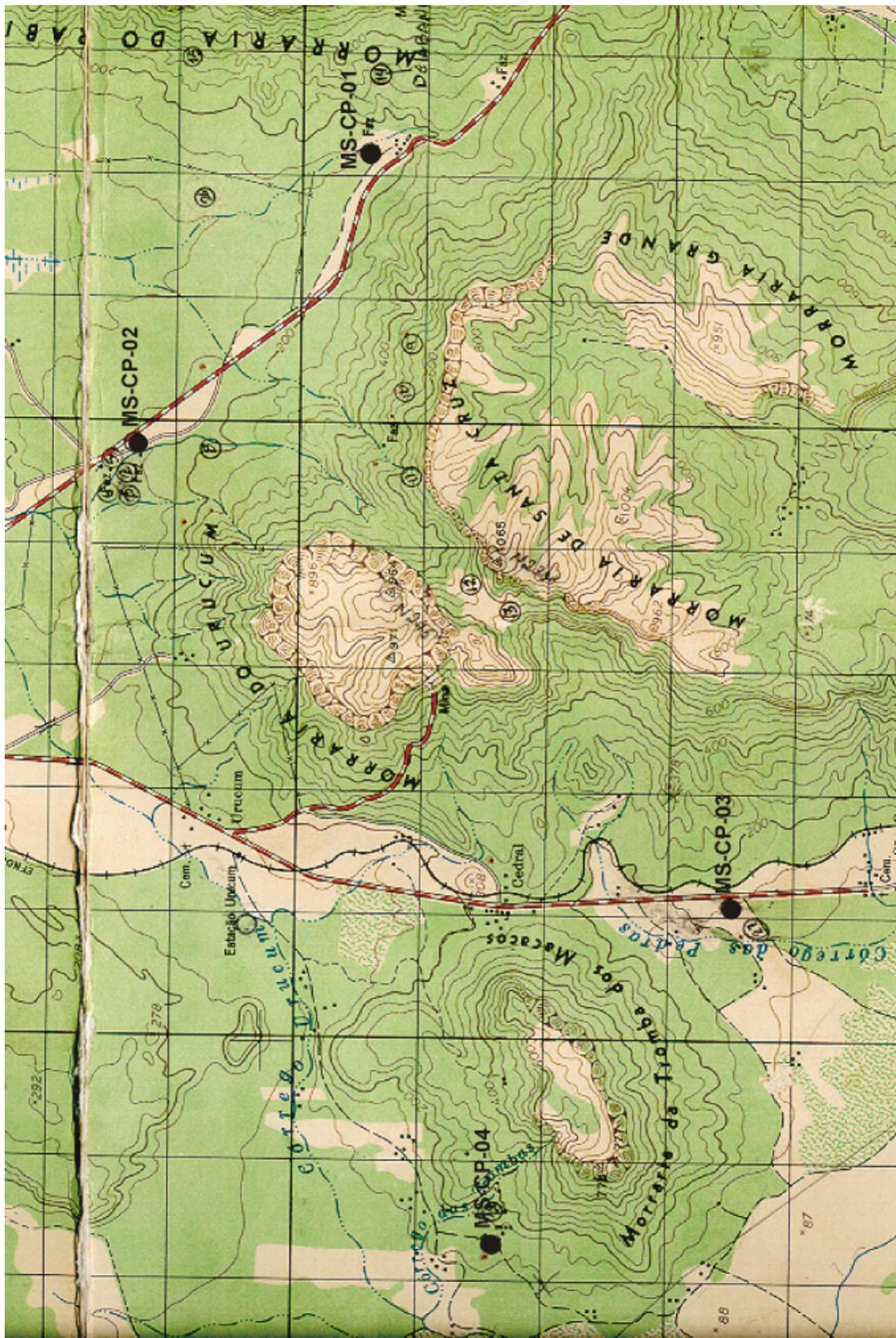


Figura 4. Mapa da Região com a Localização dos Sítios.

PROJETO CORUMBÁ 1993
FAZENDA LAURE PROF. FERNANDO MOUTIMBO
 MS-CP-02

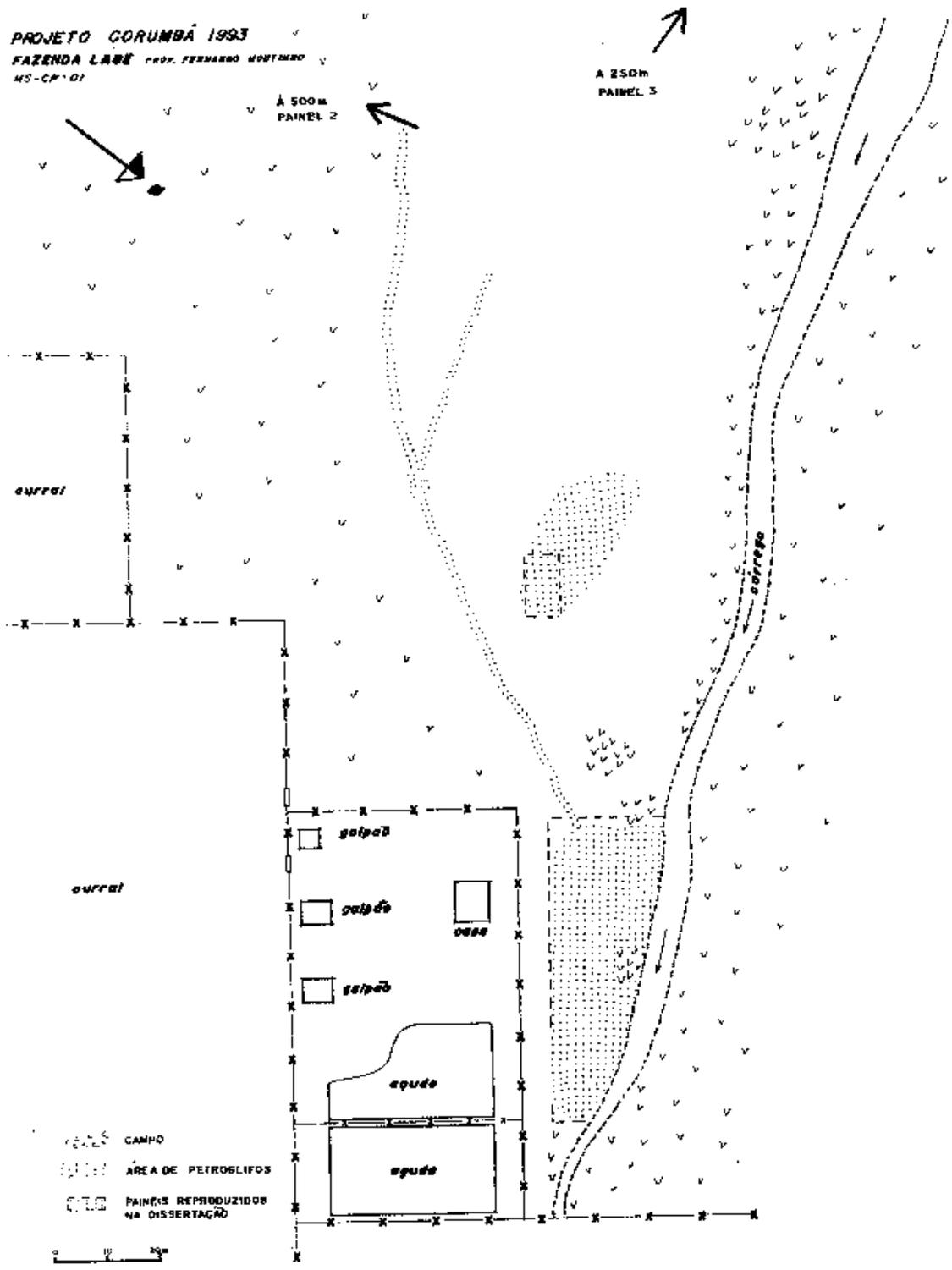


Figura 5. Croqui do Sítio MS-CP-02

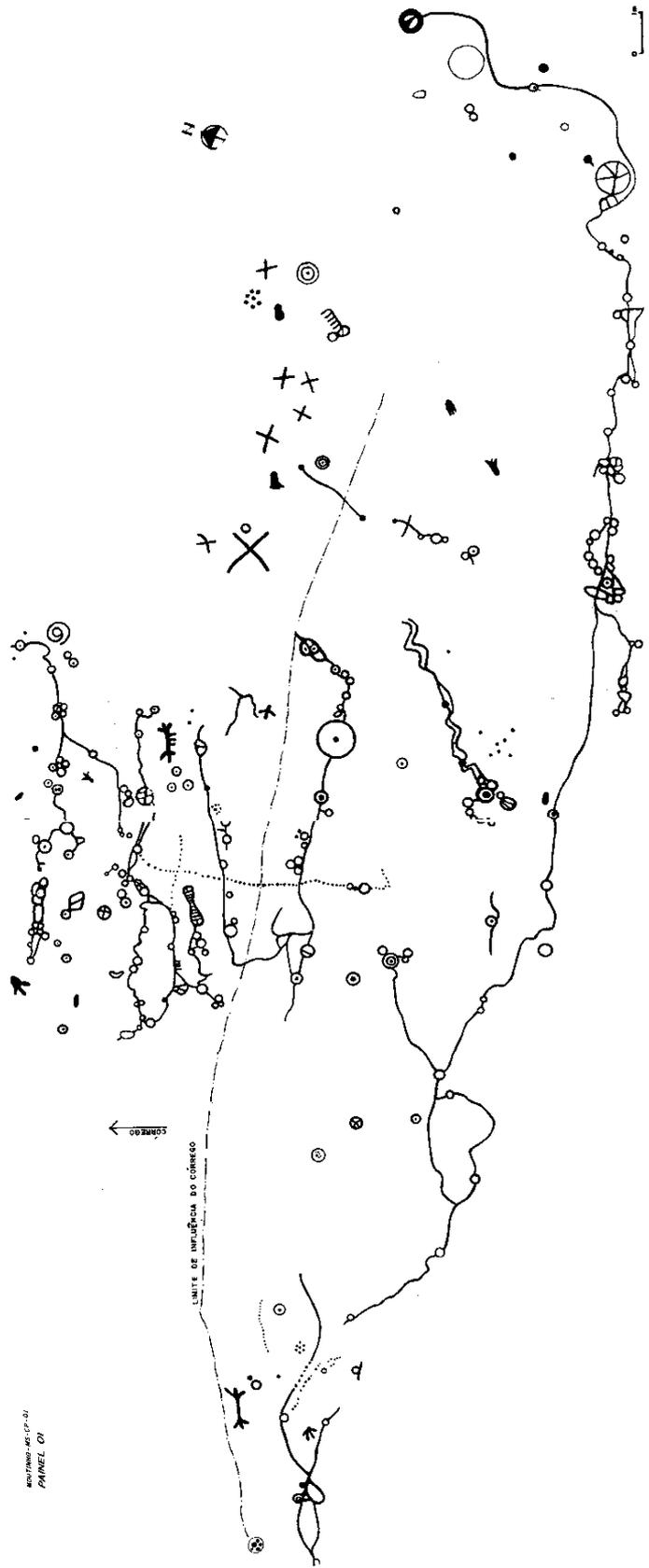


Figura 6. Cópia Reduzida do Pannel 1a do Sítio MS-CP-01

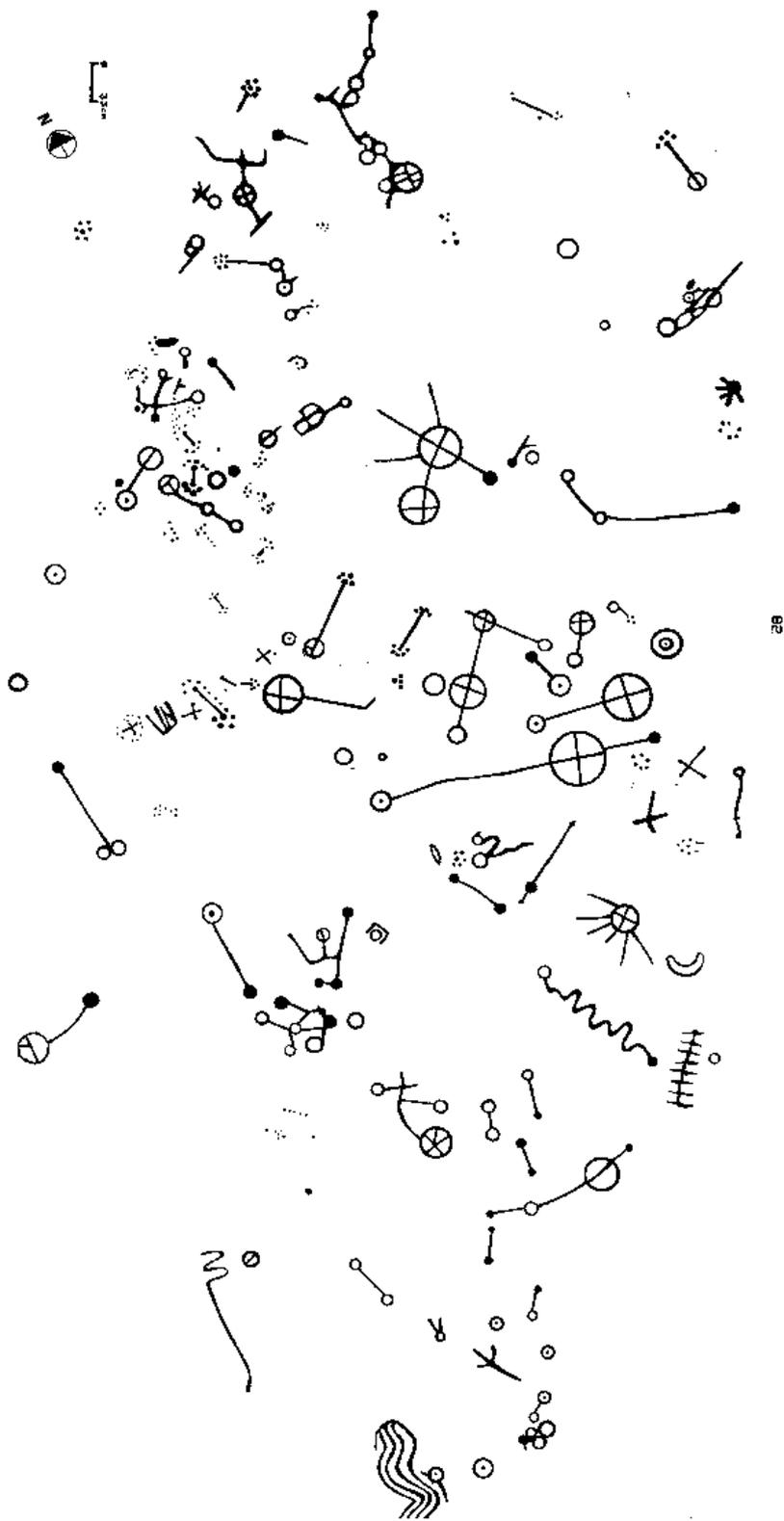


Figura 7. Cópia Reduzida do Painel 1b do Sítio MS-CP-01

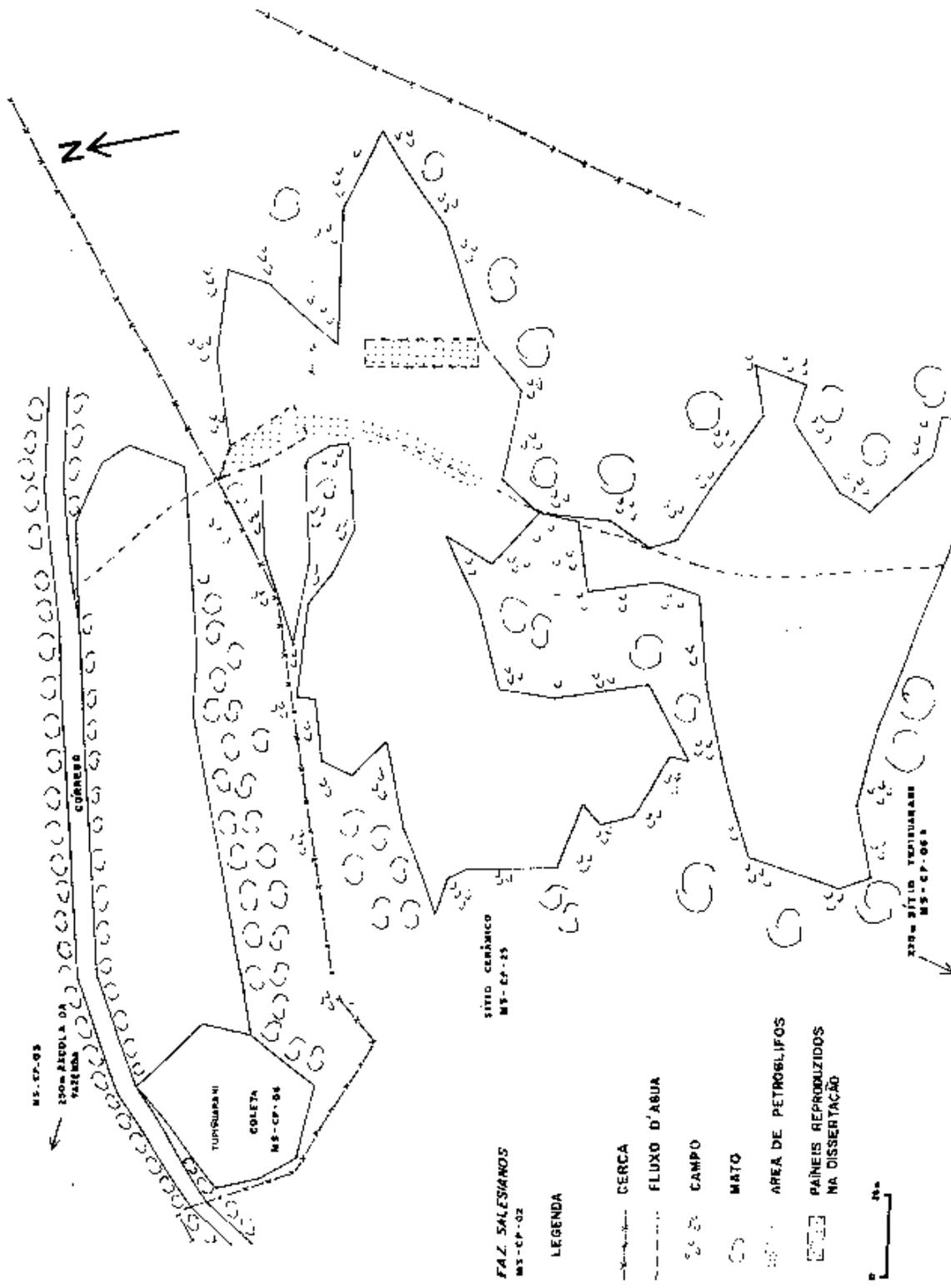


Figura 8. Croqui do Sítio do Sítio MS-CP-02

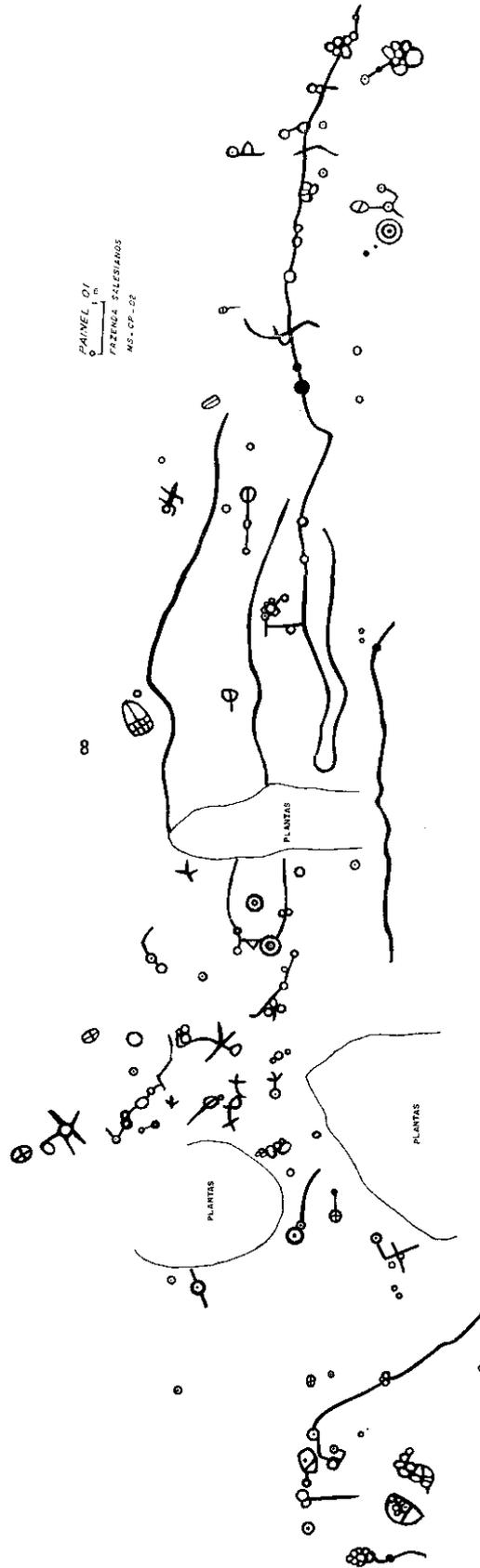


Figura 9. Cópia Reduzida do Painel 01 do Sítio MS-CP-02

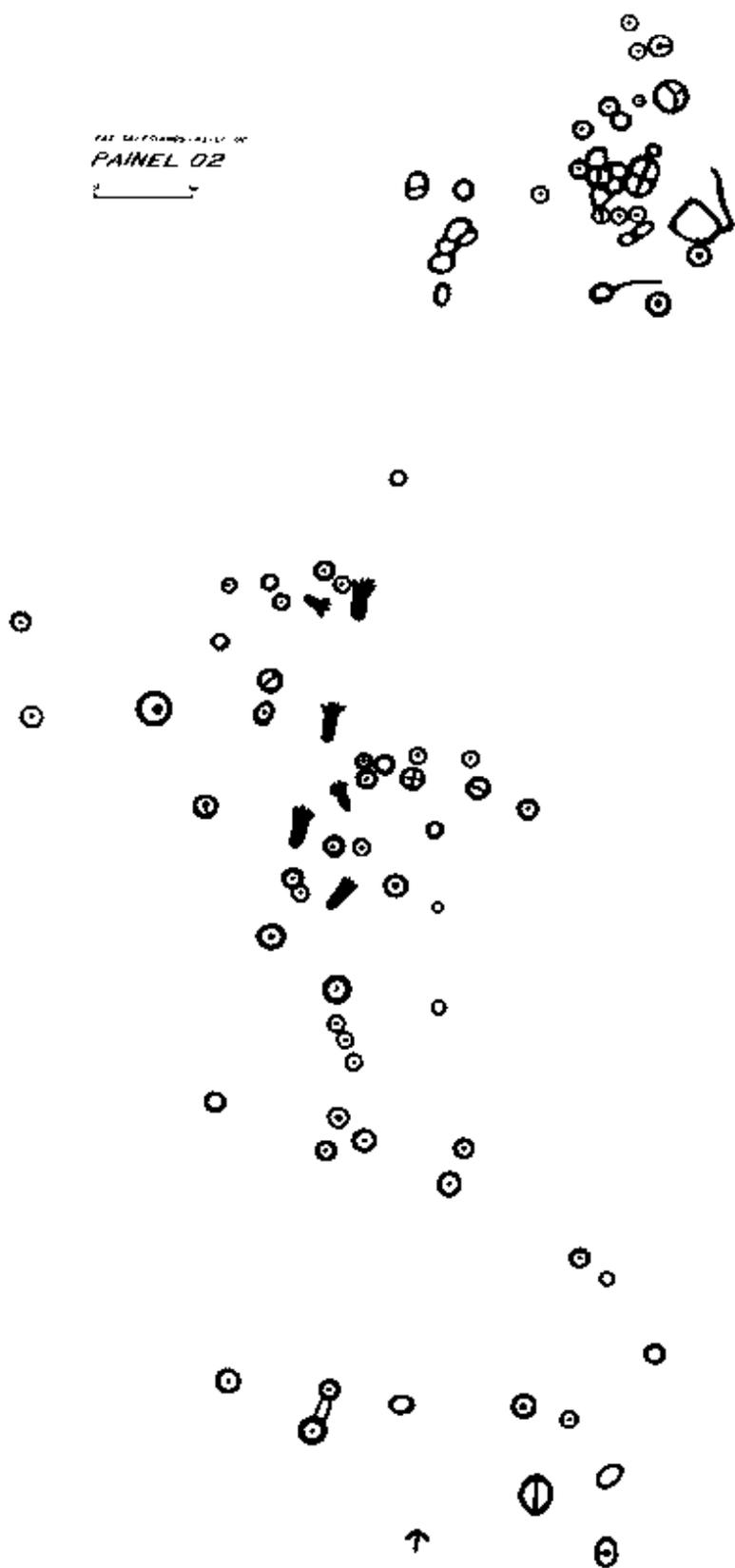


Figura 10. Cópia Reduzida do PAINEL 02 do Sítio MS-CP-02

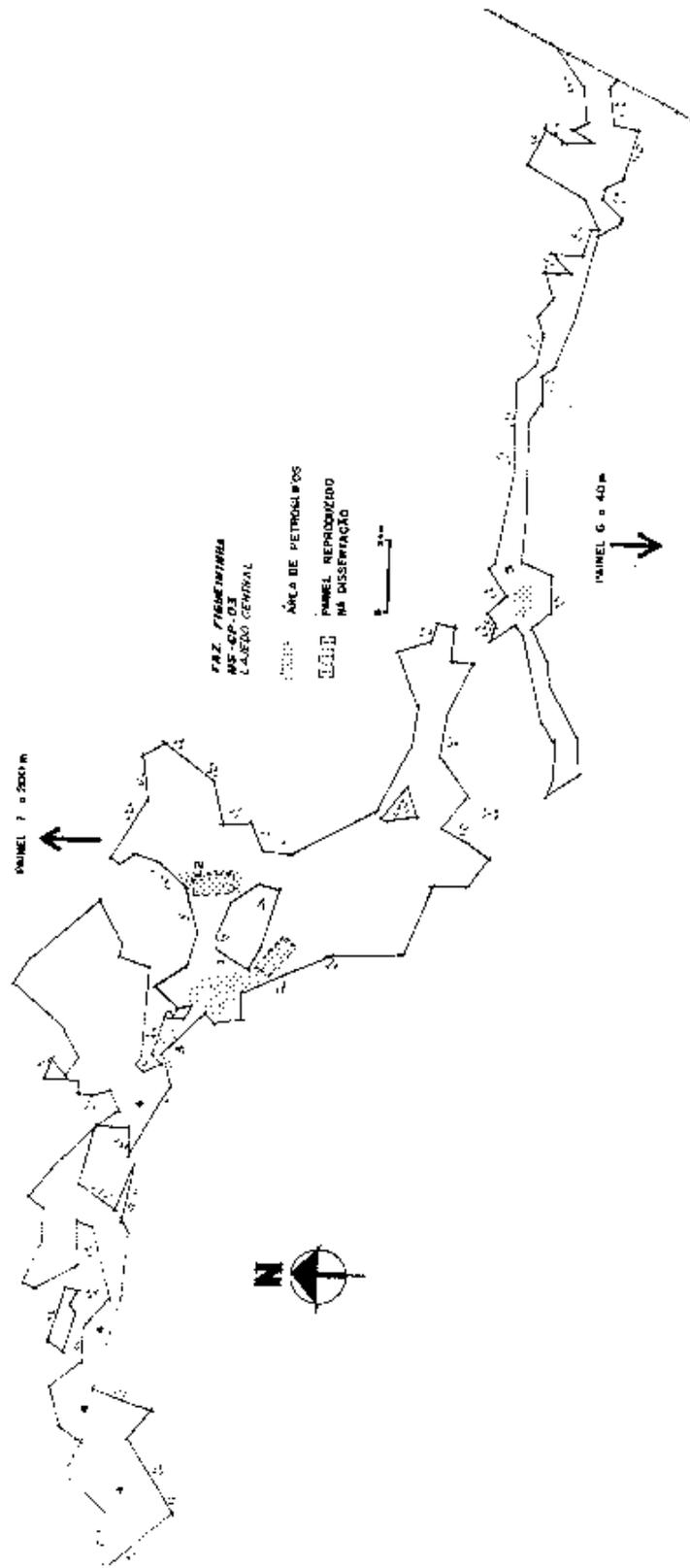


Figura 11. Croqui do Sítio MS-CP-03: Lajedo Central

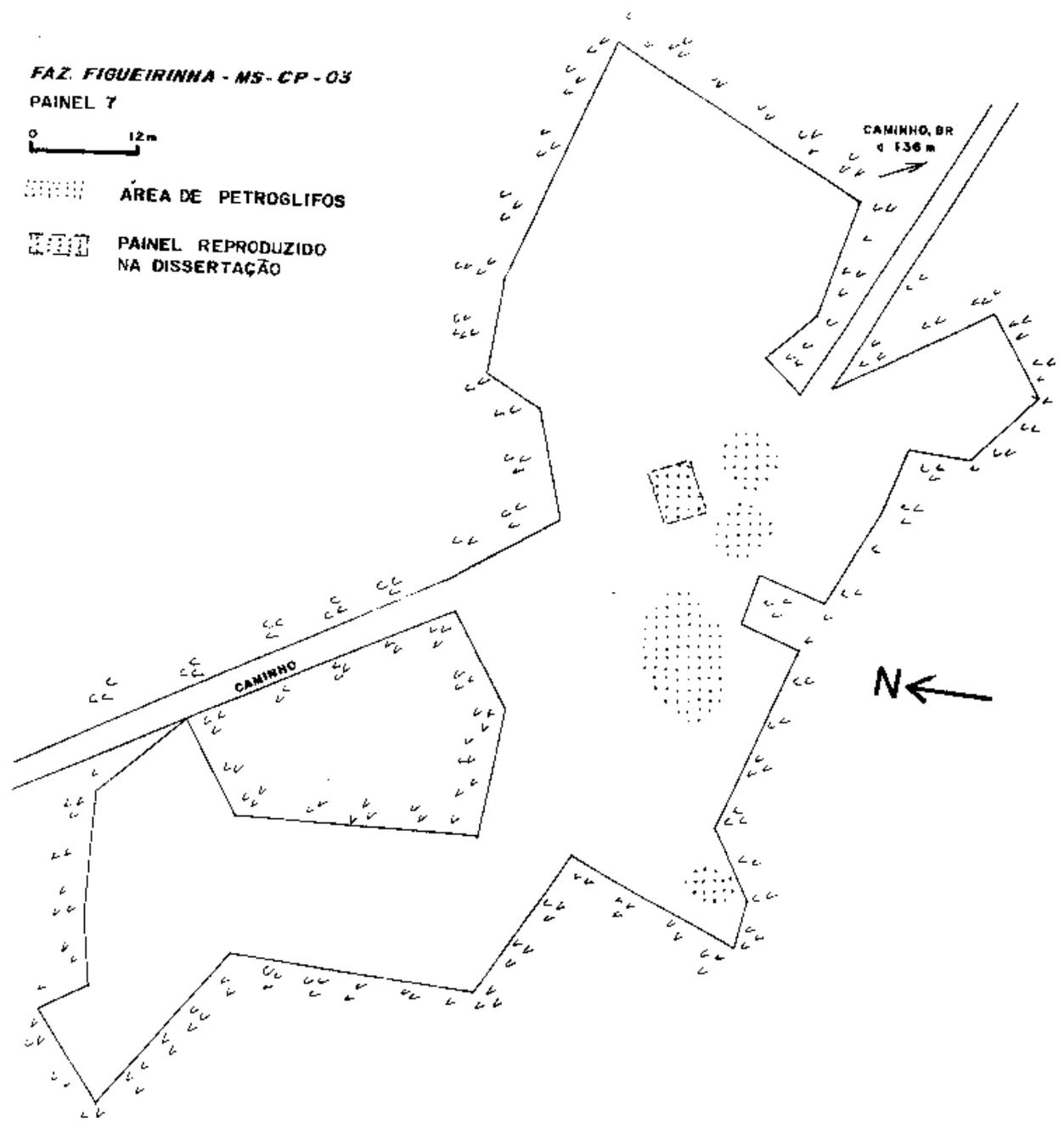


Figura 12. Croqui do Sítio MS-CP-03 - Lajedo da Direita

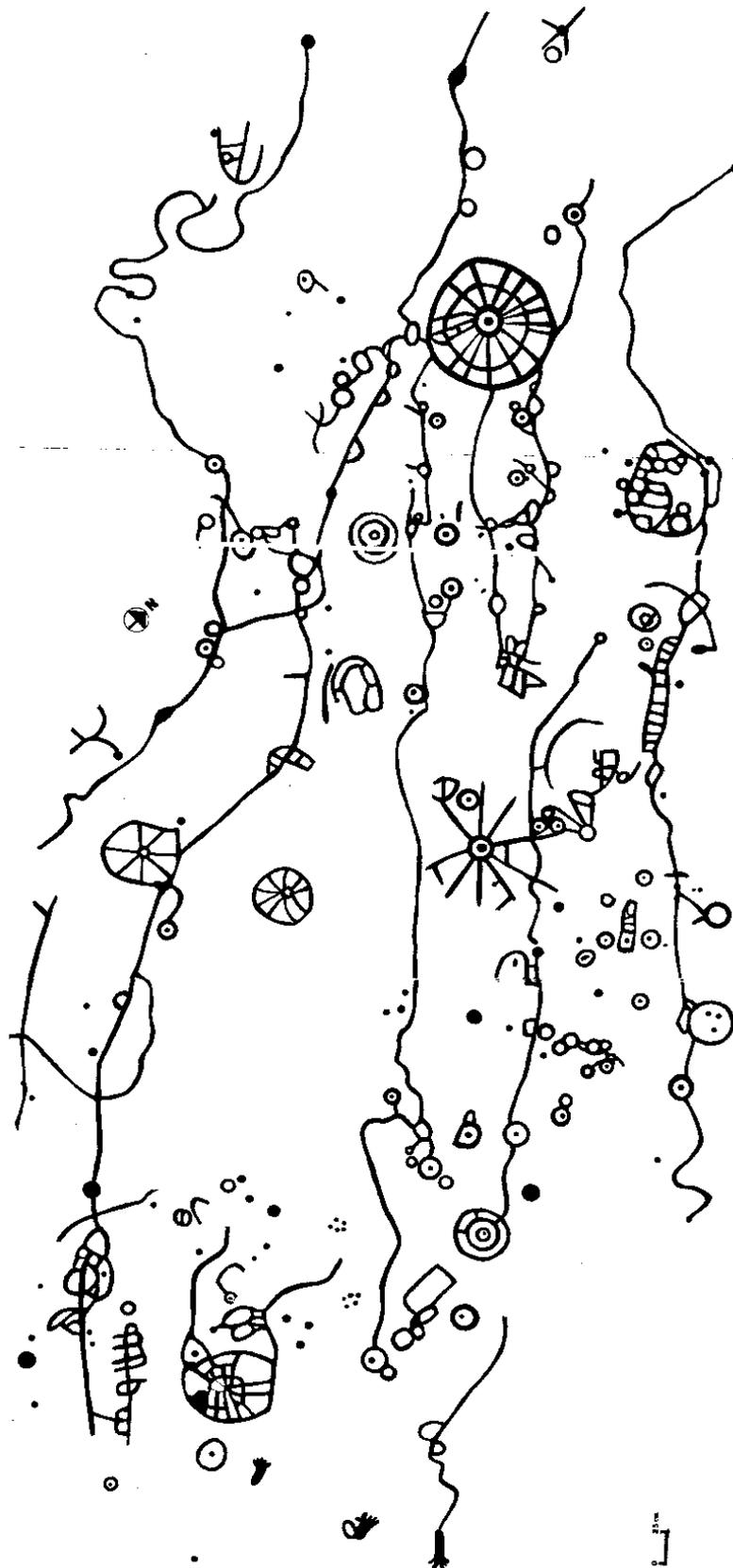


Figura 13. Cópia Reduzida de Parte do Pannel 1 do Sítio MS-CP-03

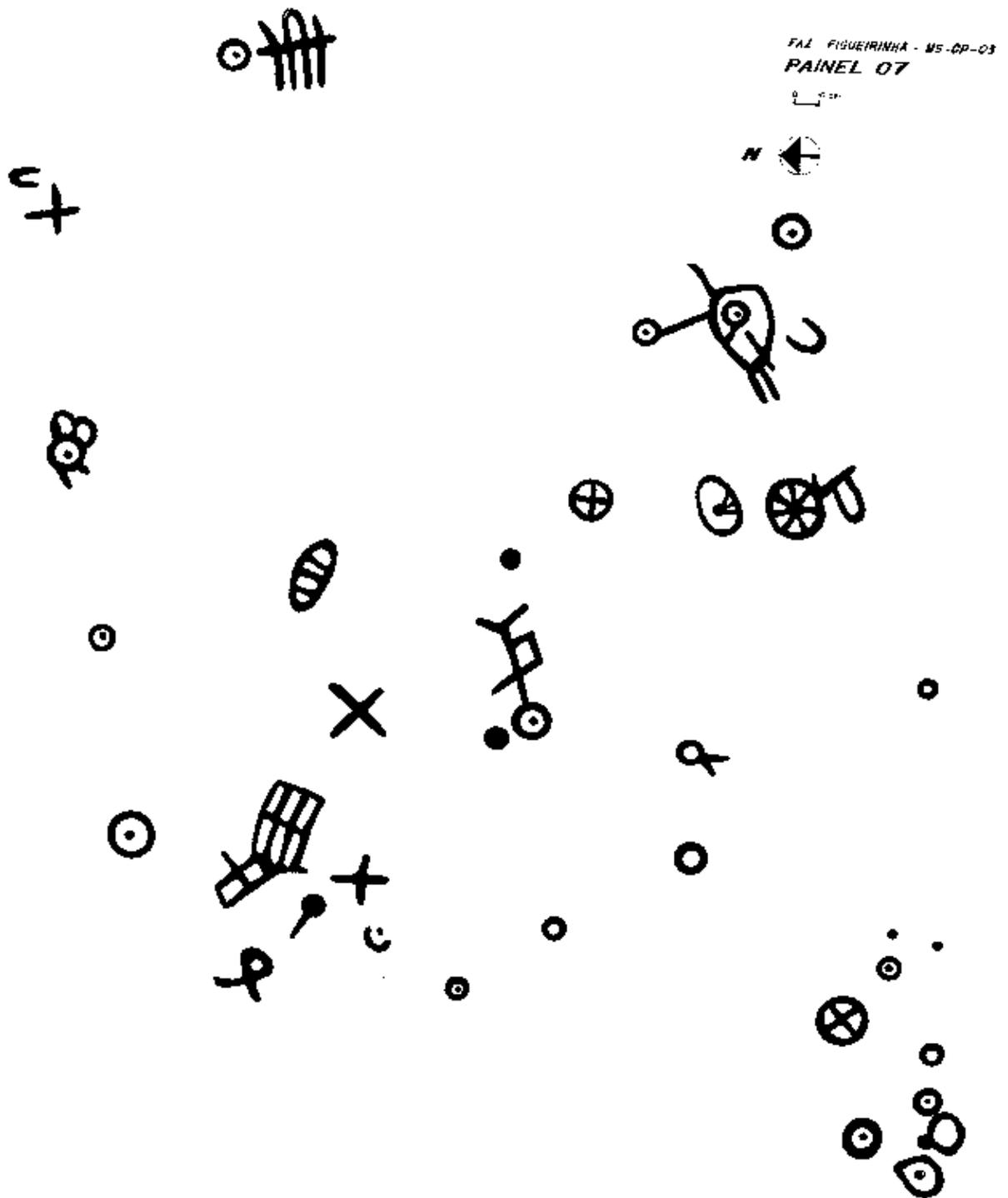


Figura 15. Cópia Reduzida de Parte do Painel 7 do Sítio MS-CP-03

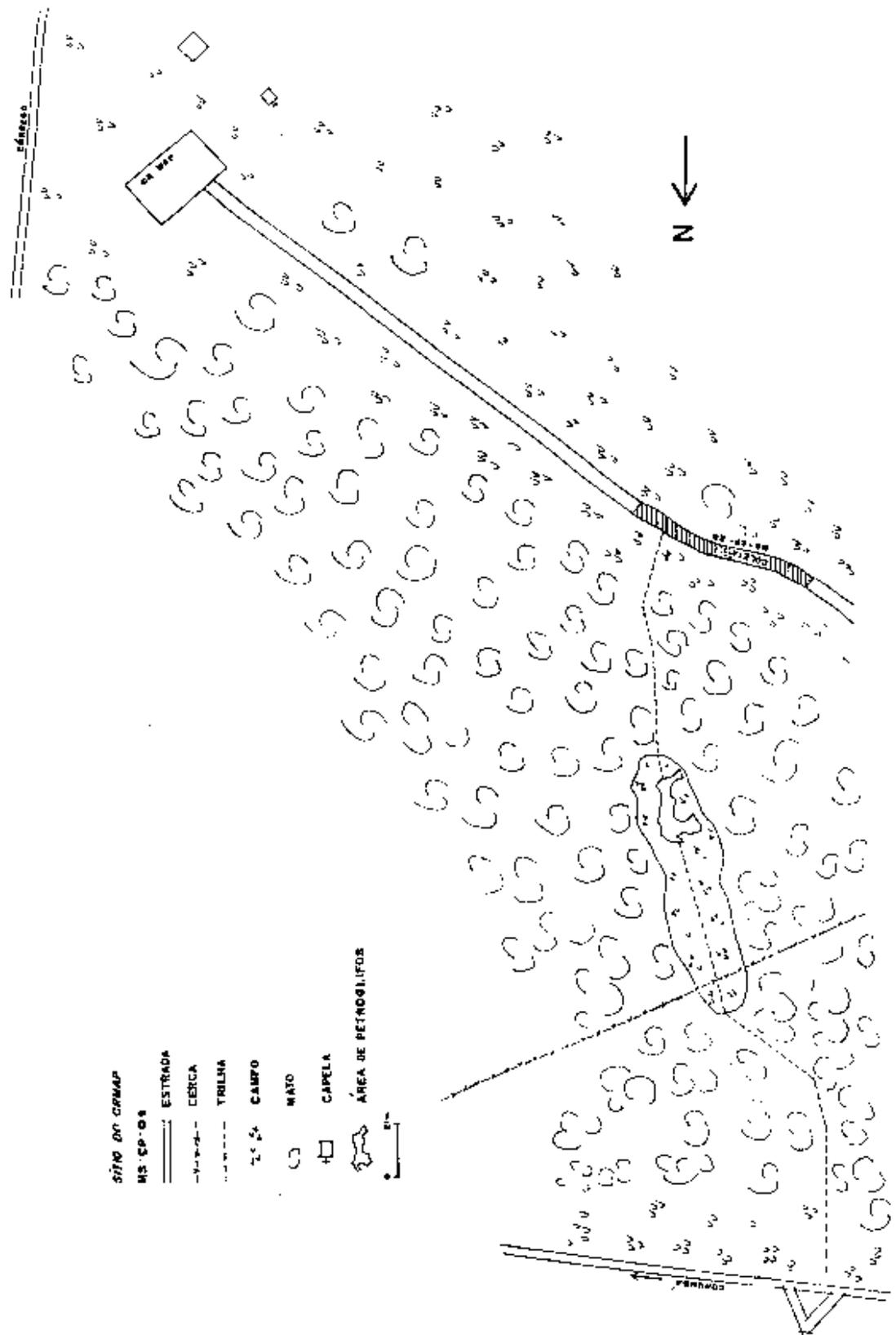


Figura 16. Croqui do Sítio MS-CP-04



Figura 17a. Vista do Lajedo Central da Fazenda Figueirinha - MS-CP-03



Figura 17b. Sulcos Sinuosos e Linhas de Depressão Circulares - MS-CP-01

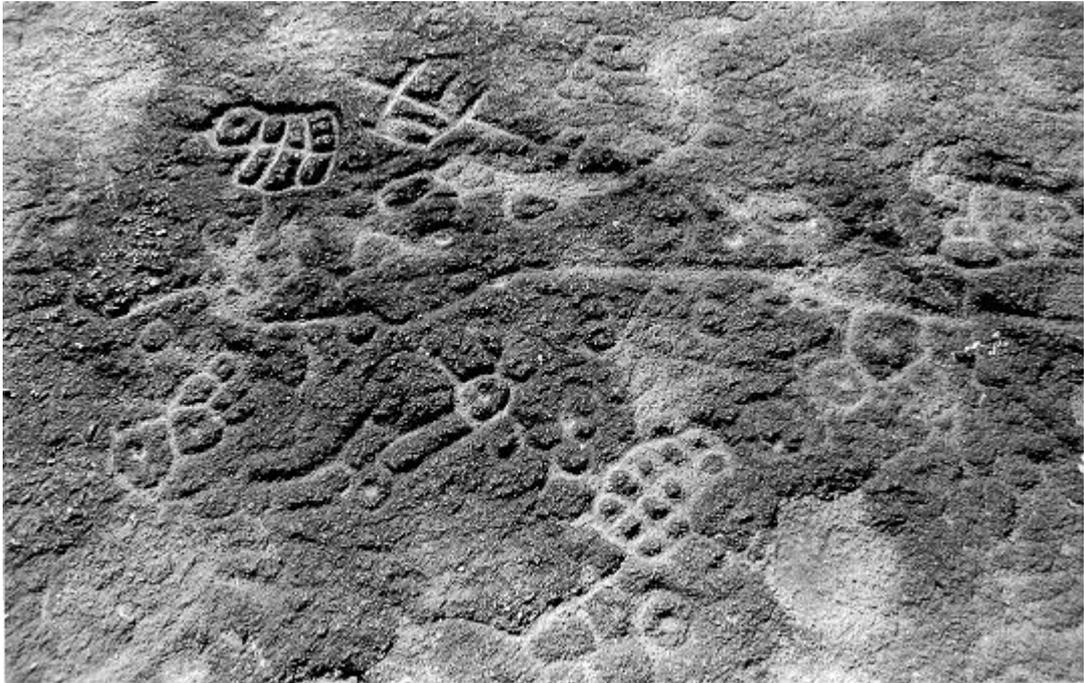


Figura 18a. Rede de Grafismos do Painei 1 - MS-CP-03

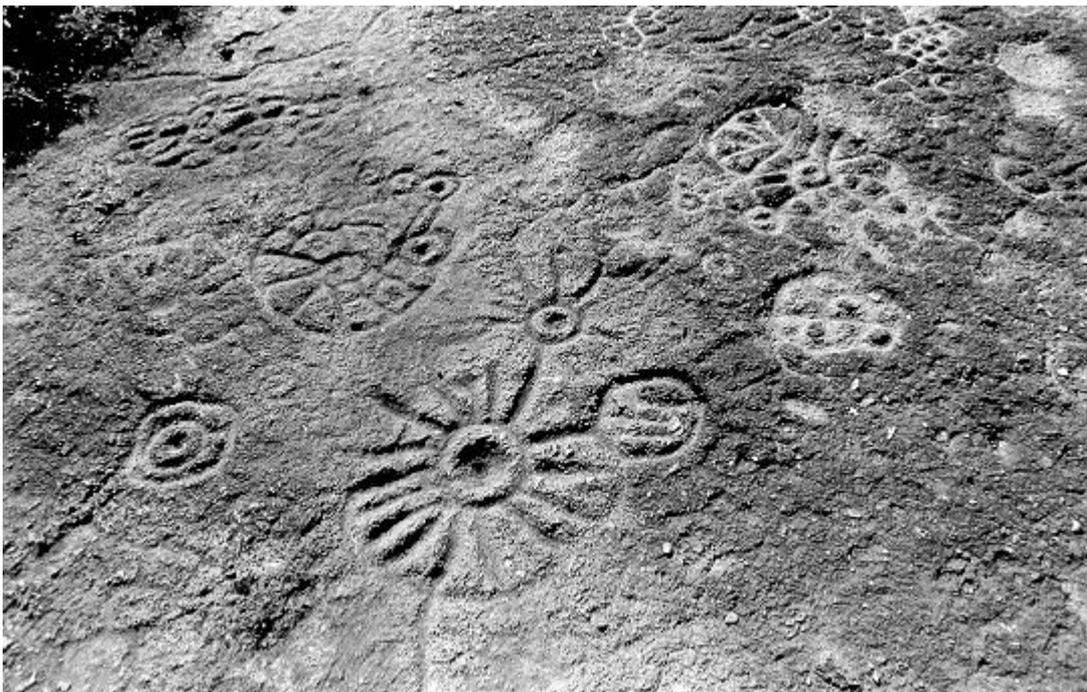


Figura 18b. Rede de Grafismos do Painei - MS-CP-03



Figura 19a. Grafismos do Painel 1b - MS-CP-03



Figura 19b. Grafismos do Painel 1b - MS-CP-03

5. O ESTUDO TIPOLOGICO DAS GRAVURAS

5.1. Procedimentos

Não há consenso entre os arqueólogos sobre manejo e metodologia para o estudo da arte rupestre, mas concordam que três etapas são indispensáveis: documentação, análise e interpretação. A forma adequada de agir em cada etapa varia de sítio para sítio e conforme a região. Deve ser levado em conta o tipo de suporte e o material a ser documentado: pintura ou gravura (cf. Seda, 1988). Em relação aos petroglifos de Corumbá, os procedimentos foram os seguintes:

Antes da documentação foi necessária uma limpeza. Os lajedos encontram-se dentro de limites de fazendas e servem de passagem e dormitório para o gado. Havia uma grande quantidade de estrume acumulada, por isso os painéis foram limpos com vassouras até os sulcos ficarem bem visíveis. Em pequenas partes os grafismos estavam cobertos por vegetação e foi necessário removê-la.

Para a documentação de todo o sítio da fazenda Figueirinha e parte do painel 1 da fazenda Moutinho foi usada a técnica padrão, isto é, decalque em plástico transparente para reproduzir em tamanho natural os grafismos e os painéis. Os plásticos foram fixados sobre os lajedos e os grafismos copiados com caneta hidrocor especial. A cópia foi feita e/ou confirmada em diferentes horas do dia, porque, conforme a incidência de raios solares e diferença de luminosidade, determinados grafismos apresentam-se de forma diferente, alguns, inclusive, só ficam visíveis à

tardinha ou nas primeiras horas da manhã com a sombra provocada pela inclinação dos raios do sol.

Todo o lajedo da Salesianos, os painéis 2, 3 e a maior parte do 1 da Moutinho foram desenhados por Jairo Rogge em escala de 1:30 (Moutinho) e 1:35 (Salesianos). Esse procedimento se deve ao tamanho da área abrangida pelos petroglifos destes sítios, que tornam muito difícil a cópia em plástico.

Os petroglifos do Centro de Recuperação foram fotografados em escala.

Todos os grafismos foram também fotografados em cores e preto-e-branco e descritos. Os lajedos foram filmados. As filmagens e as fotos foram de *tomadas* gerais dos grafismos e arredores e dos painéis e grafismos detalhadamente.

A determinação dos painéis foi feita para facilitar o trabalho, por ser a área de cada sítio muito extensa e por ser impossível copiá-los em um só conjunto, com exceção do sítio do Centro de Recuperação, que possui poucos grafismos. Os painéis foram determinados pelo agrupamento das gravuras e pelos espaços vazios. Em cada painel foi colocada uma identificação, com o nome do sítio, o número do painel, o sinal da junção e a distância de outros painéis do mesmo sítio.

Em laboratório os plásticos foram limpos e todos os grafismos copiados em plástico foram reduzidos dez vezes (1:10), manualmente, em papel milimetrado, com o objetivo de facilitar a manipulação, devido às grandes dimensões dos painéis. Após a redução os painéis foram montados e copiados em papel vegetal com tinta nanquim. Devido à fragilidade do papel vegetal, este não é muito adequado ao ma-

nuseio, às consultas e às anotações necessárias para análise; por isso foram feitas cópias heliográficas para o uso.

Os painéis que não foram copiados em plástico também foram montados em laboratório, transferidos para papel vegetal e deles foram feitas cópias heliográficas como para os painéis descritos acima.

As cópias foram decompostas em tipos, reunidos em quadros, necessários para análise de composição dos painéis e do conjunto dos petroglifos de cada sítio e de toda a área. Os quadros tipológicos apresentam todas as formas de grafismos e suas variações. Foram produzidos quadros de tipos para cada painel, para cada um dos sítios e para o conjunto da área.

A separação dos grafismos para classificá-los em tipos foi relativamente fácil e objetiva quando se tratava de grafismos isolados, difícil e subjetiva quando se tratava de redes de grafismos encadeados. Nestas, foram separados os componentes mínimos, decompondo as redes. Por exemplo, nos longos sulcos sinuosos, encontrados em três dos sítios, foram separados os círculos, os retângulos e outras gravuras que estão incluídas como partes essenciais nas mesmas. Agiu-se da mesma maneira com as redes densas como a representada no painel 1 do sítio da fazenda Figueirinha.

Para compensar essa decomposição foi feita uma descrição desses grafismos complexos, que reconstitui a totalidade dos mesmos.

Nem sempre os elementos mínimos estão dispostos aleatoriamente; muitas vezes eles formam conjuntos, como por exemplo, as *pisadas*, que serão descritas mais adiante.

Os tipos¹ básicos são: A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. Para os tipos e suas divisões veja figura 20, no final deste capítulo.

O tipo A é dos grafismos compostos à base de círculos e depressões circulares, que formam a maior parte dos grafismos e por isso teve de ser muito subdividido: grafismos compostos a partir de um círculo, dois círculos concêntricos, três círculos ligados por sulcos, quatro círculos ligados por sulcos, mais de quatro círculos ligados por sulcos e círculos com raios externos.

O tipo B é composto de conjunto de depressões circulares ou depressões circulares com sulcos.

O tipo C é formado por grafismos retangulares ou elípticos, com divisões de acordo com o preenchimento: sem preenchimento; preenchido por depressões circulares; preenchido por retas paralelas transversais; por retas paralelas longitudinais, por linhas cruzadas; sinalações que têm um retângulo como base; sinalações semelhantes, formadas por sulcos retos ou curvos.

O tipo D é formado por *pisadas* humanas, de aves, de três dedos, com planta redonda e quatro dedos e outras.

O E engloba grafismos complexos. São os tipos abstratos livres. Este conjunto foi dividido em dois subtipos²: grafismos complexos formando campos fechados preenchidos por círculos, linhas curvas ou retas; e grafismos menos complexos, às vezes abertos, compostos por círculos, linhas curvas ou retas. A maior parte dos sub-tipos desse conjunto não se repetem; são figuras únicas. É o tipo que

¹ Tipo: conjunto de atributos, discretos ou métricos, associados de modo constante, em padrões identificáveis (Mendonça de Souza, 1979, p.10).

² Subtipo: divisão de um tipo.

apresenta maior variação.

O tipo F é formado por grafismos compostos por sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades.

No tipo G estão todos os grafismos em forma de espiral.

O H engloba os grafismos fechados, formados por linhas sinuosas.

O tipo I contém grafismos formados por outros sulcos. Estes podem ser simples, se encontrar ou se cruzar.

O último tipo (J) é de combinações de outras formas de círculos com sulcos.

Como dissemos antes, existem, ainda grandes sulcos, geralmente sinuosos, que incorporam ou vêm acompanhados por círculos, os quais foram classificados independentemente na tipologia acima. Os grafismos ligados por sulcos repetem o mesmo tipo dos independentes, sendo a maior parte do tipo A e E; raramente são encontrados grafismos do tipo D (pisadas), ligados por sulcos.

Os grafismos não são percebidos por unidades, mas por conjuntos e os mais típicos são as pisadas, os sulcos e as figuras em redes.

Usando o quadro de tipos, os grafismos foram contados para saber quantas vezes em cada painel e sítio cada tipo aparece e qual a percentagem desses valores, analisada através de gráficos de frequência, para estabelecer quais os tipos que predominam e em que local.

As frequências foram determinadas da seguinte forma: primeiro o número de grafismos de cada sítio em relação ao total dos quatro sítios, com o objetivo

de perceber se todos os sítios foram construídos com os mesmos tipos e com que frequência estes tipos foram usados. Como existem tipos de construção simples e tipos de construção complexa, ver em que proporção foram usados os tipos simples e os complexos, inclusive os sulcos sinuosos e as redes de sinalações encadeadas. Segundo, o número de grafismos de cada painel em relação ao total de grafismos do próprio sítio, para ver se existem áreas mais centradas e outras periféricas. Terceiro, cada painel foi analisado separadamente dos outros do mesmo sítio, calculando a frequência dos tipos principais em relação ao número de grafismos do painel para ver a composição de cada um; depois cada subtipo em relação ao seu tipo principal, para perceber a variedade de formas que um tipo básico pode assumir num painel.

Além desses cálculos estudou-se a forma como os tipos estão dispostos dentro de cada painel, formando a sua estrutura e como os painéis estão dispostos dentro do sítio, formando a estrutura deste.

Em primeiro lugar faremos as descrições dos painéis.

5.2. Os Resultados da Análise nos sítios individuais

5.2.1. Os Painéis da Fazenda Moutinho - MS-CP-01

O sítio da fazenda Moutinho foi dividido em três painéis, sendo 1 o que possui o maior número de grafismos e abrange maior área gravada, 2 o que possui um pouco menos e 3 o que possui apenas cinco. (Veja quadro dos tipos, figura 21 e tabela 2d, no Anexo)

Painel 1 (Ver tabela 2a, no Anexo)

Ocupa um espaço contínuo entre o córrego, as casas e currais. Olhando da piscina em direção à estrada da Manga, ou da morraria, ele apresenta duas facetas: No lado esquerdo (1a) é uma longa tira formada por um sulco sinuoso acompanhado de ou incorporando grafismos; esta parte está mais prejudicada e os grafismos estão menos claros. No lado direito (1b) as sinalações são independentes, mais profundas, mais bem acabadas e mais bem conservadas.

O longo sulco do lado esquerdo inicia próximo à piscina e continua do lado dos currais por aproximadamente 200 metros. Nos primeiros 50 metros o painel é bastante denso e os grafismos estão aglomerados. Há cruzamento de longos sulcos sinuosos e longas linhas formadas por depressões circulares, que também se cruzam. A partir daí o sulco segue por mais 70 metros, ao longo dos quais incorpora alguns poucos grafismos, mas na maior parte segue desacompanhado. Na altura de 130 metros a partir do seu início, o sulco se bifurca. Para a direita é continuado por uma linha de depressões circulares de aproximadamente 50 metros de comprimento, acompanhada de alguns grafismos. Para a esquerda o sulco segue mais 70 metros, acompanhado por densos conjuntos de grafismos e incorporando muitos outros.

Mais ou menos na metade do percurso desse grande sulco, à direita, e a 8 metros de distância deste, começa um conjunto bastante denso, com grafismos independentes, de composição um pouco diferente da do resto do painel (1b). Ele continua em direção à estrada da Manga com outros grafismos mais dispersos.

O painel 1 concentra o maior número de grafismos do sítio (790), correspondendo a 79,31% do total, distribuídos em 1746 metros quadrados de área.

Os grafismos do tipo A (variações de círculos e depressões circulares) são em número de 547, o que corresponde a 69,24% dos grafismos do painel. Em segundo lugar está o tipo B (grafismos formados por conjuntos de pontos) com 105, equivalendo a 13,29%. O tipo C (retângulos ou elipses) apresenta 23 grafismos (2,91%); o D (pisadas) 20 (2,53%); o E (grafismos complexos) 49 (6,20%); o I (grafismos formados por outros sulcos) 31 (3,92%); o F (sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades) 5 (0,63%); o H (grafismos fechados formados por linhas sinuosas) 3 (0,37%); o J (outras formas de combinações de círculos com sulcos) 6 (0,75%) e o G (espirais) apenas 1 (0,12%).

O que predomina dentro do tipo A é o círculo simples.

Nos círculos com raios predominam os de 1 e 2 raios.

Nos círculos concêntricos há o predomínio de dois círculos; nos círculos justapostos, onde também a maioria é de dois e nos ligados por sulcos, novamente predominam os dois círculos.

Nos grafismos retangulares ou elípticos predominam os retângulos simples preenchidos por linhas cruzadas.

As *pisadas* mais abundantes são as de três dedos e as de aves.

Entre as figuras do tipo I (outros sulcos) a maioria é de sulcos simples.

Para maiores detalhes ver as tabelas no apêndice.

Podemos observar, neste painel, que existe certa oposição entre o lado esquerdo (1a) ligado ao sulco e os grafismos que estão separados; não só na elaboração, como também nos tipos.

Os grafismos estão mais densos e entrecruzados onde estreita o lajedo e começa o mato; eles se tornam mais espaçados à medida que se penetra lajedo a dentro.

As pisadas se apresentam em conjuntos, às vezes em filas e sempre acompanhando os grandes sulcos.

No conjunto 1b, existem 10 *pisadas*, que não se encontram agrupadas, mas espalhadas entre as demais gravuras.

Das 42 *pisadas* encontradas no painel 1, 22 são de felinos, 3 humanas, 7 com três dedos, uma com planta redonda, 7 de aves e uma do tipo D5 (outras *pisadas*).

Das 3 *pisadas* humanas duas são pés direitos, distantes um do outro; da terceira não é possível dizer se é direito ou esquerdo.

É necessário fazer ainda algumas observações a respeito dos sulcos sinuosos do 1a, em número de 22: seguem quase sempre no mesmo sentido, às vezes duplos (com dois sulcos paralelos), mas geralmente simples. Em alguns momentos se bifurcam e se juntam mais adiante, outras vezes não se encontram mais após a bifurcação. A estrutura desta parte do painel está claramente definida pelo grande sulco e suas bifurcações; a partir dele (sulco) é que os grafismos vão compondo todo o conjunto.

Às vezes os sulcos são substituídos por longas linhas formadas por depressões circulares, comportando-se da mesma maneira que os sulcos, isto é, repetindo a sinuosidade, sendo acompanhados de e incorporando grafismos.

Painel 2 (Ver tabela 2b, no Anexo)

Está localizado a uns 500m do final do longo sulco do 1a, para a esquerda.

Este painel é formado por uma longa tira, que parte de uma entrada de mato e se estende por aproximadamente 105 metros em direção à estrada da Manga, ou em direção à morraria, seguindo a mesma orientação do painel 1a.

Nos primeiros 20 metros, partindo da entrada de mato, há uma série de círculos e pequenas depressões circulares e algumas sinalações livres e uma linha de depressões circulares com 3 metros de comprimento que é atravessada, da esquerda para a direita, por *pisadas* de felino em fila. Este nicho de figuras é interrompido por um tufo de vegetação. 7 metros a partir de onde termina a vegetação, existe um grafismo de 4m de comprimento por 2m de largura, a partir do qual inicia um sulco que se bifurca em seis, seguindo todos aproximadamente paralelos por mais ou menos 9 metros, incorporando círculos e alguns grafismos complexos. A partir daí os sulcos se juntam novamente, ficando apenas dois, que seguem quase até o final do painel. Ao longo do percurso, estes dois sulcos são acompanhados por alguns grafismos e, de espaço em espaço, incorporam outros. Quase no final, nos últimos 10 metros, os dois sulcos se bifurcam, o da esquerda segue nessa bifurcação por mais 6 metros sem nenhum outro grafismo acompanhando; e o da direita por 1,50 metro, acabando em um grafismo complexo.

A mais ou menos 50 metros do início do painel, 6,5 metros à direita do sulco anterior, inicia um outro sulco de 38 metros de comprimento, que segue aproximadamente paralelo ao primeiro. Nos 24 metros iniciais este sulco só incorpora um grafismo. Nos últimos 14 metros aparecem alguns, mais aglomerados e o painel se torna mais denso.

Também neste painel, como no primeiro, os grafismos são mais concentrados na entrada do mato e vão se dispersando à medida que ele avança lajedo adentro. Também a base da estrutura são os grandes sulcos.

Dos 196 grafismos que compõem este painel, 107 (54,59%) são variações de círculos e depressões circulares (tipo A); 54 (27,55%) são conjuntos de depressões circulares (tipo B); 5 (2,55%) são retângulos ou elipses (tipo C); 3 (1,53%) são *pisadas* de aves (tipo D1); 21 (10,71%) são grafismos complexos (tipo E) e 6 (3,03%) são grafismos formados por outros sulcos (tipo I).

Entre os grafismos do tipo A predominam os círculos simples, às vezes isolados, ou então agrupados, às vezes incorporados ao grande sulco.

Dos círculos com raios centrais, temos em maior quantidade círculos com dois raios.

Entre os grafismos do tipo C (retângulos ou elipses) há predominância dos retângulos com preenchimento de linhas cruzadas.

As três *pisadas* (tipo D) são de ave, havendo uma no início e duas no final do painel. Existem ainda 13 *pisadas* de felinos às vezes em conjunto ou em fila, outras vezes isoladas, mas sempre acompanhando o sulco sinuoso. Em um determinado ponto formam uma fila que atravessa uma linha de depressões circulares.

Painel 3 (Ver tabela 2c, no Anexo)

Acompanhando o córrego a partir do término do painel 1 em direção à estrada da Manga, ou à morraria, a 250 metros de distância do final do 1b está o painel 3. É um pequeno nicho composto por cinco gravuras espalhadas em 18 metros quadrados. Os tamanhos dos grafismos variam de 2 a 60cm, sendo a maioria

delas (3) do tipo A (variações de círculos e depressões circulares), correspondendo a 60% do total do painel. Uma (20%) é do tipo B (conjunto de depressões circulares) e a outra é do tipo C (retângulo simples sem preenchimento).

Estão separados uns dos outros por até 17 metros. Ainda existe um sulco sinuoso que incorpora um dos grafismos; ele possui 3 metros de comprimento, mas aparentemente está incompleto.

Considerações finais

Neste sítio um dos painéis (2) é todo organizado a partir dos sulcos sinuosos. O outro (painel 1) é organizado pelos sulcos numa parte e na outra os grafismos são independentes.

O painel 1 concentra o maior número de grafismos (790) ou 79,71% do total do sítio.

Nos três painéis o tipo A aparece sempre em maior quantidade: 69,24% (547) do tipo A no painel 1; 54,59% (107) no painel 2 e 60% (3) no painel 3.

O conjunto dos painéis soma 991 grafismos, dos quais 657 (66,29%) do tipo A; 160 (16,4%) do tipo B; 29 (2,92%) do tipo C; 23 (2,32%) do tipo D; 70 (7,06%) do E; 5 (0,50%) do F; 1 (0,10%) do G; 3 (0,30%) do H; 37 (3,73%) do I e (0,60%) do J.

No tipo A predominam as depressões circulares. No tipo B a maioria é do sub-tipo B 1.1 (depressões circulares em fila). No C a predominância é de retângulos preenchidos por linhas paralelas no sentido transversal. As pisadas (tipo D) apresentam em maior número as *pisadas* de aves. No tipo I predominam os sulcos simples.

5.2.2. Os Painéis da Fazenda Salesianos - MS-CP-02

(Ver quadro dos tipos, figura 22 e tabela 3c, esta no Anexo)

Este sítio foi dividido em dois painéis, dispostos em duas faixas estreitas, seguindo um fluxo d'água intermitente, que desemboca no córrego Banda Alta.

Painel 1 (Ver tabela 3a, no Anexo)

Está a oeste do fluxo d'água e se apresenta em uma faixa de 30 metros de comprimento por 9 metros de largura.

Possui uma série de sulcos sinuosos mais ou menos paralelos, que em várias partes são interrompidos ou cobertos por vegetação.

Os sulcos incorporam exclusivamente depressões circulares, círculos simples, concêntricos e agrupados em cachos.

Entre os sulcos há muitos grafismos soltos, principalmente círculos e alguns poucos de outros tipos.

São cinco os sulcos que, juntos, somam aproximadamente 50 metros de comprimento; podem existir outros, ou partes dos que são visíveis, que estão cobertos por vegetação ou destruídos. Aparentemente eles não se cruzam, mas é possível que os cruzamentos não estejam mais visíveis.

Além dos sulcos existem 95 grafismos (42,41% do total do sítio) dos quais o maior número é de variações de círculos e depressões circulares (84, ou 89,47%). Destes, 58 ou 69,04% são círculos simples.

Os retângulos ou elipses são 4 (4,21%), todos retângulos simples com

preenchimento de linhas paralelas ou linhas cruzadas.

As pisadas (tipo D) são todas de aves, 3 (3,15%).

Do tipo E só existe um grafismo (1,52%) do subtipo E.2.

Os três grafismos restantes são do tipo I (outros sulcos), todos formados por sulcos que se cruzam.

Painel 2 (Ver tabela 3b, no Anexo)

O painel 2 é uma faixa estreita, de 80 metros de comprimento, atravessada no sentido longitudinal (norte-sul) pelo fluxo d'água intermitente, que cobre grande parte dos grafismos na época das chuvas.

Todos os grafismos são independentes e não há nenhum sulco sinuoso.

O painel é mais denso próximo do mato e, à medida que avança para dentro, os grafismos vão ficando mais esparsos. É composto quase que exclusivamente por círculos.

Além dos círculos existem, no início do painel, *pisadas* humanas em seqüência, apresentando um pé direito, um pé esquerdo e assim sucessivamente em direção do mato e seguindo o fluxo d'água. Além das *pisadas* humanas existem ainda duas *pisadas* de ave, distantes uma da outra.

Dos 129 grafismos deste painel, 115 (89,14%) são círculos ou depressões circulares (tipo A), principalmente círculos com uma depressão. Em seguida vêm as pisadas, com 6,20% (8); os grafismos complexos, com 3,10% (4) e os retângulos com elipses, com 1,55% (2).

Considerações finais

Temos neste sítio dois painéis estruturados, como nos anteriores, de duas formas: um, mais complexo, composto em função de sulcos sinuosos e outro composto por grafismos isolados e simples. Em ambos existe a predominância dos círculos.

São 224 grafismos; destes, 88,78% (199) estão concentrados no tipo A; 6 (2,69%) são do tipo C; 11 (4,93%) são do tipo D; 5 (2,24%) do E e 3 (1,34%) do I.

Entre as variações de círculos predominam os círculos com uma depressão. Os retângulos em sua maioria são cortados por uma linha ou linhas paralelas, no sentido transversal. As *pisadas* que mais aparecem são as humanas. Dos grafismos do tipo I, 100% (3) são sulcos que se cruzam.

5.2.3. Os Painéis da Fazenda Figueirinha - MS-CP-03

(Ver quadro dos tipos, figura 23 e tabela 4h)

Este sítio é composto por três faixas de lajedo, cujos petroglifos foram divididos em sete painéis, de acordo com os agrupamentos e espaços vazios. Na faixa do centro estão os painéis 1, 2, 3, 4 e 5. O lajedo da direita, partindo da BR 262, está aproximadamente a 200 metros do lajedo central e nele está o painel 7; o da esquerda está a 40 metros, separado do central por uma vegetação densa; aí localiza-se o painel 6.

Painel 1 (Ver tabela 4a, no Anexo)

Localiza-se no lajedo central, a 350 metros da estrada, em linha reta, na direção oeste. Próximo a ele está o painel 2 separado por um tufo de vegetação.

Ele apresenta três partes, duas bastante densas, com muitos grafismos aglomerados. Estas duas partes estão ligadas por uma faixa mais estreita de petroglifos, com 10 metros de comprimento.

A primeira parte é um conjunto denso e intrincado com grande quantidade de sulcos (18) que, juntos, somam 64 metros de comprimento; estão ligados uns aos outros, entrecruzando-se e, muitas vezes, interligando-se através de grafismos. Muitos atravessam o painel paralelamente, sempre incorporando um grande número de gravuras, cujos tamanhos variam de 5 a 90cm. O painel cobre 213 metros quadrados. Concentra uma grande quantidade de círculos e grafismos do tipo E. Ele pode ser dividido em duas composições: na primeira estão os sulcos interligados descritos acima e na segunda, mais a noroeste, é composto somente por grafismos independentes, apresentando círculos, *pisadas* e grafismos complexos, o maior de todos com um metro e meio de comprimento. As pisadas estão às vezes agrupadas, outras vezes espalhadas entre os outros grafismos.

Seguindo na direção da lagoa de Jacadigo, percorrem-se aproximadamente 10 metros de lajedo sem nenhuma gravação visível. No final deste espaço, inicia uma faixa estreita, com 10 metros de comprimento, coberta por um grande sulco sinuoso, de 8 metros de comprimento. Quando este sulco atinge 4,5 metros inicia um outro que segue paralelo ao primeiro por 3,5 metros e continua desacompanhado por mais 3,5 metros.

Ambos os sulcos incorporam, do início ao fim, círculos, que variam de

10 a 30cm de diâmetro e são acompanhados por outros, de até 80cm de tamanho maior. Dispostos entre os círculos e acompanhando os sulcos, existem, ainda, conjuntos de pisadas humanas e de aves.

Continuando na mesma direção da lagoa de Jacadigo há novamente um espaço de 6 metros sem gravações visíveis, a partir do qual inicia a terceira parte deste painel, que é bem mais densa que as duas anteriores e tem grafismos mais complexos.

Esta parte pode ser dividida em dois conjuntos. O primeiro inicia com um longo sulco sinuoso de aproximadamente 17 metros. Nos primeiros 10 metros, ele atravessa um emaranhado de grafismos interligados, que, na classificação, não foi possível separar. Em volta existem muitos grafismos independentes. Nos últimos 7 metros há apenas o sulco, sem nenhum grafismo próximo.

O outro conjunto (à direita deste) não é tão denso, mas possui 12 sulcos sinuosos (somando 32 metros) que se cruzam e ligam grafismos, semelhantes aos encontrados no conjunto mais denso, embora menos aglomerados e menos complexos.

Entre os sulcos e os grafismos encontram-se, espalhadas, 15 pisadas de aves e humanas e 7 de felinos.

No geral do painel 1 predominam os círculos, como nos demais painéis de todos os sítios, mas visualmente o que chama mais atenção são os grandes grafismos em rede, grandes *florões* e a quantidade de sulcos sinuosos. Neste painel os círculos são em tamanho menor, por isso a quantidade não sobressai visualmente.

Este painel possui 592 grafismos, sendo 405 (68,41%) variações de círculos; 13 (2,19%) são conjuntos de depressões circulares; 32 (5,40%) são retângulos ou elipses; 82 (13,35%) são grafismos complexos; 21 (3,54%) são formados por outros sulcos e um (0,16%) outras formas de combinações de círculos com sulcos.

Entre as grafismos do tipo A, predominam os círculos simples.

Nos círculos com raios, a maioria é de um raio e uma depressão.

No subtipo A.4 (círculos justapostos) há o predomínio de dois círculos e entre os ligados por sulco também predominam os de dois círculos.

No tipo B a maioria é de grafismos compostos por depressões circulares, cujos conjuntos se assemelham a pisadas de felinos.

Nos grafismos retangulares ou elípticos (tipo C) predominam os preenchidos com linhas paralelas no sentido transversal.

Nas *pisadas* (tipo D) estão em maior número as humanas.

Os grafismos complexos (tipo E) apresentam um número equilibrado entre os subtipos E.1 e E.2.

Entre os grafismos formados por outros sulcos predominam os sulcos simples.

As *pisadas* estão em número de 45, sendo 21 humanas, 10 de três dedos, uma com planta redonda e quatro dedos, 6 de aves e 7 de felinos. Nas *pisadas* humanas encontramos 3 pés direitos, 6 pés esquerdos e 12 que não é possível identificar. A maioria das *pisadas* encontram-se espalhadas pelo painel, entre os

círculos, acompanhando os sulcos sem formar agrupamentos, com exceção de algumas, dispostas no centro do painel, onde há um agrupamento de três *pisadas* humanas e quatro de aves, duas a duas.

Este painel é o maior do sítio, com 510 metros quadrados de área. Como já foi exposto ele apresenta dois conjuntos grandes e densos unidos por um terceiro disposto em uma faixa estreita.

Também aqui ele é estruturado a partir dos longos sulcos sinuosos.

O que mais o diferencia dos outros painéis e sítios são os grandes grafismos em rede, ligados por sulcos, composição exclusiva deste painel. Os sulcos e os grafismos em rede não estão incluídos na contagem.

Painel 2 (Ver tabela 4b, no Anexo)

Localiza-se no lajedo central a 30 metros ao norte do painel 1, separado deste por vegetação densa.

Temos aí um conjunto que visualmente se caracteriza por uma série de sulcos sinuosos aproximadamente paralelos que partem da borda do mato em direção ao painel 1 e na parte central emolduram uma série de *pisadas* e outros grafismos.

A direita temos uma série de sulcos que se cruzam e ligam, acompanhados de ou incorporando círculos e outros grafismos.

No lado esquerdo há um sulco sinuoso que, aproximadamente no centro do conjunto, se torna mais complexo, duplicando-se ou incorporando outros grafismos e que possivelmente se encontre com um dos ramos do sulco da direita. Esses dois é que emolduram os grafismos centrais do painel. Mais à esquerda,

partindo aproximadamente da metade do painel, há outro sulco sinuoso que termina num conjunto de depressões circulares.

Entre os dois sulcos descritos inicialmente, há mais um a partir da borda do mato, que possivelmente tenha estado ligado ao sulco da direita, indicado inicialmente.

Emoldurados por estes dois sulcos temos principalmente *pisadas*, onde predominam seqüências de *pisadas* de felinos. Em menor quantidade, *pisadas* de três ou quatro dedos.

Vale a pena destacar a longa seqüência de *pisadas* de felinos, no centro do painel, que se ramifica. As *pisadas* de felinos não se encontram orientadas numa direção, mas estão sempre opostas, uma numa direção e outra na contrária.

Existem ainda alguns grafismos soltos.

Novamente encontramos os grandes sulcos estruturando o painel e os demais grafismos, dispostos a partir deles, formando um grande conjunto entre os dois sulcos principais. Na maior parte do painel existem apenas os sulcos que, somados, chegam a quase 50 metros de comprimento.

Há um total de 117 grafismos e destes, 68 (58,11%) são do tipo A (variações de círculos ou depressões circulares).

No tipo B (conjunto de depressões circulares) todos os grafismos (31) são conjuntos de depressões circulares que se assemelham a *pisadas* de felinos, correspondendo a 26,49% do total de grafismos do painel.

Entre as *pisadas* (tipo D) predominam as de três dedos (63,63% do tipo).

O tipo C (retângulos ou elipses) só tem uma figura (0,85%); o E (grafismos complexos), 4 (3,41%) e o I (outros sulcos) possui 2 (1,70%).

Painel 3 (Ver tabela 4c, no Anexo)

Localizado a 20 metros do painel 1, em direção da lagoa de Jacadigo, este pequeno painel, de 12 metros de extensão por 5,5 metros de largura, é composto somente por grafismos independentes, predominantemente círculos e depressões circulares. Neste não existem os grandes sulcos sinuosos como no painel anterior. Foram encontrados dois pequenos sulcos, um de 80cm e outro de um metro, que talvez tenham sido maiores e estivessem ligando grafismos e estejam destruídos, mas não há certeza. Ambos estão desacompanhados e não incorporam nenhum grafismo.

Os grafismos estão dispersos, havendo, quase no centro do painel, um agrupamento mais denso de depressões circulares cujos diâmetros variam de 5 a 25cm, predominando os de 6cm.

Temos um total de 231 grafismos, sendo 211 (91,34%) de variações de círculos ou depressões circulares; 4 (1,73%) de grafismos retangulares ou elípticos; 6 (2,59%) de *pisadas*; 6 (2,59%) são grafismos complexos e 3 (1,29%) formados por outros sulcos.

Nos grafismos do tipo A, predominam as depressões circulares e os círculos com uma depressão.

No tipo C (retângulos ou elipses) predominam os retângulos preenchidos por linhas cruzadas.

No tipo D, a maioria é de *pisadas* de três dedos e no I predominam os

sulcos que se cruzam. Há somente uma *pisada* humana (pé esquerdo), 4 *isadas* de três dedos e uma de ave. Todas encontram-se espalhadas pelo painel e sempre na periferia, não havendo nenhuma no centro.

Painel 4 (Ver tabela 4d, no Anexo)

O painel 4 é formado por dois pequenos conjuntos de petroglifos, começando a 15 metros do painel 2 em direção à lagoa de Jacadigo.

São apenas 17 grafismos, espalhados em dezenas de metros de superfície, sendo que 16 deles são círculos ou depressões circulares, principalmente círculos com uma depressão central.

Além dos círculos com uma depressão (8), há um do tipo A.4 (2 círculos justapostos) e um do A.5 (dois círculos ligados por um sulco) e um grafismo do tipo E.1, que se assemelha a um caracol.

Painel 5 (Ver tabela 4e, no Anexo)

Está a 130 metros, em linha reta, a sudeste do painel 1, no lajedo central.

Possui poucos grafismos visíveis, quase todos dispersos. Há um sulco sinuoso de dois metros que incorpora um círculo e se bifurca, de um lado termina em uma depressão circular e do outro em um círculo concêntrico.

Dos 62 grafismos, 43 (69,35%) são do tipo A, predominando os círculos simples e as depressões circulares.

O tipo B possui 6 grafismos (9,67%), todos compostos por conjuntos de depressões circulares aglomeradas ou semelhantes a pisadas de felinos.

Os retângulos ou elipses somam três grafismos (4,83%), sendo dois de retângulos com preenchimento de linhas cruzadas e um preenchido por linhas paralelas no sentido transversal.

O tipo D possui somente um grafismo (1,61%), do subtipo D.4 (*pisada de ave*).

Os grafismos complexos são 5 (8,06%), sendo dois do subtipo E.1 e três do E.2.

Existem ainda dois grafismos (3,22%) do tipo I (formados por outros sulcos) e dois do tipo J (outras formas de combinações de círculos com sulcos).

Encontramos 4 *pisadas* neste painel, uma de ave e três de felinos. Duas de felinos estão próximas, as demais estão distantes umas das outras.

Painel 6 (Ver tabela 4f, no Anexo)

Este é o menor painel do sítio da Figueirinha, com apenas 5 grafismos. Está no lajedo da esquerda, a 40 metros de distância do painel 5.

Temos um círculo, uma depressão circular e um círculo com uma depressão circular no centro, uma *pisada* humana e dois grafismos complexos (subtipo E.2).

Os grafismos estão espalhados em 9 metros quadrados de área.

Painel 7 (Ver tabela 4g, no Anexo)

Localiza-se no lajedo da direita, em direção ao córrego das Pedras, a 200 metros do painel 1.

Todo o painel é composto por grafismos independentes, espalhados

em 160 metros quadrados de área; em alguns pontos formam pequenos agrupamentos não muito densos.

São 179 grafismos, sendo que 114 (63,68%) são variações de círculos ou depressões circulares, principalmente círculos simples e círculos com uma depressão.

O tipo B (conjunto de depressões circulares) possui 23 grafismos (12,84%), sendo a maioria grafismos compostos por depressões circulares, cujos conjuntos assemelham-se a pisadas de felinos.

Os retângulos ou elipses aparecem 11 vezes (6,14% de freqüência), com predominância de retângulos preenchidos por linhas cruzadas.

No tipo D (*pisadas*) temos 8 grafismos (4,46%), principalmente *pisadas* de aves.

Os grafismos complexos, 8 (4,46%) são todos do subtipo E.2. Os formados por outros sulcos são 11 (6,14%), sendo que a maioria é de sulcos simples. Existem, ainda, 2 grafismos (1,11%) do tipo F (sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades) e 1 (0,55%) do tipo J (outras formas de combinações de círculos com sulcos).

A única *pisada* humana deste painel forma conjunto com duas *pisadas* de aves. As *pisadas* de felinos (10) também formam pequenos grupos, algumas vezes com as *pisadas* de aves, outras vezes só de felinos. As demais estão espalhadas entre os outros grafismos.

Considerações finais

Analisando os painéis na sua totalidade dentro do sítio, podemos ob-

servar que temos no lajedo central uma área onde os grandes sulcos são os grafismos principais, que organizam ou emolduram esta parte central. Nas partes periféricas os sulcos sinuosos não estão presentes, destacando-se os grafismos mais simples.

Na parte central os painéis são mais densos e os grafismos em maior número, interligados at

ravés dos sulcos ou entre si. Os painéis mais densos e com maior número de grafismos são o 1, o 2 e o 3, todos do lajedo central e todos estruturados a partir dos grandes sulcos sinuosos.

Há um total de 1.203 grafismos neste sítio, e destes 71,40% (859) são do tipo A (círculos ou depressões circulares). Em segundo lugar está o tipo E (grafismos complexos) com 108 (8,97%). O tipo B (conjunto de depressões circulares) está em terceiro lugar com 6,06% (73) do total de grafismos do sítio. Em seguida vem o tipo D (pisadas) com 5,40% (65) e, logo após, o tipo I (outros sulcos) com 3,24% (39); o J (outras formas de combinações de círculos com sulcos) com 0,33% (4); o F (sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades) e o H (grafismos fechados formados por linhas sinuosas) com 0,08% (1). Há também um grafismo não classificado.

Em todos os painéis o tipo A apresenta o maior número de grafismos, com exceção do painel 6, onde o tipo A e E possuem a mesma porcentagem (40%).

Há uma estrutura diferenciada entre o centro e a periferia do sítio, mas os elementos componentes são praticamente os mesmos, ou seja, os tipos se repetem variando muito pouco de um painel para outro.

5.2.4. O Sítio do Centro de Recuperação (CRMAP) - MS-CP-04

Neste sítio temos apenas um painel, composto por grafismos simples. Não há nenhum sulco sinuoso. A predominância é de círculos, (42, ou 85,71%) num total de 49 grafismos. Os outros 7 estão assim distribuídos: 1 (2,04%) do tipo C (retângulos ou elipses); 1 (2,04%) do tipo E (grafismos complexos); 2 (4,08%) do tipo G (espirais) e 3 (6,12%) do tipo I (outros sulcos).

Nos grafismos do tipo A predominam os círculos com uma depressão central. O único grafismo do tipo C é um retângulo cortado por linhas paralelas no sentido longitudinal. No tipo I todos são sulcos simples. (Ver figuras 24 e tabela 5, no Anexo).

5.3. Os grafismos no conjunto dos sítios

(Ver tabela 1 no final do capítulo e tabela 6, no Anexo)

A partir da classificação tipológica podemos observar que existem tipos gerais que são encontrados em todos os sítios, como o tipo A (círculos e depressões circulares), o tipo C (grafismos retangulares ou elípticos), o tipo E (grafismos complexos), e o tipo I (outros sulcos). Os demais aparecem em dois ou três sítios, mas não em todos.

Todos os tipos encontrados no sítio da Fazenda Moutinho são encontrados também no sítio da Fazenda Figueirinha, com exceção do tipo G (espirais), que aparece somente na Moutinho e no sítio do CRMAP.

Nos sítios Salesianos e CRMAP há uma frequência e variedade menor

de tipos; nestes sítios não se encontram os tipos B (conjunto de depressões circulares), F (sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades), H (grafismos fechados formados por linhas sinuosas) e J (outras formas de combinação de círculos com sulcos). No sítio do CRMAP também não encontramos o tipo D (*pisadas*).

Os quatro sítios juntos possuem 2.467 grafismos, dos quais 1.757 ou 72,22% são círculos ou depressões circulares (tipo A), 233 ou 9,44% são conjuntos de depressões circulares (tipo B), 87 ou 3,52% são grafismos retangulares ou elípticos (tipo C), 99 ou 4,01% são *pisadas* (tipo D), 184 ou 7,45% são grafismos complexos (tipo E), 7 ou 0,28% são sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades (tipo F), 3 ou 0,12% são espirais (tipo G), 4 ou 0,16% são grafismos fechados formados por linhas sinuosas (tipo H), 83 ou 3,36% são outros sulcos (tipo I), 10 ou 0,40% são outras formas de combinação de círculos com sulcos (tipo J).

O tipo A como foi exposto, está em todos os sítios e sempre em maior quantidade, com 62,29% na Moutinho, 71,40% na Figueirinha, 88,83% na Salesianos e 85,71% no CRMAP. Nos subtipos há também uniformidade na frequência nos sítios, prevalecendo o A.1.1. (só círculos ou depressões circulares). Esta uniformidade e frequência se repete em praticamente todos os painéis, mas nem sempre a quantidade de círculos sobressai visualmente.

O tipo B só é encontrado na Moutinho, com 160 ou 16,14% do total do sítio e na Figueirinha com 73 ou 6,06% do sítio, somando nos dois sítios 233 ou 9,44%. Prevalece em ambos o subtipo B.1.

O tipo C mantém, como no tipo A, uma frequência uniforme em todos os sítios, mas em percentagens menores, com 2,92% na Moutinho, 4,33% na Figuei-

rinha, 2,67% na Salesianos e 2,04% no CRMAP. Prevalece o subtipo C.2. (retângulos simples com preenchimentos).

O tipo D não é encontrado no sítio do CRMAP, e nos outros aparece com frequência bastante uniforme, de 2,32% na Moutinho, 5,40% na Figueirinha e de 4,97% na Salesianos.

O tipo E é encontrado em quantidade e percentagem um pouco maior na Figueirinha, com 8,97%. Na Moutinho a frequência é de 7,06%, na Salesianos e no CRMAP é de 2,04% em cada um. O subtipo E.2. prevalece.

O tipo F é encontrado na Moutinho com 0,50% e na Figueirinha com 0,16%.

O tipo G encontra-se na Moutinho com 0,10% e no CRMAP com 4,08%.

No tipo H temos 0,30% na Moutinho e 0,08% na Figueirinha, não se encontrando nos outros dois sítios.

O tipo I também apresenta uma frequência bastante uniforme em todos os sítios, com 3,73% na Moutinho, 3,24% na Figueirinha, 1,33% na Salesianos e 6,12% no CRMAP. O subtipo I.1. aparece com maior frequência.

O tipo J possui 0,60% na Moutinho e 0,33% na Figueirinha.

Podemos perceber claramente que os tipos mantêm uma frequência bastante uniforme em todos os sítios onde aparecem, com exceção do tipo B, que possui frequência maior no sítio da Fazenda Moutinho. Portanto, em termos de grafismos usados, os sítios se assemelham, havendo maior semelhança entre a Moutinho e a Figueirinha e entre Salesianos e CRMAP.

Praticamente todos os painéis são mais densos na proximidade do mato e menos à medida que se afastam dele.

As maiores diferenças entre os sítios estão na composição dos painéis: na Moutinho encontramos um conjunto com grafismos bem elaborados, com sulcos mais profundos e com subtipos que não se repetem nos outros sítios. Na Figueirinha também há um conjunto de grafismos aglomerados e ligados uns aos outros (que não foram classificados nem contados), que não se repetem em nenhum outro sítio.

Em todos os sítios temos o mesmo tipo de produção, por raspagem, a mesma variação de tamanho dos grafismos e o mesmo suporte físico, lajedos horizontais, próximos a córregos ou fluxos d'água temporários.

Os sítios da Moutinho, Figueirinha e Salesianos estão estruturados de forma semelhante, apresentando painéis com um número maior de grafismos, como os painéis 1 e 3 da Figueirinha, 1 e 2 da Moutinho e o painel 2 da Salesianos, além de possuírem grafismos mais complexos, interligados e estruturados a partir de grandes sulcos sinuosos na parte central e painéis mais simples na periferia, com grafismos independentes e menos complexos. O sítio do CRMAP não possui esta estruturação; apresenta grafismos mais simples e em menor número.

O sítio da Moutinho possui a maior área gravada, aproximadamente 1.700 m², seguido do sítio da Figueirinha com aproximadamente 990m². O da Salesianos possui 600m² e do CRMAP 20m². O espaço disponível para gravar é mais aproveitado na Figueirinha com 1.203 grafismos em 990m², enquanto que na Moutinho existem 991 grafismos em 1.700m².

A partir dos dados apresentados, podemos concluir que os sítios são

semelhantes nos grafismos usados e na estruturação dos painéis, havendo apenas diferença na quantidade e na complexidade dos grafismos, o que nos leva a supor que foram feitos pela mesma população.

A maior quantidade de grafismos, maior extensão e maior complexidade de alguns sítios poderia sugerir a existência de certa hierarquia de sítios, vindo em primeiro lugar a fazenda Moutinho, sem segundo lugar a Figueirinha, depois a dos Salesianos e por último o CRMAP. O significado dessa diferença em termos de estruturação social ou mitológica ainda é desconhecido.

TABELA 01 - SOMA DOS TIPOS POR SÍTIO

Sítios Tipos	Moutinho MS-CP-01	Salesianos MS-CP-02	Figueirinha MS-CP-03	CRMAP MS-CP-04	TOTAL
A	657 66,29%	199 88,83%	859 71,40%	42 85,71%	1787 71,22%
B	160 16,14%		73 6,06%		233 9,44%
C	29 2,92%	6 2,67%	51 4,23%	1 2,04%	87 3,52%
D	23 2,32%	11 4,97%	65 5,40%		99 4,01%
E	70 7,06%	5 2,04%	108 8,97%	1 2,04%	184 7,45%
F	5 0,50%		2 0,16%		7 0,28%
J	1 0,10%			2 4,08%	3 0,12%
H	3 0,30%		1 0,08%		4 0,16%
I	37 3,73%	3 1,33%	39 3,24%	3 6,12%	82 3,32%
J	6 0,60%		4 0,33%		10 0,40%
NÃO CLAS.			1 0,08%		1 0,04%
TOTAL	991 40,17%	224 9,07%	1203 48,76%	49 1,98%	2467
ÁREA GRAVADA	1.746,14 m ²	610,48 m ²	996,73 m ²	20 m ²	3.373,35 m ²

Tabela 1. Soma dos Tipos por Sítio.

Descrição dos Tipos

A. Grafismos compostos à base de círculos e depressões circulares

A.1. Um círculo

A.1.1. Só círculos ou depressões circulares

A.1.1.1. Uma depressão circular

A.1.1.2. Um círculo

A.1.1.3. Um círculo e uma depressão

A.1.1.4. Um círculo e duas depressões

A.1.1.5. Um círculo preenchido com mais depressões

A.1.2. Um círculo com raios centrais

A.1.2.1. Um círculo com um raio

A.1.2.2. Um círculo com dois raios

A.1.2.3. Um círculo com três raios

A.1.2.4. Um círculo com quatro raios

A.1.2.5. Um círculo com mais de quatro raios

A.1.2.6. Um círculo com um raio e uma depressão circular

A.1.2.7. Um círculo com dois raios e uma depressão circular

A.1.2.8. Um círculo com três raios e uma depressão circular

A.1.3. Um círculo com outra forma de preenchimento

A.1.3.1. Um círculo com preenchimento de sulcos paralelos

A.1.3.2. Um círculo com preenchimento de sulcos em grade

A.2. Dois círculos concêntricos

A.2.1. Dois círculos concêntricos

A.2.2. Dois círculos concêntricos e uma depressão central

A.2.3. Dois círculos concêntricos e raios

A.2.4. Dois círculos concêntricos, raios e uma depressão central

A.2.1.a. Dois círculos concêntricos com um sulco externo

A.2.1.b. Dois círculos concêntricos com mais de um sulco externo

A.2.1.c. Dois círculos concêntricos, uma depressão e acréscimos

A.3. Três círculos concêntricos

A.3.1. Três círculos concêntricos, raios e uma depressão

A.3.2. Três círculos concêntricos, raios, uma depressão e acréscimos

A.3.3. Três círculos concêntricos e acréscimos

ce

- A 3.a. Mais de três círculos concêntricos
- A.4. Círculos justapostos
 - A.4.1. Dois círculos justapostos
 - A.4.1.a. Um círculo e uma depressão, podendo haver apêndice
 - A.4.1.b. Dois círculos, podendo haver apêndice
 - A.4.1.c. Dois círculos um com uma depressão, podendo haver apêndice
 - A.4.1.d. Dois círculos, sendo os dois com uma depressão
 - A.4.1.e. Dois círculos, um do tipo A.1.2.
 - A.4.1.f. Duas depressões
 - A. 4.2. Três círculos justapostos
 - A.4.2.a. Três círculos justapostos, podendo haver apêndice
 - A.4.2.b. Três círculos justapostos, cada um com uma depressão
 - A.4.3. Quatro círculos justapostos
 - A.4.4. Cinco círculos justapostos
 - A.1.1.a. Os A.1.1 com um sulco externo
 - A.1.1. b. Os A.1.1. com dois sulcos externos
 - A.1.1.c. Os A.1.1. com três ou mais sulcos externos
 - A.1.1.d. Os A.1.1. com apêndice em forma retangular ou triangular
 - A.1.1.e. Círculos, elipses e grafismos semelhantes com expansões de grandes sulcos sulcos sinuosos
 - A.1.2.a. Os A.1.2 com um sulco externo
 - A.1.2.b. Os A.1.2. com dois sulcos externos
- A.5. Dois círculos ligados por sulcos
 - A.5.1. Idem, com círculos do tipo A.1.1.
 - A.5.2. Idem, com ao menos um dos círculos do tipo A.2.
- A.6. Três círculos ligados por sulco
 - A.6.1. Idem, com círculos do tipo A.1.1.
 - A.6.2. Idem, com ao menos um dos círculos do tipo A.1.2.
 - A.6.3. Idem, com ao menos um dos círculos do tipo A.2.1.
- A.7. Quatro círculos ligados por sulco
 - A.7.1. Idem, com círculos do tipo A.1.1.
 - A.7.2. Idem, com ao menos um dos círculos do tipo A.1.2.
- A.8. Mais de quatro círculos ligados por sulcos e/ou agrupados em ca-

chos

- A.8.1. Idem, com círculos do tipo A.1.1.
- A.9. Círculos com raios externos, às vezes com mais algum apêndice
 - A.9.1. Idem, com círculos do tipo A.1.1.
 - A.9.2. Idem, com círculos do tipo A.1.2.
- B. Grafismos compostos por conjunto de depressões circulares ou depressões circulares com sulcos
 - B.1. Grafismos compostos só por depressões circulares
 - B.1.1. Conjunto de depressões circulares em fila
 - B.1.2. Conjunto de depressões circulares aglomeradas
 - B.1.3. Grafismos compostos por depressões circulares, cujos conjuntos se assemelham a pisadas de felinos
 - B.2. Grafismos compostos por traços, ligados ou não a círculos e depressões circulares
 - B.2.1. Idem, com depressões em uma das extremidades
 - B.2.2. Idem, com depressões circulares em duas extremidades
 - B.2.3. Idem, com depressões circulares em volta
 - C. Grafismos retangulares ou elípticos
 - C.1. Retângulos simples, sem preenchimento
 - C.2. Retângulos simples, com preenchimento
 - C.2.1. Retângulos simples com preenchimento de depressões circulares
 - C.2.2. Retângulos cortados por linha ou linhas paralelas no sentido longitudinal, com ou sem apêndice
 - C.2.3. Retângulos cortado por linha ou linhas paralelas no sentido transversal, com ou sem apêndice
 - C.2.4. Retângulos preenchidos por linhas cruzadas com ou sem apêndice
 - C.3. Outros grafismos que têm um retângulo como base
 - C.4. Grafismos semelhantes, formados por sulcos retos e curvos
 - D. *Pisadas*
 - D.1. Idem, humanas
 - D.2. Idem, de três dedos
 - D.3. Idem, com planta redonda com quatro dedos
 - D.4. Idem, de aves
 - D.5. Outras *pisadas*
 - E. Grafismos complexos

E.1. Grafismos complexos, formando campos fechados, preenchidos por círculos, linhas curvas ou retas

E.2. Grafismos menos complexos, às vezes abertos, compostos por círculos, linhas curvas ou retas

F. Sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades

G. Espirais

H. Grafismos fechados, formados por linhas sinuosas

I. Outros sulcos

I.1. Sulcos simples

I.2. Sulcos que se encontram

I.3. Sulcos que se cruzam

J. Outras formas de combinações de círculos com sulcos

Existem ainda grandes sulcos, geralmente sinuosos, que incorporam ou vêm acompanhados de grafismos variados; as figuras neles incorporadas foram desmembradas e classificadas dentro da tipologia acima; os sulcos foram descritos e, apesar de formarem algo muito típico, não foram colocados na lista acima.

TABELA GERAL

The table consists of 10 rows and 10 columns of small icons. The icons are organized into several distinct groups:

- Row 1:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including solid black, white, and concentric circles.
- Row 2:** Contains 10 circular icons with different internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 3:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 4:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 5:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 6:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 7:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 8:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 9:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.
- Row 10:** Contains 10 circular icons with various internal patterns, including concentric circles and radial lines.

The icons are arranged in a grid that is 10 rows high and 10 columns wide. The icons are organized into several distinct groups, including geometric shapes, arrows, and abstract patterns. The icons are arranged in a grid that is 10 rows high and 10 columns wide. The icons are organized into several distinct groups, including geometric shapes, arrows, and abstract patterns.

Figura 20. Quadro Geral dos Tipos de Grafismos

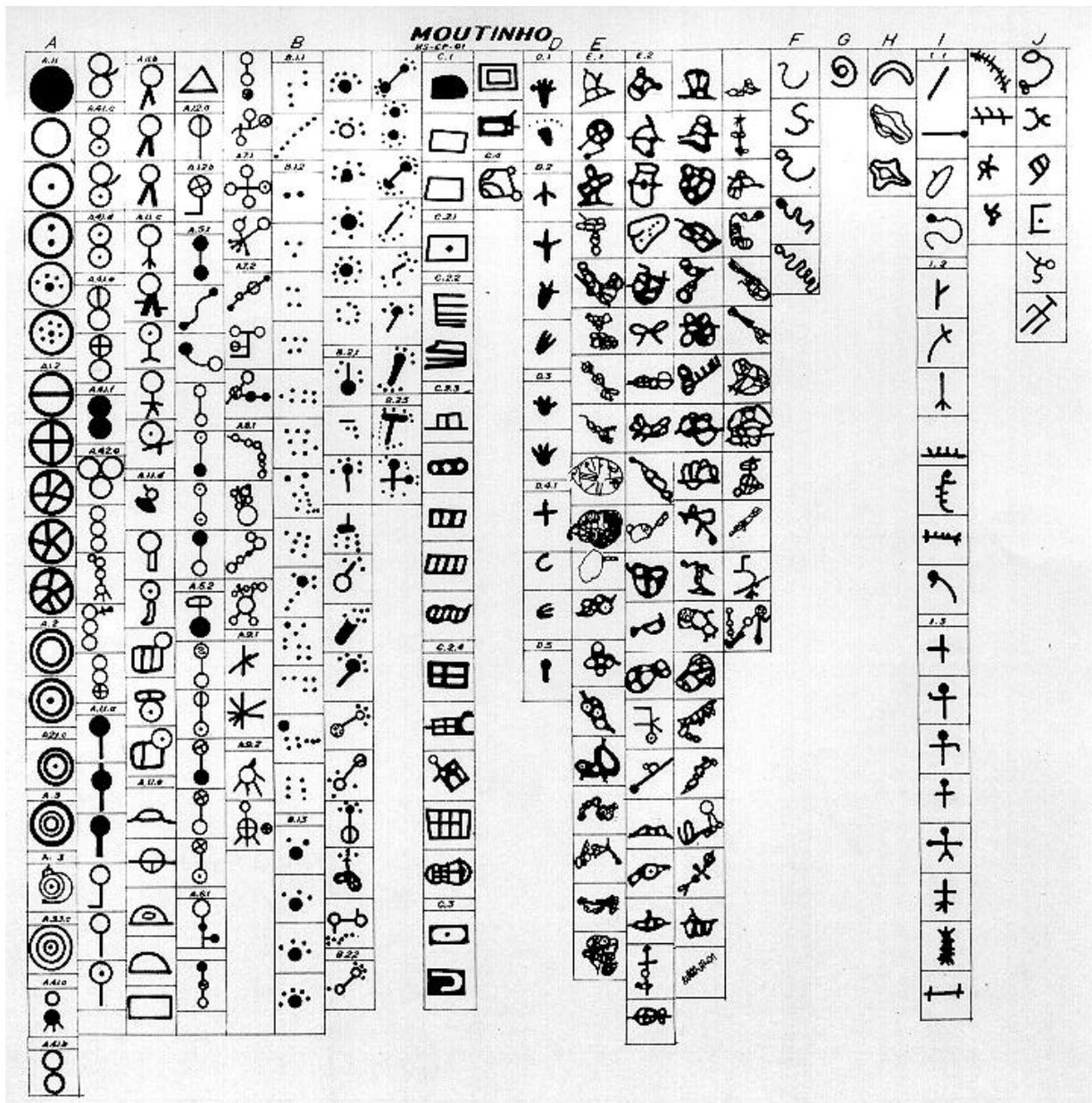


Figura 21. Quadro dos Tipos do Sítio MS-CP-01

SALESIANOS

MS-CP-02

A		C		D	E	F
A.1	A.42		C.22	D1	E2	F5
A.11						
	A.42b		F.23			
				D.4		
	A.11.0					
A.121						
A.123			C.24			
	A.11.0		C.3			
A.124		A.52				
A.126						
A.22		A.61				
A.41b						
	A.11.0	A.62				
A.41c						
	A.12.0	A.63				
A.41d						
	A.51	A.61				
		A.61				

Figura 22. Quadro dos Tipos do Sítio MS-CP-02

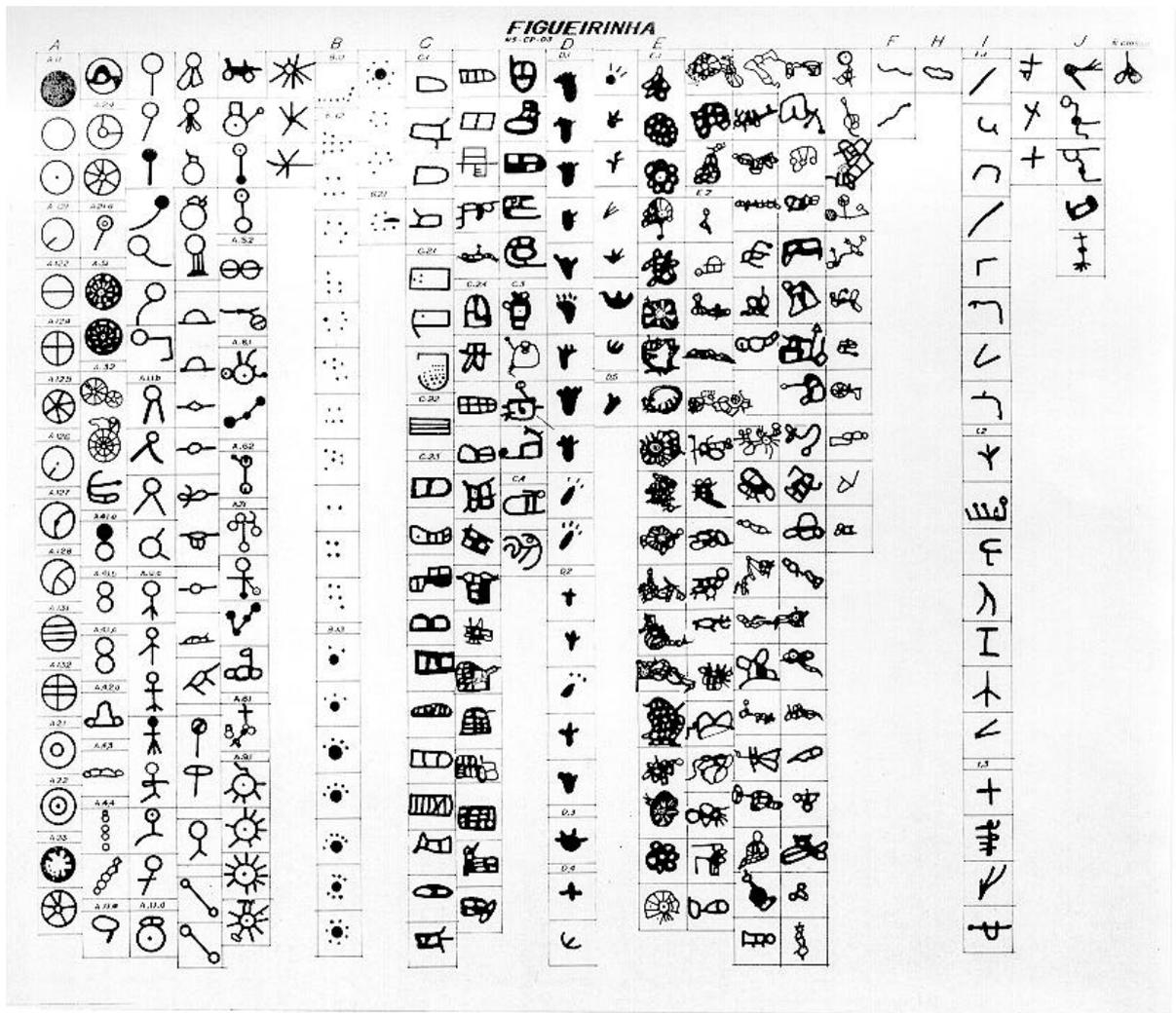


Figura 23. Quadro dos Tipos do Sítio MS-CP-03

SÍTIO DO CRM MAP

MS-CP-04

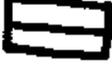
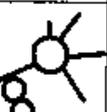
A		C	E	G	I
A1	A21b	C.22	E.2		I.1
A.11					
	A.51				
					
	A.52				
A.121					
	A.61				
A.124					
	A.91				
A.125					
					
A.22					
					
A.110					
					

Figura 24. Quadro dos Tipos do Sítio MS-CP-04

6. OUTROS SÍTIOS COM TIPOLOGIA SEMELHANTE

Podemos resumir as características dos petroglifos de Corumbá da seguinte forma: grafismos quase que totalmente geométricos, principalmente círculos e sulcos curvos, ocupando grandes extensões de lajedos horizontais de hematita, próximos à água, estando alguns destes grafismos submersos em certas épocas do ano.

Sítios de petroglifos semelhantes foram encontrados também em Goiás. No Alto Araguaia foram estudados por Schmitz, Moehlecke & Barbosa (1979). Mendonça de Souza e outros (1979) estudaram-nos na chapada dos Veadeiros, reunindo os do rio Bisnau (GO-PA-01), do ribeirão dos Bois (GO-PA-03), do córrego Doce (GO-PA-04), da corredeira do rio Paranã (GO-PA-05) e do rio Sucuriu (GO-PA-06). Estes autores, além de analisar o tipo e a morfologia da rocha-suporte, a altura em relação ao curso d'água mais próximo, a posição e orientação magnética, a técnica de elaboração, a identificação (qualitativa) dos motivos e sua associação, fizeram uma análise estatística dos grafismos dos sítios. Concluem que existem três estilos na área desses dois projetos: *Estilo I - Bisnau e Paranã, onde a maior frequência é de círculos. Estilo II - Doce, Bois e Paranã, com maior frequência de círculos com pontos, e Estilo III - maior incidência de círculos e retas.*

A partir desta análise, os autores denominam estes petroglifos de *Complexo Estilístico Simbolista Geométrico Horizontal*, subdividido nos três estilos anteriormente citados. As características principais deste complexo estilístico são: a

rocha-suporte são lajes horizontais a sub-horizontais, a pequenas alturas do curso d'água, podendo os grafismos estar submersos no tempo das cheias; os petroglifos não estão associados a nenhuma outra modalidade de sinalações rupestres, estão distribuídos sem orientação específica, elaborados por polimento¹ e os motivos são classificados como abstratos (geométricos² ou livres³). A representação é simbolista⁴ em sua maior parte. O equilíbrio é estático e o tratamento é linear contínuo⁵, com alguns grafismos, principalmente as pegadas, em cavo⁶. O número total de sinalações e a densidade apresenta uma grande variação de sítio para sítio. A frequência dos motivos também varia, mas percebe-se que alguns motivos estão presentes em todos os sítios como os pontos e conjuntos de pontos, círculos isolados ou agrupados e retas.

*Mendonça de Souza e outros concluem que a este complexo filiam-se seguramente os petroglifos do rio Bisnau, ribeirão dos Bois, corredeira do Paranã, rio Sucuriu, córrego Doce e córrego Areias, todos do médio curso do rio Paranã, formador do Tocantins; os petroglifos do córrego Molha Biscoito (GO-JU-10), do córrego Lajedo (GO-JU-11) e do córrego Pintura (GO-JU-25), estes da bacia do rio Vermelho, afluente do Alto Araguaia; os petroglifos do rio Arraias, estudados por Vellard, no médio Araguaia e os petroglifos do córrego Pedra Riscada, afluente do Tocantins, descritos por Lysia Rodrigues (Mendonça de Souza **et al**, 1979, p. 77). (Ver figura 25)*

Os diferentes grupos de sítios podem apresentar os três estilos, dois ou só um.

¹ Polimento: técnica de abrasão em que se esfrega uma pedra sobre a superfície de outra com a ajuda de um abrasivo (areia) com freqüentes lavagens com água (Prous, 1992, p.77).

² Geométrico: desenho que se apresenta como pontos, retas, curvas, círculos, triângulos, retângulos etc.

³ Livre: desenho que necessita descrição formal (Mendonça de Souza, 1979, p.9).

⁴ Simbolista: desenho que representa um objeto, animal ou humano não de forma realista, mas indicativa.

⁵ Linear contínuo é usado aqui em oposição a linear descontínuo. O linear contínuo é a linha sem interrupção, o descontínuo é o tracejado ou pontilhado.

⁶ Cavo: cavado ou depressão.

Mendonça de Souza e outros ampliam as possibilidades de comparação com outros sítios, baseados nas características deste complexo estilístico (rocha suporte, técnica de confecção e outras características morfológicas já citadas). O autor considera semelhantes, ainda, os sítios encontrados no Mato Grosso do Sul (proximidades de Corumbá e da lagoa Gaíba); no Pará (região de Alcobaça); na Paraíba (Ingá do Bacamarte, Pedra Lavrada, Guarjão, São João do Cariri e Serra Branca); no Rio Grande do Norte (São João do Sabuji) e na Bahia (Lajedo do Calumbi).

Correlaciona ainda, este estilo, embora com menor segurança, por não poder aplicar análise estatística, aos petroglifos de Cruzeiro (Alto Tocantins), aos dos Martírios (Alto Araguaia), aos do rio Diamantino (afluente do Araguaia) e aos de Britânia (Alto Araguaia), todos no estado de Goiás.

De nossa parte acrescentamos ainda as gravuras de Roraima (Ribeiro e outros, 1989).

Por não haver uma documentação completa, as informações veiculadas nos três parágrafos anteriores se tornam duvidosas.

De nossa parte, temos elementos e material para sentirmos a semelhança com os sítios do Alto Araguaia, estudados pelo Instituto Anchieta de Pesquisas. Nos três sítios do município de Jussara, estudados por Schmitz, Moehlecke e Barbosa (1979), estão presentes os estilos II e III, mencionados anteriormente. Os sítios encontram-se na bacia do rio Vermelho, próximos a pequenos córregos, em lajedos horizontais de limonita, circundados por vegetação de cerrado. Os grafismos foram produzidos por raspagem com profundidades de 0,2 a 4,5 cm. O tamanho das

figuras varia de alguns centímetros até 5 metros; no sítio GO-JU-25 há figuras de até 30 metros. A predominância dos tipos nestes sítios é de círculos, depressões circulares e pegadas de animais. No sítio GO-JU-25 são encontrados também grandes grafismos compostos por sulcos curvos com extensão de até 30m, semelhantes aos de Corumbá. A composição deste sítio é um pouco diferente da dos sítios GO-JU-10 e GO-JU-11, da mesma área. Neste, os grafismos são mais complexos e de maior dimensão.

Todos os sítios goianos, para os quais temos documentação primária, estão em áreas de populações ceramistas.

Os sítios de Jussara estão em território da tradição cerâmica Uru, fase Itapirapuã. A cerâmica da fase caracteriza-se pelo antiplástico vegetal, cariapé A⁷ e pequena porcentagem de antiplástico mineral. Os vasilhames apresentam entalhes na borda, apêndices em asa, alça e bastão e apliques em faixa, compondo-se de pratos, assadores, tigelas, panelas e jarras, formas típicas das tradições amazônicas.

O material lítico reúne percutores, quebra-cocos, pratos em pedrasabão e lâminas polidas de machado. Não há datação de C14, mas é provável que a fase Itapirapuã tenha iniciado no século XIII ou um pouco antes (Schmitz e Barbosa, 1985).

A tradição cerâmica dos sítios do Médio Tocantins, estudados pela equipe de Mendonça de Souza, não se encontra tão claramente definida, por não estar diretamente associada aos lajedos.

⁷ Cariapé: antiplástico feito com cinza vegetal de certas plantas. Cariapé A é um tipo de cariapé usado nas cerâmicas da bacia do rio Araguaia.

Os quatro sítios de Corumbá partilham as características gerais do Complexo Estilístico Simbolista Geométrico Horizontal, como sejam o mesmo tipo de rocha-suporte, a proximidade com a água, a técnica de confecção, a predominância dos tipos, além de outras características. Mas apresentam identidade própria, que se manifesta na marcada presença dos longos sulcos sinuosos, na estruturação dos painéis, na distribuição de painéis de organização diferente nos sítios. Uma certa semelhança encontra-se com o sítio GO-JU-25. Deste jeito a afirmação de Mendonça de Souza e outros (1979) de que as gravuras de Corumbá são parecidas às dos três estilos estabelecidos, é confirmada e as gravuras da região poderiam constituir um outro estilo do complexo por ele criado (o estilo IV).

Os lajedos com petroglifos da região de Corumbá podem, de fato, ser incorporados no Complexo Estilístico Simbolista Geométrico Horizontal, como um estilo próprio, o quarto. Mas a cerâmica que cerca os sítios de Corumbá nada tem a ver com a das áreas goianas, onde o mesmo complexo está presente.

Com isso nos damos conta de que os petroglifos de Corumbá não se constituem num fenômeno isolado, mas fazem parte de um horizonte estilístico que se espalha ao menos pela borda meridional da bacia amazônica. Ele parece ligado a grupos ceramistas que vivem na proximidade da água de grandes rios. As tradições ceramistas presentes nas diversas áreas não são as mesmas. As populações humanas provavelmente também não. Com isso, o significado dessas gravuras, que supomos partilhado na identidade dos diversos grupos, e sua incorporação diferenciada em cada um, fica ainda uma grande incógnita.

PETROGLÍFOS GEOMÉTRICOS SOBRE LAJEDOS HORIZONTAIS NO BRASIL

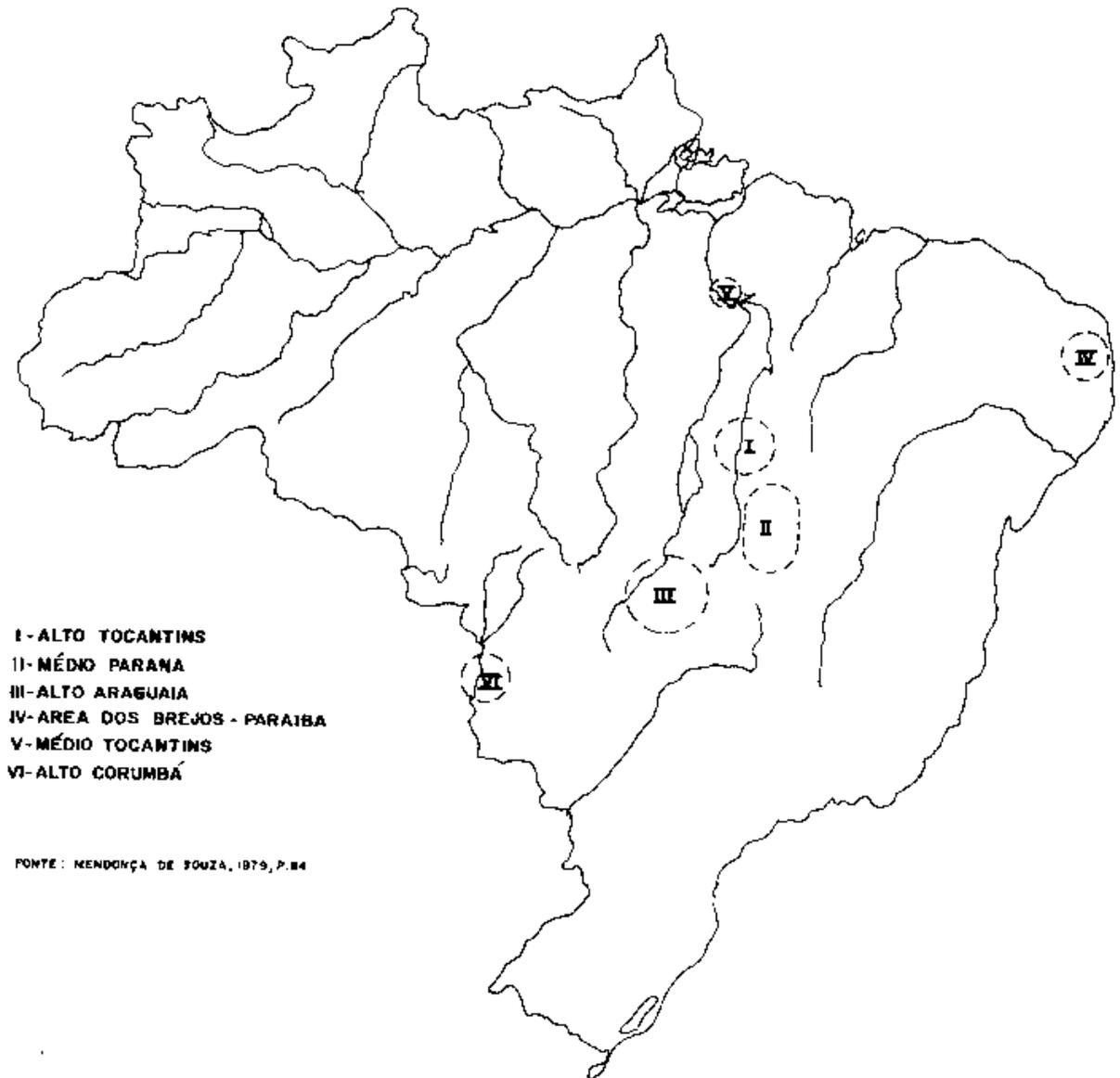


Figura 25. Mapa com a Localização das Áreas de Ocorrência de Petroglifos sobre Lagedos Horizontais no Brasil

7. O CONTEXTO DAS GRAVURAS DE CORUMBA

Depois de estudar a composição e estrutura dos sítios de gravuras e de colocá-las no horizonte estilístico a que pertencem, buscamos cercar o fenômeno, a estrutura de comunicação representada pelas gravuras, do seu contexto, isto é, buscamos as circunstâncias ambientais e culturais, em cujo meio este fenômeno se desenvolveu e que podem ajudar a compreendê-lo um pouco mais.

No caso das gravuras de Corumbá os elementos de contexto não são abundantes, porque se trata de uma área ainda nem totalmente prospectada e com os resultados dessa prospecção ainda não compendiados, mas, assim mesmo, nos ajudam a formular conjeturas.

Os elementos de contexto a que nos referimos são o entorno físico-ambiental, a constituição dos sítios e as culturas presentes.

Os sítios estão localizados em terreno firme, no sopé da morraria, na fronteira entre a vegetação chaquenha e a floresta densa. Esses terrenos são o oposto dos terrenos alagadiços da beira das lagoas, do Paraguai e de seus afluentes.

Esta é uma área rica em frutas no começo da estação seca, quando milhares de cachos de gravatás maduros cobrem os arredores dos lajedos, as bocaiuvas que crescem entre os gravatás oferecem cachos e mais cachos de frutos com amêndoa fácil de retirar inteira, o chichá espalha o seu *amendoim-de-bugre* na

beira dos cursos de água.

Na proximidade existem córregos permanentes, de águas cristalinas o ano todo, em oposição às águas turvas dos lagos, corixos e canais do Pantanal. Oferecem caça terrestre e solos apropriados para o cultivo.

Esta área rica se torna desejável e é preciso apropriar-se dela e defendê-la. Como ela é fronteira entre ambientes, vai-se tornar também fronteira étnica, separando os grupos dos terrenos alagados, provavelmente de origem chaquenha, dos grupos dos terrenos firmes da morraria, que são horticultores de floresta, de feição amazônica. Conjeturamos que as gravuras têm a ver com esta situação de fronteira.

A quantidade de trabalho investido na produção de mais de 3.300 metros quadrados de gravuras grandes e profundas, seu bom acabamento, sua lógica e repetição em todos os lajedos disponíveis sugerem que não se trata de algo aleatório e ocasional, mas intencional e importante, necessariamente coletivo: os grafismos e sua organização devem ter um sentido social, provavelmente ligada a mitos e base de rituais. Como estão em superfícies abertas, com grande visibilidade, acessíveis e possibilitando movimentação de grupos humanos numerosos, conjeturamos que estariam ligados a rituais coletivos, envolvendo a comunidade inteira¹.

Os núcleos mais densos, nos grandes lajedos só parcialmente ocupa-

¹ David S. Whitley, em *Socioreligious Context and Rock Art in East-Central California* (1987), estuda pinturas e gravuras em duas regiões, numa das quais as pinturas compartilham os mesmos grafismos, estão agrupadas e nos espaços habitados, sugerindo estarem ligadas a rituais públicos e coletivos, usando simbologia conhecida por todos; na outra região as gravuras são diversificadas, pequenas, em espaços reduzidos, longe dos lugares habitados, sugerindo que estão ligadas a rituais privados e particulares, sugerindo uso de simbologia que não é do domínio comum. As gravuras do Pantanal preenchem claramente as condições do primeiro caso, além de suporem um investimento coletivo imenso na sua produção, razão de nossa conjetura.

dos, sempre coincidem com a borda inferior da superfície denudada, aquela parte que está mais próxima das grandes lagoas, para onde convergem os sulcos, e onde se concentram os grafismos independentes.

Quando pensamos nas culturas ceramistas representadas no espaço, podemos dividi-las em dois grupos: o Tupiguarani, dos matos da encosta da morraria; e os outros grupos, geralmente associados à ocupação de espaços alagáveis, onde construíram seus aterros. No espaço, onde estão as gravuras, encontram-se ocupações de ambos os grupos.

Em dois sítios (MS-CP-02 e MS-CP-04) temos, encostado no lajedo, um assentamento do segundo grupo; nos outros dois casos, assentamentos do segundo grupo estão um pouco mais afastados. No sítio MS-CP-02 temos na proximidade também sítios Tupiguarani.

Seria difícil creditar as gravuras ao Tupiguarani, que em nenhum outro lugar de seu imenso território, no Centro, Sudeste e Sul do Brasil, produziu algo parecido. Além disso ele se apresenta pouco numeroso, bastante recente e restrito a pequena área. A produção de uma massa imensa de gravuras dificilmente se coadunaria com estas circunstâncias.

Pelo contrário, os grupos ocupantes da margem das lagoas e dos diversos pantanais, desde um período pré-cerâmico, mas principalmente como ceramistas, deixaram na área centenas de sítios geralmente sob a forma de aterros. O seu núcleo original, para a área, parecem ter sido as lagoas e áreas alagadiças entre e ao redor das morrarias.

Quando olhamos o conteúdo e a estrutura dos sítios de gravuras nos

damos conta de que os longos sulcos sinuosos entremeados de círculos e grafismos complexos e acompanhados pelos mesmos, mais facilmente podem ser conjeturados como simbologia das áreas alagadas com seus rios, corixos, ilhas e aterros, do que como a simbologia característica dos horticultores Tupiguarani, assim como ela está representada nos recipientes cerâmicos pintados.

Quando, finalmente, voltamos às outras áreas com gravuras semelhantes às de Corumbá, notamos que também elas estão à beira da água, de rios ou lagoas, e que as culturas ceramistas, presentes nessas áreas, são de populações cujo assentamento se encontra na beira dos rios e lagoas. Isto é mais claro e definido na margem direita do Araguaia, para cuja área temos melhor documentação.

Embora com nosso arazoado não tenhamos chegado a grandes certezas, acumulamos conjeturas, que levam a boas hipóteses, que podemos resumir da seguinte maneira:

Os quatro sítios de petroglifos, estudados na região de Corumbá, são construídos com os mesmos elementos mínimos, organizados de acordo com os mesmos princípios, o que indica pertencerem à mesma cultura; as desigualdades em quantidade e densidade de grafismos e superfícies ocupadas podem sugerir talvez um início de hierarquia entre eles, mas não diversidade cultural.

Se podemos supor, razoavelmente, que um dos dois grandes grupos da área é o responsável por essas gravuras, nos inclinamos a atribuí-las aos grupos ceramistas e talvez também pré-cerâmicos, instalados junto às lagoas e demais áreas alagadiças dos arredores da morraria e não ao Tupiguarani que em nenhum dos territórios ocupados produziu semelhantes fenômenos. Nas outras áreas com

gravuras semelhantes também as populações ceramistas ligadas aos rios e lagoas parecem ter sido os produtores e usuários destas representações.

O trabalho necessário para produzir estes extensos complexos de petroglifos é grande e a estrutura é muito definida para pensarmos que possam ter sido o trabalho ocasional de pequenos grupos não residentes. Os sítios estão em áreas estacionalmente ricas para populações que viveriam ilhadas durante a maior parte do ano e, como se encontram numa fronteira ambiental e cultural, poderiam constituir-se em verdadeiros marcos limítrofes deles.

O fato de serem grandes, sugerindo passos ou caminhos para desenvolvimentos ritmados, muito visíveis, em áreas abertas, que possibilitam grande envolvimento popular por cima e ao redor dos mesmos, nos permite conjecturar que estavam destinados a rituais e participação pública das coletividades envolvidas.

Finalmente os longos sulcos que fazem o elo de união dos grafismos nos painéis mais importantes dos três sítios maiores poderiam simbolizar o ambiente do pantanal. Nas outras áreas, com elementos básicos semelhantes, estes longos sulcos estão ausentes, com exceção de um sítio da bacia do Araguaia, onde, mesmo assim, pouco representam na totalidade do lajedo; poder-se-ia conjecturar que isto acontece porque o entorno físico desses outros sítios não inclui a rede de rios, canais, corixos e baías, típicos de Corumbá.

Dentro do horizonte estilístico de sítios semelhantes, que inclui o Tocantins, o Araguaia e o Alto Paraguai, os sítios de Corumbá têm identidade própria, como procuramos mostrar no desenrolar do trabalho.

CONCLUSÕES, SUGESTÕES E CONJETURAS

A presente dissertação estudou quatro lajedos com gravuras da região de Corumbá, no Mato Grosso do Sul.

As gravuras, até agora, são consideradas composições de difícil compreensão. Elas estão na ordem da comunicação, mas, como não conhecemos o significado dos elementos constitutivos, correspondentes às palavras de uma composição, nem sua sintaxe ou gramática, o *texto* resultante, ou mensagem, nos escapam em grande parte.

Para se aproximar dessas manifestações culturais os arqueólogos vêm usando vários enfoques, como o tipológico, o estrutural, o ecológico, o etnoarqueológico, o contextual etc.

Em nosso caso nos pareceram úteis e possíveis elementos de dois enfoques: o tipológico e o contextual simples.

O tipológico se ocupa primeiro em separar os grafismos usados, discriminando tipos ou elementos mínimos, segundo em ver como esses elementos mínimos são ordenados para formar conjuntos, terceiro como esses conjuntos são ordenados para formar um quadro, que corresponde a um sítio, quarto como os diferentes sítios se compõem uns com relação aos outros dentro de uma área, quinto como uma área se compõe com relação a outras áreas. Isto é, mesmo que não conheçamos o conteúdo específico da comunicação, buscamos entender a sua

lógica e constituição.

Geralmente o resultado do enfoque tipológico leva à formulação de estilos ou fases e tradições estilísticas.

Com o enfoque tipológico obtivemos os seguintes resultados:

Foi possível estabelecer uma tipologia única de elementos mínimos que serve para os quatro sítios, não só em termos de grafismos, mas também de produção, tamanho e suporte físico.

Com relação à composição dos conjuntos de grafismos observam-se duas formas básicas de organização. A primeira é de agrupamentos de grafismos variados predominantemente justapostos, sem conexão física entre eles; algumas vezes se percebe que estes grafismos têm uma relação intencional, como por exemplo as *pisadas* agrupadas ou enfileiradas. A segunda forma de organização é de grafismos variados ligados por longos sulcos e acompanhados por outros.

Os três sítios grandes têm um conjunto (um deles até dois), organizado a partir do segundo modo, e têm espaços periféricos, com a organização do primeiro modo. Esta diferença põe uma certa hierarquia na organização do sítio que é bem notável. O quarto sítio ocupa um lajedo pequeno e forma um só conjunto, que é do modo um.

Apesar de os elementos mínimos, a composição dos conjuntos e dos sítios seguirem as mesmas regras, nota-se uma diferença no tamanho da superfície coberta, na quantidade, variedade e qualidade dos grafismos presentes. Os sítios mais densos e variados poderiam ser considerados cêntricos com relação a outros, que seriam, então, periféricos. O mais destacado entre os sítios de Corumbá é o

MS-CP-01, seguido do MS-CP-03, depois do MS-CP-02, ficando bem longe, por último, o MS-CP-04. O que representa esta diferença nos é desconhecido.

O fato de haver todos esses elementos comuns nos dá certeza de que os quatro sítios formam um só conjunto e podem ser considerados uma unidade.

Gravuras aparentemente da mesma categoria existem também no lado Boliviano da Morraria: Afonso de Moraes B. Passos (1975) e a população local mencionam esses sítios, que não puderam ser visitados.

Buscando ver na bibliografia se as gravuras de Corumbá eram um fenômeno isolado, verificou-se que no lado goiano da bacia do Araguaia e no lado tocantiniano do Tocantins, existem sítios cujos elementos mínimos são muito parecidos, não só na morfologia dos grafismos, mas também na forma de produção, no tamanho e no suporte físico. Mas diferentemente dos sítios de Corumbá, costumam apresentar-se em agrupamentos de grafismos independentes; só num sítio aparecem dois longos sulcos ligando grafismos e acompanhados por outros, à semelhança do que se observa em Corumbá, mas com menor complexidade.

Com a análise feita por nós ficou claro que, embora as gravuras de Corumbá sejam muito semelhantes às de Goiás e do Tocantins, o que leva a incorporá-las no complexo estilístico simbolista geométrico horizontal, elas possuem elementos que lhes conferem uma identidade característica: um desses elementos é a organização dos painéis principais pelos longos sulcos sinuosos, o que nos permite acrescentar um quarto estilo aos três estabelecidos por Mendonça de Souza e outros para aquele complexo.

O fato de encontrarmos nos quatro sítios o mesmo tipo de suporte, a

mesma técnica de produção, a mesma simbologia e a mesma lógica na composição dos painéis, nos leva a pensar que tenham sido produzidos por uma mesma cultura, que supomos seja a dos construtores dos aterros nas áreas alagadiças. Os grafismos usados, especialmente os longos sulcos sinuosos que estruturam grande parte dos sítios, estão mais próximos da representação desse ambiente do que da simbologia conhecida da cultura Tupiguarani, que ocupa área limítrofe dos mesmos sítios.

A quantidade de trabalho investido na produção de mais de 3.300 m² de gravuras grandes e profundas, seu bom acabamento, sua lógica e repetição em todos os lajedos disponíveis, sugerem que não se trata de algo aleatório e ocasional, mas intencional, importante, necessariamente coletivo, ligado ao ritual. Como estão em superfícies abertas, com grande visibilidade, acessíveis e possibilitando movimentação de grupos humanos numerosos, conjecturamos que estariam ligados a rituais coletivos, envolvendo a comunidade inteira.

A sua posição limítrofe com outro forte grupo ceramista, o Tupiguarani, faz conjecturar que também teriam caráter de afirmação de fronteira étnica.

Até aqui vai nossa leitura dos petroglifos de Corumbá. Apesar das dificuldades inerentes ao manejo de uma produção simbólica, de populações muito diferentes da nossa, cujas bases culturais desconhecemos, acreditamos ter podido iluminar um pouco o material que nos havíamos proposto estudar.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AMARAL FILHO, Zebino Pacheco do. Solos do Pantanal Mato-Grossense. *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA/CPAP, p. 91-104, 1986.

BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. *Projeto Corumbá*. Relatório da Expedição de julho de 1991. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1991. 37 p.

BROW Jr., Keith. Zoogeografia da Região do Pantanal Mato-Grossense. *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA/CPAP, p. 137-178, 1986.

CARAVELLO, Júlio César. Fauna Terrestre e Aquática. *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA/CPAP, p. 77-90, 1986.

CARTA preparada pela Diretoria do Serviço Geográfico - Ministério do Exército. Brasil, Folha SE-21-U-1-2, 1967.

CARVALHO, Newton de Oliveira. Hidrologia da Bacia do Alto-Paraguai. *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA/CPAP p. 43-49, 1986.

CHMYZ, Igor (Ed.). *Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica*. Paraná, UFPR, 1966. 22p. e 1976, 148p.

CONKEY, M. N. Boundedness in Art and Society. In: Hodder, Ian (Ed.). *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 115-128, 1982.

CONSENS, Mario. *San Luis. El Arte Rupestre de sus Sierras*. San Luis, Imprenta Oficial, 1986. 267 p.

----- Arte Rupestre Americano: los Mitos y la Realidad en los Procesos de su Investigación. *Actas del VIII Simposium Internacional de Arte Rupestre Americano*. República Dominicana, Museo del Hombre Dominicano, p. 255-271, 1987.

COPÉ, Sílvia Moehlecke. *Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul*. Projeto Alto Sucuriú. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1987. 18 p.

CRAWFORD, I.M. Function and Change in Aboriginal Rock Art, Western Australia. *World Archaeology* v. 3, n. 3, p. 302-312, 1972.

DEL'ARCO, Jeferson Oliveira **et al.** Geologia. *Projeto RADAMBRASIL*. Folha SE-21 Corumbá e Parte da Folha SE-20. Rio de Janeiro, Ministério das Minas e Energia, p. 161-224, 1982.

GODOI FILHO, José Domingues de. Aspectos Geológicos do Pantanal Mato-Grossense e Suas Areas de Influência. *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA/CPAP, p. 63-76, 1986.

GOULD, R. A. *Living Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

GUIDON, Niède. *Les Peintures Rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brésil*. In: CAHIERS, 3. Paris, 1975. 174p.

----- Arte Rupestre no Piauí. in SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales & RIBEIRO, M. Barberi (Eds.). Temas de Arqueologia Brasileira. Arte Rupestre. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, UCGO, n. 8, p. 15-34, 1978/79/80.

----- Arte Rupestre: uma síntese do processo de pesquisa. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG, v. 6-7, p. 341-352, 1981/82.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1975.

HODDER, Ian. *The Present Past*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982. 239 p.

----- *Reading the Past*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991, 221 p.

LEROI-GOURHAN, André. *As Religiões da Pré-História*. São Paulo, Martins Fontes, 1982. 134 p.

----- *Los Primeros Artistas de Europa*. Madrid, Encuentro Ediciones, 1983.

LOUREIRO, Rui Lopes; LIMA, João Paulo de Souza & FONZAR, Benedicta Catharina. Vegetação. As Regiões Fitoecológicas, sua Natureza e seus Recursos Econômicos. *Projeto RADAMBRASIL*. Folha SE-21 Corumbá e Parte da Folha SE-20. Rio de Janeiro, Ministério das Minas e Energia, p. 329-372, 1982.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo; FERRAZ, Sheila & MENDONÇA DE SOUZA, Arminda. *Projeto Bacia do Paranã*. A Fase Paranã. Goiânia, Museu Antropológico, UFGO, 1977. 210 p.

----- **et al.** *Projeto Bacia do Paranã II*. Petroglifos da Chapada dos Veadeiros - Goiás. Goiânia, Museu Antropológico, UFGO, 1979. 91 p.

MITHEN, S.J. Looking and Learning: Upper Paleolithic Art and Information Gathering. *World Archaeology*, v. 19, n. 3, p. 297-327, 1988.

MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. Relevo. *Geografia do Brasil*. Região Centro-Oeste. Rio de Janeiro, IBGE, p. 1-43, 1977.

NIMER, Edmon. Clima. *Geografia do Brasil*. Região Centro-Oeste. Rio de Janeiro, IBGE, p. 35-58, 1977.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Síntese da Arqueologia do Grande Chaco com Ênfase aos Pantanaís Mato-Grossenses*. Porto Alegre, PUCRS, 1992. 51 p.

----- A Utilização da Analogia Etnográfica no Estudo dos Aterros da Região Pantaneira de Corumbá, MS. Trabalho apresentado na VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. João Pessoa, 1993. 11 p.

ORIOLO, Alvaro Luiz; AMARAL FILHO, Zebino Pacheco de & OLIVEIRA, Ademir Benedito de. Pedologia. *Projeto RAMAMBRASIL*. Folha SE-21-Corumbá e Parte da Folha SE-20. Rio de Janeiro, Ministério das Minas e Energia, p. 225-328, 1982.

PAIVA, Glycon & LEINZ, Victor. *Contribuição para a Geologia do Petróleo no Sudoeste do Mato Grosso*. Boletim do DNPM, n. 37, 1939. 99 p.

PASSOS, José Afonso de Moraes Bueno. *Alguns Petroglifos em Mato Grosso com Apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia*. São Paulo, USP, 1975. 79 p. Tese de Livre-Docência.

PESSIS, Anne-Marie. Métodos de Interpretação de Arte Rupestre: Análises Preliminares por Níveis. *Clio*. Revista do Mestrado em História. Pernambuco, UFPE, Série Arqueologia 1, n. 6, p. 99-107, 1984.

PILES, Petter. *Arte Rupestre nos Estados Unidos da América*. Palestra Proferida no III Workshop sobre Manejo de Bens Culturais. Florianópolis, 1993.

PROUS, André. Exemplos de Análise Rupestre Punctuais. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG, v. 10, p. 196-224, 1985/86.

----- Arte Rupestre Brasileira: uma tentativa de classificação. *Revista de Pré-História*. São Paulo, USP, v. 7, p. 9-33, 1989.

----- *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Editora Universitária de Brasília, 1992. 605 p.

RAMOS, A.B. Silva. *Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, Especialmente do Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1930/39. 2v.

REICHERT, Inês Caroline. Etno-História Chaquenha. Guaycuru e Payaguá. *VI Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia*. Porto Alegre, PUCRS, p. 29-32, 1991.

RIBEIRO, Pedro A. Mentz. *Manual de Introdução à Arqueologia*. Porto Alegre, Sulina, 1977. 63 p.

----- *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre, PUCRS, 1991. 664 p. Tese de Doutorado.

-----, RIBEIRO, C.T. & PINTO, F.C.B. Levantamentos Arqueológicos no Território Federal de Roraima - 3ª Etapa de Campo: 1987. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, FISC, n. 19, v. 16, p. 5-48, 1989.

RIPPOL, Eduardo Perelló. *Orígenes y Significado del Arte Paleolítico*. Madrid, Encuentro Ediciones, 1986. 183 p.

ROGGE, Jairo Henrique. *Projeto Corumbá*. Anotações de Campo. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1992. 19 p.

----- & SCHMITZ, Pedro Ignácio. Projeto Corumbá. A Ocupação pelos Grupos Ceramistas Pré-Coloniais. Trabalho apresentado na VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. João Pessoa, 1993. 11 p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul*. Projeto Corumbá. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1985. 10 p.

----- *Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul*. Projeto Corumbá. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1990. 19 p.

----- *Projeto Corumbá*. Diário de Campo. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1990a. 28 p.

----- *Projeto Corumbá*. Anotações de Campo. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1992. 32 p.

-----; MOEHLECKE, Sílvia & BARBOSA, Altair Sales. Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia. Goiás. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 30, 1979. 73 p.

----- **et al.** *Arte Rupestre no Centro do Brasil*. Pinturas e Gravuras da Pré-História de Goiás e Oeste da Bahia. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1984. 80 p.

----- & BARBOSA, Altair Sales. Horticultores Pré-Históricos do Estado de Goiás. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1985. 45 p.

SEDA, Paulo R. G. *Artistas da Pedra: Pinturas e Gravuras da Pré-História*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. 333 p. Dissertação de Mestrado.

SILIMON, Lehel. *Registro de Pesquisa Arqueológica*. Mato Grosso, CODEMAT/SPRNA, 1971.

SILVA, Fabíola Andréa. *Manifestações Artísticas Pré-Históricas*. Um Estudo Descritivo-Classificatório e Interpretativo da Arte Rupestre de Serranópolis - Goiás. Porto Alegre, UFRGS, 1992. 206 p. Dissertação de Mestrado.

TARIFA, José Roberto. O Sistema Climático do Pantanal. Da Compreensão do Sistema à Definição de Prioridades de Pesquisa Climatológica. *Anais do I Simpósio*

sobre *Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA/CPAP, p. 9-28, 1986.

TERMO de Ajuste. Convênio de Mútua Cooperação entre UFMS, UNISINOS e IAP. Campo Grande, 1986. 2 p.

TRIGGER, B.G. The Determinants of Settlement Patterns. In: CHANG, K. C. (Ed.). *Settlement Archaeology*. Palo Alto, National Press Books, p. 53-78, 1986.

WILLIAMS, D. Controlled Resource Exploitation in Contrasting Evidence by Meso-Indian Petroglyphs in Southern Guyana. *Archaeology and Anthropology*, v. 2, p. 141-148, 1979.

----- Petroglyphs in the Prehistory of Northern Amazonia and Antiles. Wendorf & A. Close (Eds.). *Advances in World Archaeology* n. 4. New York, Academic Press, p. 335-387, 1985.

WHITLEY, David S. Socioreligious Context and Rock Art in East-Central California. *Journal of Anthropological Archaeology* 6, p. 159-188, 1987.

WUST, Irmhild. A Arte Rupestre: Seus Mitos e Seu Potencial Interpretativo. *Ciências Humanas em Revista*. Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras. Goiás, UFGO, v. 2, n. 1/2, p. 47-73, Jan/Dez. 1991.

ANEXOS

Tabela 2 = Fazenda Moutinho (MS-CP-01)

Tabela 3 = Fazenda Salesianos (MS-CP-02)

Tabela 4 = Fazenda Figueirinha (MS-CP-03)

Tabela 5 = Sítio CRMAP (MS-CP04)

Tabela 6 = Total Geral dos Sítios